REVISTA DA SEMANA



NO TEXTO:

"JERUSALEM ESTÁ NO MEU CORAÇÃO"

★

NUDISMO? NÃO! MISÉRIA.

★

RIO, UMA CIDADE ENTUPIDA

N.º 40 ★ 1/10/1949
CR$ 3,00 EM TODO O BRASIL

OS HÁBITOS ADQUIRIDOS NA INFÂNCIA...





JOAQUIM MENDES

PERDURAM POR TÔDA A VIDA

CONTA POPULAR

Depósito inicial 50,00
Limite 100.000,00
Juros .... 6% ao ano

BANCO NACIONAL DE MINAS GERAIS S.A.

CAPITAL Cr$ 60.000.000,00

FILIAL: Av. Presidente Vargas, 509

AGÊNCIAS NO RIO : Bandeira, Castelo, Madureira e Ramos

DE VILA RICA ELA PASSOU A SER — A VILA POBRE ★ POR QUE NÃO TRANSFORMAR OURO PRÊTO EM UMA DADIVOSA CIDADE-TURISMO?

OURO PRETO NÃO PRECISA DE ESMOLAS

"Ouro Prêto, a Vila Rica de antanho, nunca deixará de ser a cidade rica de fé, rica de liberdade, rica de tradições gloriosas que transfiguram o seu ocaso nos esplendores de uma apoteose perene!"

Estas palavras são do Arcebispo poeta, D. Aquino Correia, transcritas na obra "Ouro Prêto", de Brito Machado.

Mas a famosa Vila Rica dos libertadores do século da Revolução Francesa, a imortal Vila Rica do bravo e heróico Chico Rei, da conspiração dos inconfidentes, das pontes românticas, dos amôres de Gonzaga e das lágrimas de Marília; Ouro Prêto do Itacolomi, bandeira de granito elevada a 1.800 metros furando as nuvens de Minas Gerais para dizer aos bandeirantes paulistas que ali havia ouro em abundância e patriotismo capaz de dar-nos a emancipação política; Outro Prêto, cidade mártir, onde cada casa é um altar e cada pedra uma relíquia; Ouro Prêto, refúgio da Fé, sol no poente a dourar com seus resplendores de saudade a alma da gente; Ouro Prêto, onde podemos compreender no murmúrio das fontes a chorar a saudade dos tempos que se foram; e quando chega o crespúsculo, ao descer dos píncaros das serras o manto alvo da neblina, parece que vemos a mão de Deus tangendo nos altares da cidade velhinha o turíbulo de incenso mistorioso que nos faz emudecer de êxtase.

Ouro Prêto, que podia ser a Meca Republicana do Brasil inteiro, recebendo em todos os meses de abril procissões de peregrinos levando-lhes as oferendas de suas homenagens e solidariedade patriótica, surge, estendendo as mãos-cadavéricas à caridade pública, rogando uma esmola para não morrer de inanição!

★

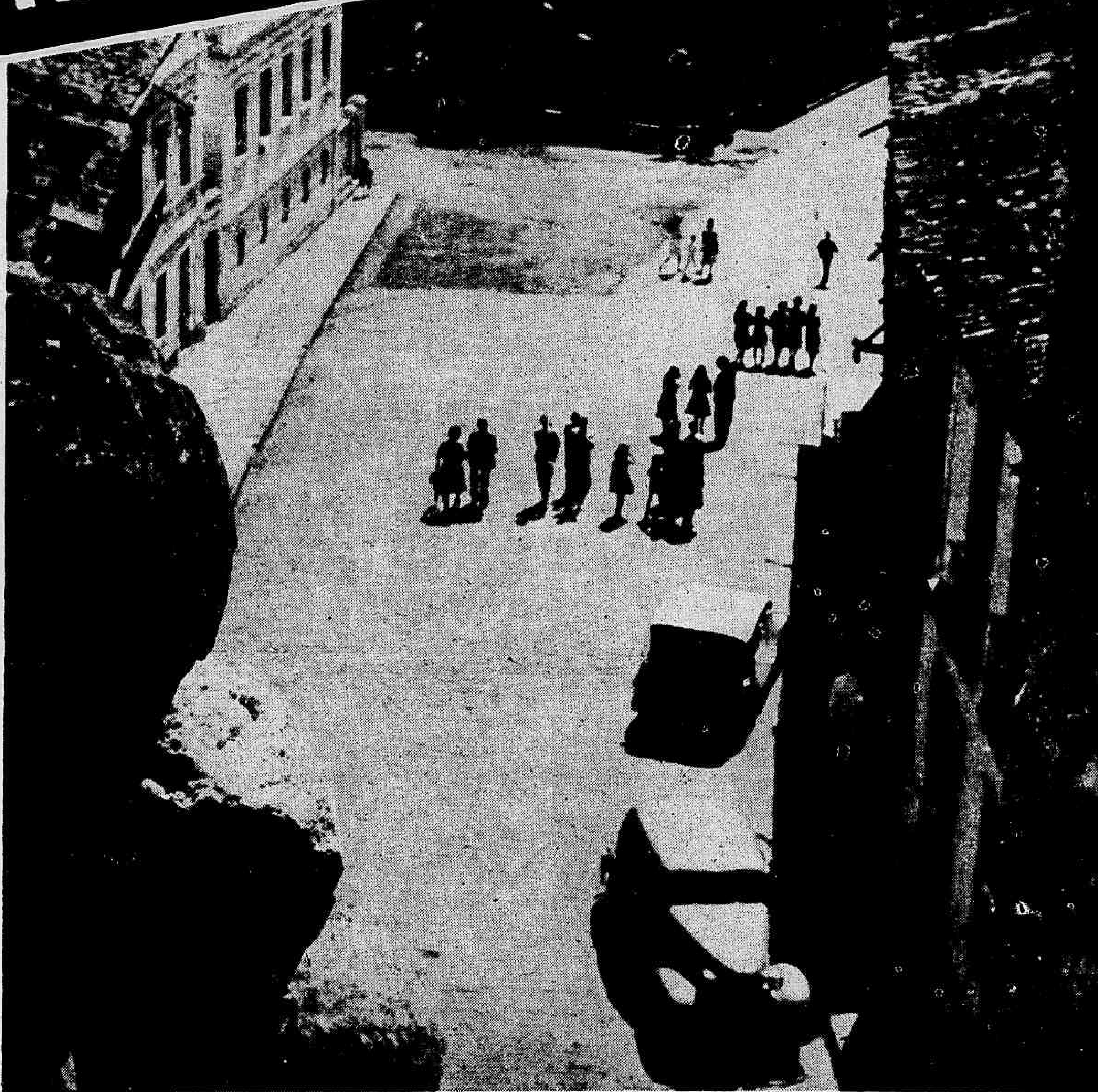
Ouro Prêto de Vila Rica, a antiga opulenta capital de Minas Gerais, a terra do ouro, da fartura, das riquezas mineirais, que forneceu das entranhas de suas grupiaras e do leito de seus rios centenas de arrobas de ouro para que Portugal se embelezasse e reconstruísse Lisboa, edificasse mosteiros e redourasse os tronos de seus reis; cidade do patriotismo e do amor ao Brasil, terra predestinada que deu à nossa História um Felipe dos Santos, sacrificado na vida e nos haveres porque sonhara com a independência de sua Pátria, antes de Tiradentes nascer! Ouro Prêto está reduzida à maior penúria e pede esmolas para remendar os seus andrajos, ela que já foi rainha, que já ofereceu tronos de ouro, que já libertou escravos com o poder de suas bateias faiscando de pepitas. Outro Prêto de Vila Rica, é hoje Ouro Prêto de Vila Pobre, uma página que envergonha nossa incapacidade para administrar o que têm os povos de mais sagrado: os monumentos históricos, as cidades de tradições, cujo solo ainda apresenta o rubor indelével do sangue de seus mártires pela independência nacional.

Ouro Prêto, a cidade das igrejas e das penitências, dos votos e das serenatas, da conquista do ouro e da fé: Ouro Prêto, cidade das capelinhas mimosas, das pontes sôbre precipícios, em cujos riachos as pedras faíscam como se a Terra nos mostrasse os adereços que a Natureza compôs formando diademas de gemas luzilantes expostas no seio da Pátria indiferente. Ouro Prêto, cidade em que viveu o Padre Faria, sacerdote que há dois séculos construiu a Capela de N. S. do Rosário dos Brancos, com seu cruzeiro de três braços, à sombra do qual "em dias de sonho e de meditação, assentou a musa imortal de Bilac". Ouro Prêto, de solo dadivoso, de onde as formigas saíam dos formigueiros coroadas de ouro, está em plena decadência.

Já não se trata de salvar da ruína suas obras de arte religiosa; já não se trata de imitar o gesto daquela inesquecida ouropretana, D. Balbina Xavier, que restaurou a capela do Padre Faria, ajudada pela boa vontade e dedicação de outros conterrâneos. Trata-se de livrar da morte a cidade inteira, corroída pela erosão, pela desídia dos brasileiros responsáveis pela vida de Ouro Prêto.

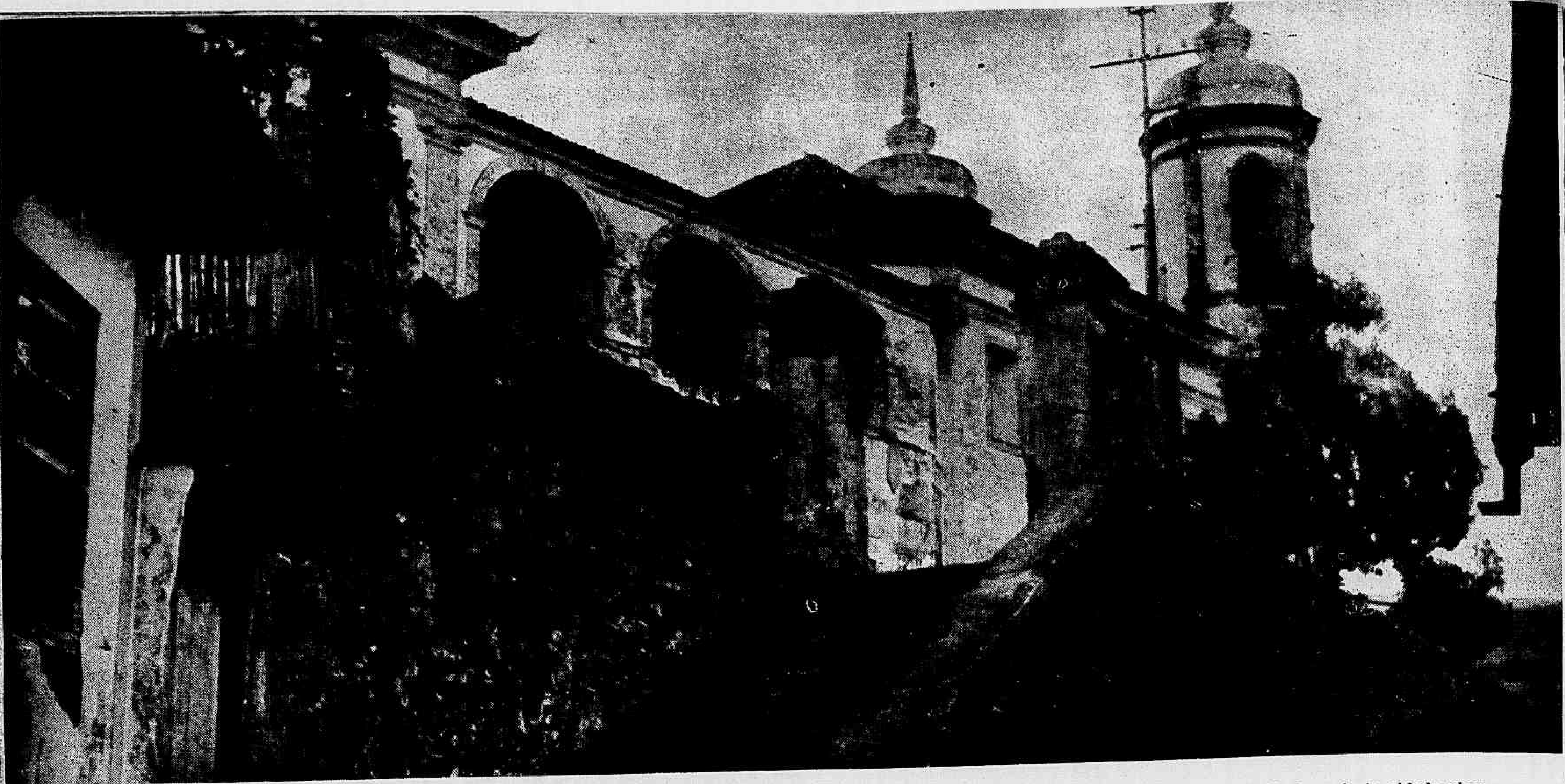
★

Movimentam-se alguns patrícios e iniciam neste momento uma coleta para obter meios finaiceiros e ajudar Ouro Prêto a ficar em pé diante do tempo. Mas, de





CONTINÚA



Um dos templos mais antigos de Ouro Prêto, onde os sinos, quando dobram pela memória dos mortos, mais parece que plangem diante do esquife da própria cidade abandonada e sombria. Vejam os musgos nos paredões e as marcas do tempo nas fachadas em ruínas. Tudo isso precisa ser, não apenas restaurado em caráter provisório, mas carinhosamente tratado e mantido de modo a interessar às camadas de turistas, que encontrariam na histórica cidade mineira, uma das mais impressionantes atrações. Os templos de Ouro Prêto estão bem nesse caso

que forma estão agindo? De maneira incompatível com a dignidade de Vila Rica: — pedindo esmola.

Não! O que se deve fazer, e com urgência, é transformar Ouro Prêto numa cidade de turismo de âmbito nacional, facilitando o govêrno federal, o estadual e o municipal, tudo o que fôr necessário à ida de brasileiros à cidade-relíquia. Cada visitante pagaria uma taxa turística, formando um fundo monetário, destinado exclusivamente à restauração da cidade, conservação de seus monumentos, de seus edifícios, mantendo aquela fisionomia arquitetônica que os séculos nos legaram. Dar esmolas a Ouro Prêto é uma ignomínia, uma afronta aos brios da cidade, uma ofensa aos nossos sentimentos de patriotismo. Ouro Prêto não precisa de esmolas, precisa de justiça.

A cidade merece ser vista, admirada, estudada, para que todos os brasileiros a amem e não a lastimem. Dar esmola a um mendigo nem sempre é ato de caridade; é gesto de vaidade mórbida, incompatível com os sentimentos cristãos.

Se os podêres públicos quiserem, transformarão Ouro Prêto num santuário, numa Lourdes, numa Meca, num Vaticano de Fé e Patriotismo, nutrindo no coração dos brasileiros os mais puros e belos sentimentos de civismo, e nunca permitindo que se converta uma cidade paradigma de heroísmos e virilidade nacionalista, num recanto apodrecido dentro do nosso esquecimento, e que só nos vem à lembrança quando as vaidades de listas de subscrições forçam a prática de uma caridade exibicionista.

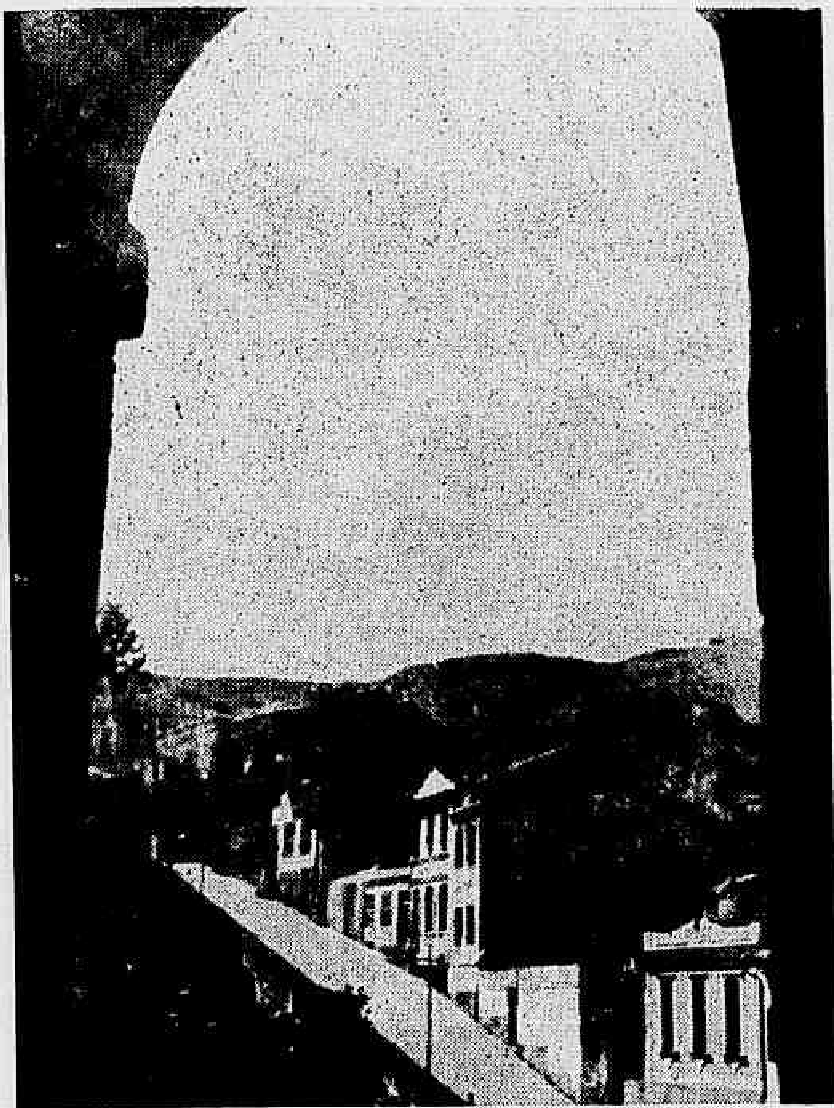
Mostrar Ouro Prêto aos brasileiros, levá-los ao Alto da Cruz, e contar-lhes as tradições supersticiosas quando o sino fanhoso e lúgubre da igreja de N. S. do Rosário soavam as doze badaladas da meia-noite; mostrar-lhes a Ponte dos Suspiros, a Ponte de Antônio Dias, o bandeirante que descobriu ouro no riacho Tripuí e iniciou a vida no arraial; ministrar informações acêrca da construção da famosa igreja Santa Efigênia, a deusa dos negros, erguida para que os escravos tivessem um templo onde adorar N. S. do Rosário, pois sua entrada era proibida nas igrejas dos brancos; falar nas trezenas de Santo Antônio, quando os pretos cantavam em côro:

Santo Antônio de Lisboa
Poderoso "Imperadô"
Que no dia 29
Do castigo nos "livrô",

contar a tradição de Frei Francisco, o monge a quem Deus ouvia sempre que lhe dirigia um pedido. Narrar o que eram as festas de junho no Morro de S. João, nos versos da "Roda Morena", tôda a cidade iluminada de fogueiras, que, vistas do alto, mais pareciam milhares de velas acesas a enfeitar um grande bôlo comemorando o aniversário de Deus; relatar os tipos populares e suas crônicas desopilantes: o Lourenço Mia-Gato, o Zé da Fé, e tantos outros; ir ao adro da Igreja de São Francisco de Paula e dali, em noite de lua cheia, admirar o panorama; é como se estivéssemos

Esta é uma das ruas que levam à estação da E. F. C. B. com suas casas a debruçar-se para as encostas de um dos numerosos morros, por sôbre os quais se construiu a lendária cidade, ex-capital do Estado. O despenhadeiro, à direita do leitor, é, também, uma rua, por onde se sobe ou desce com alguma dificuldade. Quem vai a Ouro Prêto deve ir disposto a conhecer as ladeiras mais íngremes que porventura existam — mas tudo isso resulta de um pitoresco e de um encanto sem limites. Nas manhãs ensolaradas, um giro pela cidade heróica é um prazer





Rua típica de Ouro Prêto, com sua edificação secular e evocativa, imagem do passado. Montanha ao fundo, um céu azul-turquesa, gente dentro de casa entregue a seus afazeres domésticos — e a cidade tem um ar de abandono

a olhar o Brasil de uma janela do céu, sôbre o fascínio da freguesia de N. S. do Pilar. Visitar o Museu da Cidade, o Pantheon da Inconfidência, com farta documentação sôbre a morte de Tiradentes, os túmulos onde hoje descansam os despojos dos conspiradores, a fôrca, as atas da execução; ver o edifício na aba de um morro, fora da cidade, do outro lado da estrada de ferro, em que conspiravam os revolucionários; examinar de perto o cubículo em que apareceu morto Cláudio Manuel da Costa, e a porta que dava para uma passagem subterrânea ligando a Casa dos Contos (Casa da Moeda) ao Palácio dos Governadores, onde está hoje a Escola de Minas; olhar o Morro da Fôrca; o local em que morou Marília de Dirceu; a casa dos Gonzaga, de Bernardo Guimarães, a praça em que se ergue o monumento à memória de Tiradentes. Molhar os pés no riacho que ofereceu as primeiras pepitas de ouro a um escravo, provocando o "rush" bandeirante. Contar a origem da Igreja de Bom Jesus dos Perdões, um drama de natureza doméstica, fruto daqueles tempos em que o amor era impôsto aos corações jovens pelos pais irreverentes. Mostrar tantas belezas naturais, onde o patriotismo, a fé, a superstição, crendices, os boêmios, as festas populares, o sangue dos heróis, tipos de rua, folclore — poderão contribuir para tornar Ouro Prêto admirada como uma cidade imortal, sempre lembrada com saudade e orgulho por todos os brasileiros, e nunca um casario em ruínas, cujos escombros revoltem o ânimo dos patriotas e cobrem de luto, de decepção e pessimismo o coração nacional.



Esta é a artéria urbana mais importante da cidade, a rua de São José. De ladeira menos acidentada, com seus sobrados à antiga e os candieiros pendurados à janela, de braços de ferro, é, também, uma artéria com certo ar comercial



Velhos sobrados que foram testemunhas de emocionantes acontecimentos na atribulada história de Vila Rica. Ei-los agora aquecidos apenas pelo sol do crepúsculo. Mas cada uma dessas janelas de gilhotina, cada entrada de pedra rústica, valem por uma evocação mais grata do drama dos Inconfidentes



Praça em cujo centro se vê o monumento a Tiradentes, justamente no local em que andou exposta sua cabeça em 1792. Ao fundo, o Pantheon e o Museu dos Inconfidentes, antiga Cadeia. Flagrante tomado quando, casualmente, era conduzido ao museu um "palanquim" ou "cadeira de arruar", peça histórica e curiosa



Ouro Prêto de Vila Rica, berço de Afonso Celso, segunda pátria de Chico Rei, o soberano negro, que deixou em Minas Gerais a instituição dos Congados de Nossa Senhora do Rosário, é tôda ela assim — a imagem do Passado para a adoração do Presente. Façam dela uma cidade de turismo e seu futuro estará garantido

A PERSONAGEM DA SEMANA



O sr. Milton Soares de Campos, governador de Minas Gerais, numa fotografia tomada quando da Conferência de Petrópolis com o sr. presidente da República

A situação política no que se refere aos entendimentos interpartidários para a escolha de um nome que encerre todos os desejos de paz e garantia do nosso regime constitucional como sucessor do atual presidente da República, apresentou-se na semana finda com fortes tendências a que saísse de Minas Gerais o futuro candidato.

Vários próceres políticos da mais acentuada evidência foram a Belo Horizonte, mantendo com o sr. Milton Campos demoradas conferências.

Por outro lado, e com a mesma intenção, os pessedistas liderados pelo deputado Benedito Valadares parece que procuram um nome que seja mineiro, mas saído de suas hostes.

O nome do governador Milton Campos esteve em evidência, dando a impressão pública de que os entendimentos e confabulações entre os três grandes partidos — PSD, UDN e PR — em cuja órbita gravitam os menores, iriam concluir, em definitivo, pela escolha do atual governador de Minas Gerais para o próximo pleito presidencial.

Entretanto, não somente em virtude daquele vôo do sr. Benedito Valadares a Belo Horizonte, em avião da Presidência da República, como ainda em face das reiteradas afirmações do sr. Milton Campos de que o nome a sair do acôrdo interpartidário será de livre escolha dos dirigentes responsáveis dêsses mesmos partidos, o panorama serenou e se manteve numa espécie de expectativa, sem maiores exterioridades.

Nos últimos dias desta semana, porém, novamente voltaram a agitar-se os líderes dos **três grandes**, tornando o Palácio da Liberdade a Meca de tôdas as peregrinações. E o nome de Milton Campos voltou à tona de todos os comentários políticos. Mas o governador mineiro se mantém discreto, declarando que a união mineira não visa conquistar para Minas a Presidência da República.

A SEMANA EM Revista

OS CARROS OFICIAIS

Diante dos abusos com os automóveis oficiais, que servem para excursões, passeios, banhos de mar, idas a cinemas e teatros, o sr. presidente da República determinou que fôssem anotados pelos inspetores de tráfego todos os carros de chapa branca que circulem com senhoras e crianças fora das horas de expediente, ou os que forem surpreendidos às portas de casas de diversões, campos de futebol, nas praias, etc., denotando que os seus "donos" estão apenas abusando dos dinheiros públicos. Parece, entretanto, que as determinações do Chefe do Govêrno estão sendo ignoradas por muitos dos detentores de cargos públicos, uma vez que continuam a rodar os carros oficiais de Ministérios e demais repartições estatais, como se os veículos fôssem propriedade dos altos funcionários. Êsse costume não é novo entre nós. Vem de muito longe e, até agora, ainda não houve um govêrno que pudesse acabar com o abuso e o escândalo. Se o general Dutra, homem de costumes austeros e de natureza modesta, conseguir deter a anarquia, pode gloriar-se de haver realizado neste país uma das maiores obras de defesa pública: a moralização de nossos costumes em relação ao uso indevido dos carros oficiais.

★

TALVEZ DÊ CERTO

Não é somente nos cinemas desta capital que está em moda a anarquia promovida por certos engraçadinhos. Em Pôrto Alegre, no Norte, em Minas, em tôdas as grandes cidades, os que vão passar umas horas de distração nessas casas de espetáculos, saem irritados com o outro espetáculo imprevisto: a palhaçada dos rapazes "espirituosos", provocadores de aborrecimentos. Em Juiz de Fora o caso chegou ao cúmulo com êsses perturbadores de sessões. O delegado geral de Polícia, sr. José Henrique Soares, decidindo acabar com o abuso, encontrou um meio que deve dar certo: pegar os mocinhos pela gola e mandar publicar suas fotografias nos jornais como elementos indesejáveis à sociedade local. Aí está uma providência que a Polícia do Rio devia adotar. A êsse respeito já um dos nossos cronistas foi mais longe, e lembrou a expulsão do perturbador da ordem pública, a exibição de sua fotografia num quadro no "hall" dos cinemas, e absoluta proibição de sua frequência em tais casas de diversões, na reincidência. Seja como fôr, o que não é possível é suportar-se a licenciosidade dessa gente sem a menor compostura num meio que deve merecer mais respeito.

★

LIGAÇÃO FERROVIÁRIA NORTE-SUL

Segundo afirmam, já construiu o atual govêrno maior quilometragem ferroviária do que a Ditadura nos seus quinze anos de domínio no país. Não quer isto dizer que o govêrno tenha feito muito a tal respeito, mas significa que a Ditadura fêz muito menos. Dentre as obras de prolongamentos ferroviários em andamento no Brasil, neste período presidencial, cita-se como a de maior eficiência, a ligação Rio-Bahia, cujos trilhos articulam o Norte e o Sul. Essa obra de grande significação já vem tarde, não somente porque vem unir os brasileiros desde o Rio Grande do Sul ao baixo São Francisco, em Propriá, Estado de Sergipe, como porque não é estrada que venha fazer concorrência às outras vias de comunicação, como sejam: a navegação de cabotagem, pela orla marítima, a rodovia Rio-Bahia e a navegação do rio São Francisco. Tôdas essas artérias de comunicação se situam na direção Sul-Norte, relativamente paralelas, como excelentes caminhos de fluxo e refluxo do país, sem que uma se torne em concorrente da outra. O govêrno da união jamais se arrependerá dos dinheiros empregados na rodovia e na ferrovia na direção do Norte, e deve fazer todos os esforços para dotar as outras duas de melhoramentos vitais: a cabotagem e a fluvial.

BAIXARÁ A CASIMIRA?

Com a sensacional reviravolta da libra esterlina, muito se vem falando, discutindo e teimando sôbre questões de economia política, de câmbios, valorização e seu reverso. O povo, em geral, não entende muito disso, mas sabe por intuição, que, se a libra inglêsa houvesse subido de cotação, todos os vendedores de casimira já haviam aumentado os preços... Como, porém, a manobra foi para desvalorizá-la, ainda ninguém anuncia vender casimira inglêsa um pouquinho mais barato. Hão de argumentar: essas fazendas foram pagas ainda no regime de valorização a 4 dólares e oitenta para cada esterlino; sim, de acôrdo; mas, se vêm aí carregamentos de casimiras inglêsas com os preços diminuídos, não seria lógico que os atuais vendedores do produto procurassem forçar a venda de seus "stocks" antes de um "dumping" na praça? O bom raciocínio assim aconselha. Seja como fôr, êsse assunto de câmbios constitui um mistério. Contam que Floriano Peixoto, ao assumir a Presidência da República, alarmado com a situação do país, mandou convocar os seus conselheiros para uma reunião. Interrogando-os ouviu deles que a culpa era do câmbio. Então o Marechal de Ferro ordenou: "Prendam o Câmbio!"

★

PROF. ALFREDO GOMES

Passou, a 12 de setembro, o nonagésimo aniversário de nascimento do dr. Alfredo Gomes, médico e educador de várias gerações dêste país. O educandário que fundou e ainda existe nas Laranjeiras, com o seu nome, adquiriu, do Império à República, o mais elevado e justo prestígio, dali saindo homens que dignificaram e dignificam nossa pátria em vários setores da cultura humana. Brasileiros ilustres que honram nossa civilização, nas artes, nas ciências, nas classes armadas, na magistratura, na política, tiveram como fonte inicial de suas carreiras, as aulas do Colégio "Alfredo Gomes", no ambiente poético das Laranjeiras. O grande educador, embora médico, desde muito havia abandonado a clínica e se dedicado ao magistério secundário. Mestre da língua pátria, homem de rara cultura e decidida vocação para o magistério, Alfredo Gomes encheu de beleza moral a nossa terra, modelando caracteres, abrindo com o seu saber, a estrada da cultura para a mocidade passar na direção dos seus triunfos mentais e espirituais. O prof. Alfredo Gomes merece as homenagens de todos os brasileiros, pelo muito que fêz pelo Brasil, por sua mocidade, pelo prestígio de nossa pedagogia.

★

APERITIVO POLÍTICO

Começam a aparecer em diversos primeiros-andares desta capital, largas e bem pintadas tabuletas com dizeres que lembram ao público os seus deveres eleitorais. Não será por falta de escritórios que o carioca deixe de alistar-se. Mas, a esta hora já se acham em execução por vários Estados do país planos de divulgação política de grande efeito publicitário em favor de aguns homens públicos brasileiros, como que numa "avant-premiére" para a sensacional parada do ano que vem. Um dêsses políticos é o governador de São Paulo. O sr. Ademar de Barros iniciou agora a propaganda de seu nome em todo o Estado de Minas. Depois de fazer um trabalho bem feito na zona do Triângulo Mineiro, chegou a Belo Horizonte. Numa dessas manhãs da semana passada, a cidade despertou cheia de vistosos cartazes com o retrato do governador bandeirante e dizeres referentes à sua atividade de homem público. Na Praça Sete, a famosa praça do Obelisco, centro nervoso da bela capital mineira, só se vê propaganda de Ademar de Barros. Mas, propaganda para quê? Em nenhum dêsses cartazes se fala em Presidência da República. Apenas se procura mostrar ao mineiro que o governador de São Paulo é um homem dinâmico. Uns dizem: "Ademar é a fôrça e a vontade do povo!". Outros bradam: "Viva Ademar". Pelo aperitivo, o banquete da sucessão vai ser movimentadissimo!

REVISTA DA SEMANA

ANO LXVIII ★ N.° 40 — 1.° DE OUTUBRO DE 1949

Redator-Chefe: CELESTINO SILVEIRA — Chefe de Publicidade: J. M. COSTA JUNIOR — Paginação de VICTOR TAPAJOZ

PUBLICAÇÃO DE ARTE, LITERATURA E MODAS
A decana das revistas nacionais. Premiada com medalha de ouro na Exposição de Turim de 1911 e os Grandes Prêmios nas Exposições de Sevilha e Antuérpia, em 1930, e na Feira Internacional de São Paulo, em 1933

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMÉRICAS

Porte simples — Um ano	Cr$ 140,00
Seis meses	Cr$ 70,00
Registrada — Um ano	Cr$ 170,00
Seis meses	Cr$ 85,00

ASSINATURAS PARA O EXTERIOR

Registrada — Um ano	Cr$ 270,00
Seis meses	Cr$ 140,00

O número avulso custa Cr$ 3,00 em todo o Brasil; atrasado, Cr$ 3,50

Correspondentes — Na Bahia: J. Machado Cunha, avenida Sete de Setembro, 149 Cidade do Salvador, Bahia. Em São Paulo: vendas na Capital a cargo da "Agência Zambardino", à rua Capitão Salomão, 67, tel. 4-1569; Publicidade a cargo de Jarbas Galvão, rua Brigadeiro Tobias, 615, 2º andar, sala 217, tel. 6-6718

TEM AGENTES EM TÔDAS AS LOCALIDADES DO TERRITÓRIO NACIONAL

Representantes — Nos Estados Unidos da América do Norte: Aguiar Mendonça, 18 West Street, New York City, N. Y. Na África Oriental Portuguêsa: D. Spanos, Caixa Postal 434, Lourenço Marques. Em Portugal: Helena A. Lima, avenida Fontes Pereira de Melo, 34, 2º distrito, Lisboa. No Uruguai: Moratorio & Cia., Constituyente, 17.. Montevidéu. Na Argentina: "Interprensa", Florida 299, tel. 32, avenida 9109, Buenos Aires. Tôda correspondência deve ser endereçada ao diretor. O corpo de colaboradores da REVISTA DA SEMANA está organizado. Só publicamos colaboração solicitada pela redação. Não devolvemos originais, mesmo quando não publicados. Os trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores

Êste número consta de 60 páginas

Propriedade da COMPANHIA EDITORA AMERICANA — Rua Visconde de Maranguape, 15 — Rio de Janeiro
Diretor-Presidente: GRATULIANO BRITO — Diretor-Secretário: R. PEIXOTO DE ALENCAR
Telefones — Redação: 22-4447; Publicidade: 22-9570; Gerência: 22-8647; Contabilidade: 22-2550; Fotografia: 22-1013; Portaria: 22-5602

PUXE PELO Cerebro

NOSSA PÁGINA DE TESTES — OS SEIS PONTOS DA CULTURA

Nenhuma resposta certa	Estado primitivo	Homem-macaco
De 1 a 3	Cultura inferior	Selvagem
De 4 a 10	Cultura média	Estudante ginasial
De 10 a 15	Cultura superior	Universitário
De 16 a 19	Genial	Um sábio
Tôdas as vinte		O gênio em pessoa

AGORA, AFIEM A MEMÓRIA

1 UMA HEBDÔMADA é:
Uma corrida olímpica,
Medida romana, ou
Uma semana?

2 O RIO OIAPOC também se chama:
Tumuc-Humac,
Vicente Pinzón ou
Parima?

3 O JORNAL MAIS ANTIGO EM CIRCULAÇÃO NO BRASIL é
"Jornal do Comércio", do Rio,
"A Pacotilha", de S. Luis, ou
"Diário de Pernambuco", do Recife?

4 ANTES DA UNIFICAÇÃO DA "LIGHT", quantas Companhias de Bondes havia no Rio?
Uma?
Três?
Cinco?

5 O SEGURO DE VIDA ERA PROIBIDO NO BRASIL PELO:
Código Civil?
Pelo Código Comercial?
Pelo Código Penal?

6 A ÍNDIA PARAGUAÇU CASOU-SE COM:
Diogo Álvares?
Tomé de Sousa?
Martim Afonso?

7 O GRANDE PINTOR ANTÔNIO PARREIRAS era:
Fluminense?
Carioca?
Português?

8 O ÁGORA DE ATENAS ERA:
Uma praça?
Um teatro?
Uma espécie de chapéu?

9 EM QUE ANO BARTOLOMEU DE GUSMÃO SUBIU EM BALÃO EM LISBOA:
1760?
1709?
1730?

10 EM QUE RUA D. JOÃO VI INSTALOU A BIBLIOTECA NACIONAL?
Santa Luzia
Rua do Passeio
Do Mercado?

11 A PSICANÁLISE FOI CRIADA POR:
Young?
Freud?
Osvaldo Cruz?

12 QUANTOS MESES CONTÉM O CALENDÁRIO CONCRETO DO POSITIVISMO?
Onze?
Doze?
Treze?

13 A INSTITUIÇÃO JURÍDICA DO "HABEAS-CORDPUS" é:
Inglêsa?
Romana?
Norte-americana?

14 QUAL A IGREJA DO RIO CUJAS OBRAS COMEÇARAM EM 1775 E TERMINARAM EM 1889?
A Catedral?
A Candelária?
São José?

15 QUAL O JURISTA BRASILEIRO QUE APRESENTOU O PRIMEIRO PROJETO DO CÓDIGO CIVIL?
Ruy Barbosa?
Clóvis Beviláqua?
Teixeira de Freitas?

16 O PERÍMETRO DA BAÍA DE GUANABARA MEDE:
130 quilômetros?
140 quilômetros?
152 quilômetros?

17 EM QUAL DÊSTES MUNICÍPIOS NASCEU TIRADENTES?
Ouro Prêto?
São José del Rey?
Barbacena?

18 EM QUE LOCAL DO RIO ANTIGO FICAVA A PRAÇA DA CONSTITUIÇÃO?
No largo de S. Francisco?
Na praça Tiradentes?
No Campo de Santana?

19 O GRANDE TERREMOTO DE LISBOA FOI EM:
1755?
1808?
1789?

20 PARA RUY BARBOSA, QUAL ERA A MAIOR DATA NACIONAL?
15 de Novembro?
7 de Setembro?
13 de Maio?

Confira suas respostas na página 58 e receba o seu "Diploma".



No dia seguinte...

É muito comum, no dia seguinte ao de reuniões infantis, as crianças amanhecerem indispostas, sem apetite, com vontade de vomitar, dôres no ventre e outros desarranjos do estômago e intestinos.

Às vezes, os efeitos das gulodices (que, não raro, já encontram um estômagozinho sujo, mal preparado para recebê-las) se fazem sentir até no mesmo dia, ou durante a noite. De qualquer modo que isto aconteça, a pobre criança pagará caro alguns breves momentos de prazer, se o seu mal não fôr prontamente atalhado com um remédio de confiança, que lhe proporcione rápido alívio. Quem tiver ocasião de constatar os resultados surpreendentes do **Ventre-Livre** certamente não deixará mais de empregá-lo em tais casos.

As mães cuidadosas não devem, entretanto, esperar que as crianças tenham uma perturbação forte para recorrer ao **Ventre-Livre**. Compete-lhes impedir que as horas felizes de seus filhos se convertam em sofrimento. Serão evitadas as intoxicações se, além de uma alimentação sadia, o estômago e intestinos dos pequenitos fôrem mantidos sempre bem limpos e bem tonificados com o uso frequente de **Ventre-Livre**.

De ação suave e gôsto agradável, **Ventre-Livre** evita e trata as indigestões e todos os distúrbios causados pela prisão de ventre, sendo muito aconselhável o emprêgo dêsse remédio antes e depois das festas infantis.

Não esquecer nunca:

Ventre-Livre não é purgante

CONTOS PARA A "REVISTA"

"REVISTA DA SEMANA" ESTIMULA AS APTIDÕES LITERARIAS DOS SEUS LEITORES

1 — Só serão aceitos contos escritos em tôrno de temas brasileiros, sôbre os quais os nossos leitores possam discorrer com pleno conhecimento e com facilidade.

2 — Os contos devem ser invariavelmente dactilografados, em razão do que não serão tomados em consideração trabalhos manuscritos.

3 — A redação não dá informações pelo telefone ou por escrito sôbre os contos selecionados ou considerados não publicáveis. Os contos julgados bons serão publicados, podendo os seus autores procurar a importância de sua colaboração na caixa. Os autores residentes nos Estados serão pagos por via postal, nos lugares em que estiverem.

4 — Os contos devem ter no mínimo três fôlhas dactilografadas, tipo ofício, em espaço dois, e, no máximo, oito fôlhas.

5 — Os autores devem escrever o seu nome e residência na fôlha de rosto do conto e na página final do mesmo. No caso de usarem pseudônimo e o nome verdadeiro, êste será utilizado apenas para efeito de pagamento. E' desnecessária a remessa de quaisquer cartas encaminhando os contos, bastando a decelaração, no envelope: **Conto para a "REVISTA DA SEMANA"**.

6 — As características dos contos selecionados devem ser: dramaticidade, interêsse humorístico e pitoresco da narrativa, qualidades literárias do estilo, originalidade, etc. Os autores devem procurar, acima de tudo, a correção na simplicidade, fugindo ao lugar comum e à banalidade. Não é aconselhável desenvolverem literariamente anedotas em curso, pois anedota não é conto. O gênero tem características próprias e essas peculiaridades devem ser respeitadas.

GRANDE DESCOBERTA PARA OS CALVOS

TÔNICO CAPILAR "AMARALINA" — (Trata-se da famosa descoberta verificada na Bahia). De base vegetal dá certeza absoluta que seus cabelos tornarão a nascer. Os fabricantes garantem devido a milhares de casos em todo o Brasil. Com um vidro detém a queda dos cabelos, elimina totalmente a caspa e com a continuação fará voltar a sua saudosa cabeleira. Encontra-se em Drogarias, Perfumarias, Farmácias, etc., a Cr$ 35,00, o vidro

Aceitamos pedidos pelo Reembôlso Postal. Preço: Cr$ 45,00, livre de porte. M. M. BURLE & CIA. LTDA. — Avenida Rio Branco, 137 — 6.º andar — Sala 616 — RIO DE JANEIRO

A Agua Sanitaria CLARINHA
Dá valiosos brindes na chapinha



Jôgo fisionômico bem trabalhado, atitudes excêntricas, inflexões cômicas por demais acentuadas, constituem o segrêdo do agrado de Oscarito e Dercy Gonçalves. Dentro do gênero revista, êles são, incontestàvelmente, duas grandes figuras, e a circunstância de aparecerem juntos, resultou no sucesso que já se fazia esperar: se cada qual, isolado, era o bastante para levar multidões ao teatro, reunidos valem por uma atração de relêvo. Pode discutir-se o nível da sua comicidade, mas não o agrado que ambos provocam.



Oscarito tem seu lugar marcado também no cinema. Dercy ainda não fêz uma experiência definitiva na tela; uma película com os dois fazendo os papéis principais, seria a repetição do agrado por ambos alcançado no palco

COMO E' TRISTE FAZER GRAÇA!

ARTE de fazer graça — arte das mais difíceis. Indaguem de qualquer histrião o que representa, para êle, maior apuro, se arrancar da platéia um fartão de lágrimas ou um dilúvio de gargalhadas, e a resposta será apenas esta: — O espectador chora fàcilmente. Ou pelo menos deixa emocionar-se...

Daí, por exemplo, o grande segrêdo do sucesso das novelas radiofônicas. Existem autores dramáticos em muito maior dose do que os cômicos. O patético, o empolgante, o que provoca arrepios, obtêm-se com os recursos clássicos, os ingredientes de todos os tempos. Espectadores de nossos dias, atingem o grau mais alto de emotividade, mercê dos mesmos recursos que seus avós — e já não acontece o mesmo com os efeitos de comicidade. Nestes, revezam-se os trucs, e quando um artista insiste em lançar mão dos métodos adotados pelos antecessores, tem os dias contados. Todos nos comovemos com o eterno pieguismo da espôsa abandonada, da pobre mulher que perdeu os filhos na guerra, do homem cego que não pôde ver a mulher amada — mas nos irritamos quando um simples comediante cinematográfico nos quer fazer rir com as mesmas receitas dos artistas de há dez ou quinze anos passados.

Oscarito e Dercy Gonçalves arrancam explosões de gargalhadas quando surgem no palco, mesmo antes de dizerem uma palavra. Pode existir, em tudo isso, uma grande dose de sugestão, ou de mera atualidade: ambos estão em moda. Num amanhã pouco distante, pode acontecer que, repetindo êsses trucs de atitudes e inflexões, nenhum deles consiga mais do que um bocêjo do público. No momeito, porém, Dercy e Oscarito arrastam a um teatro onde se exibam, multidões contínuas. E' o que sucede agora durante as representações da revista "Quero ver isso de perto", cujas receitas de bilheteria vão além de trinta mil cruzeiros por noite, em dias comuns, atingindo a cifras muito maiores nos sábados e domingos, com as vesperais. E enquanto o teatro de declamação atravessa uma fase angustiosa, vendo-se mesmo na triste contingência de baixar os preços, quase até competindo com os de cinema — os cartazes de revista quebram os mais astronômicos "records", ultrapassando, por mês, à casa do milhão de cruzeiros. Não se deve atribuir o sucesso comercial dêsses espetáculos, ao apuro das montagens de revista, às encenações faustosas — mas, simplesmente, ao fator "comicidade".

Aparentemente, nosso público anda saturado de de bom humor. Não cabe neste caso saber se o público

atro de
isolado,
ovocam

de gar-
de di-
o, uma
: ambos
e, pode
udes e
um bo-
Oscarito
es con-
resenta-
ajas re-
ruzeiros
s muito
erais. E
ma fase
ncia de
s de ci-
s astro-
casa do
sucesso
ntagens
simples-

ado de
público

O BEIJO QUE HOLLYWOOD NÃO APRENDEU



— Será que ainda me consideram um "brotinho"? — exclama Dercy, simulando uma cena cômica com Oscarito. Ao lado, Yara Sales parece escandalizar-se com a pose da estrê
E' preciso lançar mão de todos os recursos para despertar a hilaridade na platéia, embora o teatro de revista, tal como se faz no Brasil, seja dos mais apimentados. Culpa d
autores, dos intérpretes ou do público? As opiniões variam, mas a verdade é que, enquanto os teatros de comédia passam por crise violenta, os de revista batem records de bilhete



desamparo tantas iniciativas de alto sentido artístico. Registre-se o fenômeno — e nada mais.

★

— Mas, como é triste fazer graça por obrigação, tôdas as noites, a horas certas! — dizem na intimidade os cômicos mais famosos. Provocar a hilaridade do público mesmo quando, particularmente, um problema de ordem moral ou financeira nos esteja afligindo — é quase uma tortura.

O eterno drama do palhaço, enfim. Quem vê Oscarito ou Dercy dando conta de seus papéis taxativamente engraçados na revista em que ora se apresentam, não pense, entretanto, que estejam torturados, não. Nunca os cômicos de revista foram tão bem pagos no

Outra expressão caricata de Dercy Gonçalves, no grande páreo de comicidade com Oscarito. Em recente excursão feita à Venezuela, a excêntrica da revista brasileira, foi muito bem sucedida com êsses recursos

Brasil como neste momento, e em relação aos me
cionados acima, por ocasião da assinatura de seus co
dramas e talvez lhe bastem os da vida real, procuran
no teatro, mesmo a preços mais altos, uma recupera
tratos falou-se em cem mil cruzeiros mensais pa
Oscarito e talvez a metade para Dercy Gonçalves. O
trabalho é exaustivo, sem dúvida; sua presença no pal
faz sentir-se durante quase todo o tempo da r
presentação, porque êles representam o forte da b
lheteria. Mas, nem por isso andam mal humorados.
Pelos modos, a competição surgida entre as comp
nhias dêsse gênero fêz valorizar o serviço dos artist
de certa evidência para cima. E já se fala em pag
"luvas" de alto preço para evitar que uma dessas f
guras debande para o setor concorrente, a exemplo d
sucedido nos campos desportivos...

Positivamente, não deve ser tão triste assim fa
graça. Ainda menos quando, no fim do mês, um cheq
de cinquenta ou cem mil cruzeiros vai ter aos bôl
de quem possui por obrigação, a agradável tarefa de
vertir o seu semelhante, nesta hora de tão poucos e
tretenimentos gratuitos...

"JERUSALÉM ESTÁ NO MEU CORAÇÃO"!

— "MINHA CABEÇA POR DEZ MIL LIBRAS, MAS NÃO DESVALORIZADAS!" — DECLARA O LIBERTADOR DE ISRAEL ★ CARREGADO NO RIO PELA MULTIDÃO ★ TIRADENTES E DOV BELA GRUNER ★ O PETRÓLEO E A PALESTINA ★ UM TIPO NEGA O HERÓI ★ A TRANSJORDÂNIA NUNCA EXISTIU ★ A EPOPÉIA DA IRGUN, CONTADA NUM LIVRO PELO SEU GENERAL, MENACHEM BEGUIN

Reportagem de LEVY KLEIMAN (Especial para a **REVISTA DA SEMANA**)



Muito antes da guerra entre israelitas e árabes, que centralizou na Palestina a atenção mundial, antes que se concretizasse o sonho duas vêzes milenar dos judeus de todo o mundo, o ressurgimento de Israel no concêrto das nações, precedendo ainda o término da segunda guerra mundial, surgiu na Terra Santa um movimento que foi a consequência do terror implantado pelo nazismo em tôda Europa. Começou a agir na Palestina e fora dela um exército subterrâneo, a lendária "Irgun Zvai Leumi", chefiado por um não menos lendário chefe, Menachem Beguin.

Nos jornais do mundo inteiro apareciam todos os dias telegramas relatando as proezas de um exército clandestino constituído de milhares de "maquis", operando numa pequena faixa de terra contra mil soldados britânicos, e, segundo o dizer de um jornalista que estudou a fundo o assunto, o "herói máximo dessa extraordinária saga que parece um conto mitológico, Menachem Beguin", considerado pelo Senador Guy Gillete, o décano do Senado americano, como o "George Washington de nossa geração"; pelo coronel Hart, perito militar britânico, como um dos "poucos gênios militares de nossa época", e por Robert Brisco, combatente pela independência nacional da Irlanda e deputado no Parlamento dêste país como "membro da familia dos lutadores pela liberdade contra a dominação estrangeira, assim como George Washington, Marechal Smuts e De Valera".

São figuras como a do líder do "underground" da Palestina, cuja cabeça andou posta a prêmio pelas autoridades britânicas durante o mandato, que os leitores dos jornais, os ouvintes de rádio, conhecem por ler suas façanhas e ouvir dos seus feitos de heroismo. Quando menos se esperava ela aparece-nos pela frente em carne e osso.

NO RIO, O TERCEIRO LÍDER JUDEU DE REVOLTA

"Jamais anteriormente, segundo o testemunho de uma revista israelita que se edita nesta capital, na história

O chefe do movimento subterrâneo da Palestina possui tôdas as características de um homem de vontade — menos as de um general de "maquis". Seu tipo mais se assemelha ao de um professor carrancudo, não admirando que durante vários anos de busca, nunca os inglêses o tivessem encontrado. Em baixo: Menachem Beguin pronunciando sua conferência sôbre a "Luta pela liberdade", com a qual empolgou a assistência que lotou o Teatro República. O maior orador judeu da atualidade vê-se ladeado pelos srs. Fernando Levisky e Yoshua Averbach





O mártir da Inconfidência, em seu monumento situado à frente da Câmara dos Deputados, recebeu a visita do batalhador da Independencia de Israel, que teve, como Tiradentes, 18 companheiros enforcados na luta pela liberdade

da coletividade judáica do Rio de Janeiro, um acontecimento despertou tanto interêsse geral de ver em pessoa aquêle que é, depois de Yehuda Maccabi e Bar Cochba, o terceiro líder judeu de revolta."

Menachem Beguin, antes de vir ao Rio, esteve na Argentina, onde foi recebido pelo presidente Perón. O atual líder do "Heruth" (Liberdade), partido político em que se transformou o "Irgun Zvai Leumi", e pelo qual se tornou deputado no "Knesset" (Parlamento) de Israel, empolgou os judeus da nação platina.

Houve um atraso de duas semanas na vinda de Beguin ao Brasil, pois tornou-se necessária uma consulta especial do nosso representante diplomático em Buenos Aires ao Itamarati.

Finalmente, no dia 18 último, foi recebido por uma grande multidão no Aeroporto Santos Dumont, o Libertador de Israel, e a sua comitiva composta pelo deputado Chaim Landau, ex-chefe do estado maior da resistência, dr. Rubem Franco, secretário Parlamentar do Heruth, e Amidanav Bentovim, ativista da Irgun.

Foi assim que muita gente ficou conhecendo a figura do herói que batalhou sem quartel pela criação do Estado de Israel, concretizando o ideal de um movimento iniciado há meio século por um jornalista judeu de Viena, Teodoro Herzl, com o seu livro "Estado Judeu".

A letra de fôrma dos jornais transformou-se numa figura humana que o avião trouxe de São Paulo, cidade que visitara após ter iniciado pela capital do Rio Grande do Sul, a sua excursão ao Brasil. Foi em Pôrto Alegre, na Assembléia Legislativa do Estado, que teve ocasião de dirigir-se aos deputados na língua de sua terra. Foi a primeira vez que se ouviu num parlamento da América — o hebráico, uma língua que muitos já consideravam como "morta" e que hoje está bem "viva", falada por cêrca de um milhão de pessoas. Já duas horas antes da aterrissagem do avião, portanto, quando ainda não tinha saído da capital bandeirante, incalculável massa humana lotava completamente as dependências do aeroporto, e por ocasião do seu desembarque houve necessidade da polícia estabelecer um cordão de isolamento, a fim de conter o entusiasmo da coletividade israelita, durante o trajeto da aeronave para o carro, quando foi conduzido nos ombros de alguns dos seus admiradores.

UM LIBERTADOR HOMENAGEIA UM MÁRTIR

Homem de uma atividade dinâmica, habituado às peripécias de um combate sem horário, entrou em ação logo no dia seguinte ao da sua chegada, não para organizar um movimento subterrâneo, mas agora para prestar o preito de sua homenagem ao mártir da independência do Brasil. O deputado Menachem Beguin, de Israel, visitou a Câmara dos Deputados, e ali foi cumprimentado pelo sr. Cirilo Júnior, presidente desta Casa do Parlamento Nacional, em companhia da Comissão de Recepção, composta pelos deputados Munhoz da Rocha, Hugo Cordeiro, Deoclecíano Duarte, e o líder da maioria, Acúrcio Tôrres, esteve em tôdas as dependências da Câmara. Detalhe curioso: o homem que era o terror dos inglêses na Palestina, deixou a sua assinatura no livro de visitas logo abaixo do de uma figura da nobreza britânica, Lord Jowitt. Em seguida, dirigiu-se à estátua de Tiradentes e ali depositou uma corôa de flores, recordando, com êste gesto, os dezoito heróis da Irgun Zvai Leumi, que pagaram com a vida o crime da sua luta pela independência de Israel, nas fôrcas do exército inglês, tal como o mártir da independência do Brasil que, na Palestina, foi simbolizado na figura de Dov Bela Gruner, morto no cadafalso cantando a "Hatikva", o hino nacional judáico."

"SÓ DEUS NOS AJUDOU!"

No mesmo dia, Beguin não descansou, e à noite pronunciou uma conferência no Teatro República, sob o tema "A luta pela liberdade". Antes da hora marcada, foram cerradas as portas daquela casa de espetáculos, por estar completamente lotada. Sua entrada no recinto foi recebida por uma tremenda ovação. Falou durante duas horas e quarenta e um minutos, e da oração que empolgou a assistência, pois êle é considerado o maior orador judeu da atualidade, conseguimos anotar os seguintes trechos: — "A luta que mantivemos com os invasores de nossa pátria foi exclusivamente nossa. Ninguém se inteirou dela, nem fôrça alguma procurou-nos para fornecer auxílio e cooperação. Só Deus, que é Onipotente, nos ajudou e sabia o motivo que nos levou à luta e que a Justiça estava do nosso lado". "Nós soubemos compreender o significado da existência do povo judeu. O Destino condenou-nos a sobreviver ante tôdas as amarguras e vicissitudes da nossa Diáspora, e fornecer aos povos da humanidade exemplos magníficos de fraternidade". "A Inglaterra visava, tão somente, o petróleo no Oriente Médio, e os grandes compromissos internacionais foram por ela violados. Instalou dezenas de milhares de soldados na Palestina, dado o seu valor estratégico, e por ligar três continentes. Em consequência dessa opressão, do sangue dos nossos irmãos ser inferior ao negro petróleo é que impàvidamente surgiu a gloriosa resistência judáica, que não era com-



Menachem Beguin depositou uma corôa de flores junto à estátua de Tiradentes. O lema "Liberdade ainda que tardia" foi o mesmo princípio que norteou o chefe da rebelião judáica na luta por Israel



Um flagrante da conferência do chefe do Irgun, aparecendo ao fundo um mapa da Palestina bíblica, tal como Menachem Beguin e os seus adeptos a desejam. À direita, a atual Transjordânia, país que êle considera "uma invenção da Inglaterra" e, à esquerda, a Cisjordânia, ou seja, a atual Palestina, vendo-se, na parte em traço, o Estado de Israel delimitado pela O.N.U., e, na parte em branco, o Estado Árabe da Palestina. Jerusalém, situada na parte árabe, é reclamada pelos judeus. Em baixo, um autógrafo em hebráico de Menachem Beguin, especialmente para a "REVISTA DA SEMANA", cuja tradução literal é esta: "O ideal de liberdade une os povos". Menachem Beguin.

posta, como foi difamado pelas tendenciosas agências d notícias, com mordazes delinquentes, mas sim por jovens patriotas, na sua maioria estudantes, professôres, advogados, etc. Êstes eram os famosos "terroristas" que tanto amedrontaram os soldados adversários... A tática que identificou a Irgun foi a política lógica ou a lógica política. Nós surgimos em consequência do terrorismo inimigo e não o contrário. Os jovens não titubearam em enfrentar êsse inimigo, muito mais equipado e numeroso". "Foi levantado o caso da Palestina na O.N.U., que chegou à conclusão de que era imprescindível mudar o seu regime e, desta forma, fomos conduzidos à partilha. Arrebataram-nos as fronteiras históricas e o que ganhamos foi somente um pequeno trecho no litoral, com o qual não poderemos materializar os presságios do sionismo, que é a colonização total de todo o povo, e se perdemos um grande território, pelo menos ganhamos a independência nacional. Mas não devemos sujeitar-nos à partilha, pois, assim, nos submeteremos às intrigas de Bevin... O meu partido constitui a oposição contra o atual govêrno de Israel. Mas, num regime democrático, a oposição é tão necessária como o govêrno, e aquilo por que foi derramado sangue, possuímos hoje em dia — um govêrno judáico".

A REALIDADE CONTRARIA A IMAGINAÇAO

A curiosidade não é só inata nas mulheres, mas também nos repórteres. Um telefonema, uma hora marcada, e lá estávamos no apartamento 305 do Copacabana Pálace, para um "téte-a-téte" com uma figura tão famosa. Iríamos encontrar-nos fàcilmente com aquêle que os inglêses procuraram com tanta dificuldade, durante anos e mais anos, e nunca encontraram. Só o vimos de longe na sua chegada e também à distância na conferência sôbre a libertação de Israel.

Agora, o teríamos cara a cara. Ficamos imaginando a sua figura lendária e, de repente, assomou à porta do quarto, um homem que mais parecia um circunspecto professor de colégio, óculos caindo sôbre o nariz, um começo de calvície e um grosso bigode "a la Groucho



O revolucionário brasileiro de 24 e 30, João Alberto, cumprimenta, no banquete do Automóvel Clube, o terceiro líder judeu da revolução, depois de Yehuda Maccabi e Bar Cochba, Menachem Beguin



A bandeira branca com faixas azuis e a estrêla dourada de David, esteve presente à conferência do chefe do Irgun Zvai Leumi, símbolo que só pode ser hasteado na O.N.U. com a sua luta



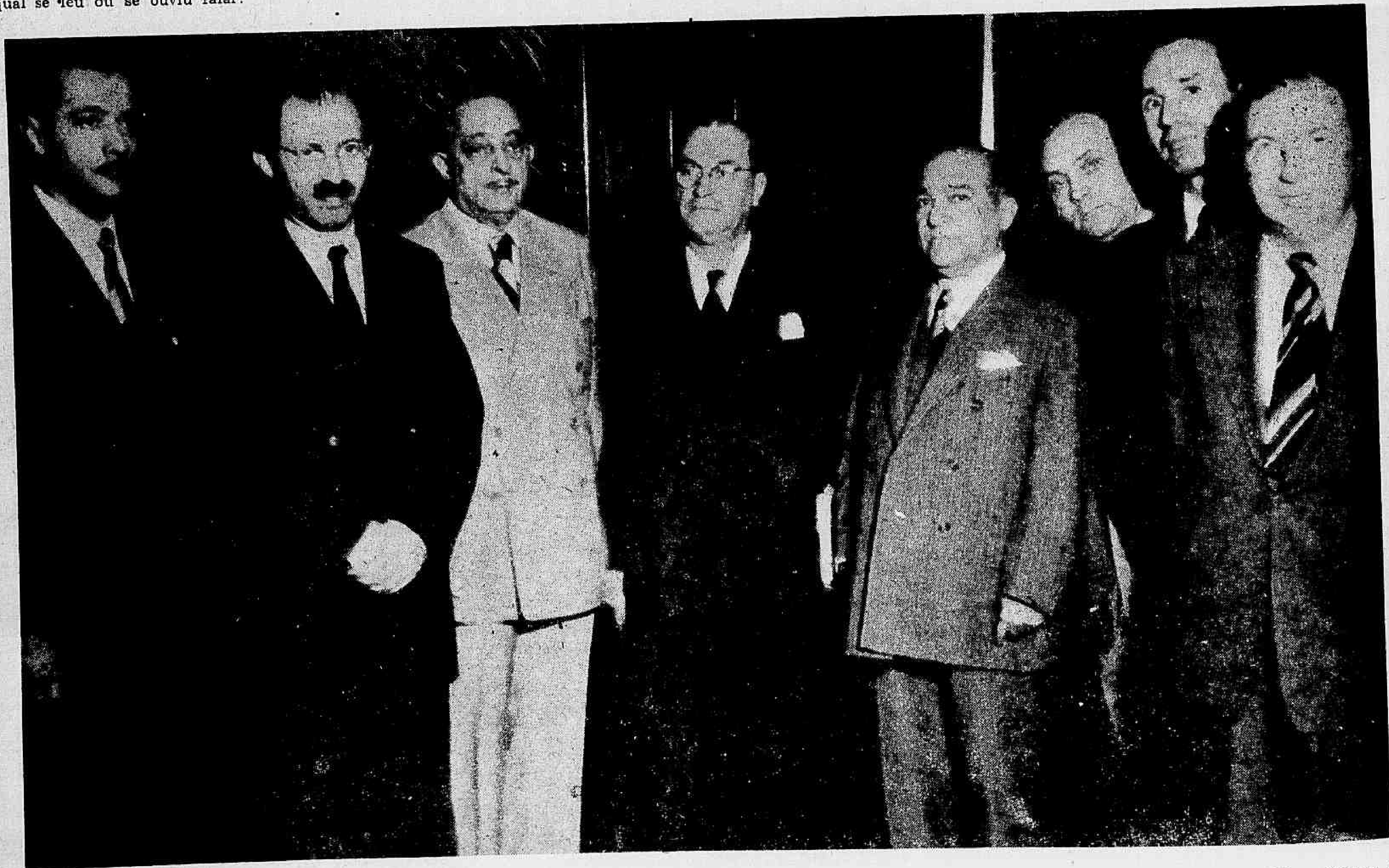
"Jerusalém está no meu coração" — declarou Menachem Beguin ao autor desta reportagem, enquanto se preparava para ler um exemplar da "REVISTA DA SEMANA". Mais adiante exclamou: "Sou como sou"

Marx". Apenas a pele queimada pelo sol do deserto, onde combateu. Seu tipo constitui o negativismo do herói, mas como não é o físico que faz a envergadura de um homem, na moral, na coragem e na inteligência, colecionamos mais uma pessoa para a galeria dos famosos que contrariam a expectativa e o poder de ficção na concepção mental de uma personagem, da qual se leu ou se ouviu falar.

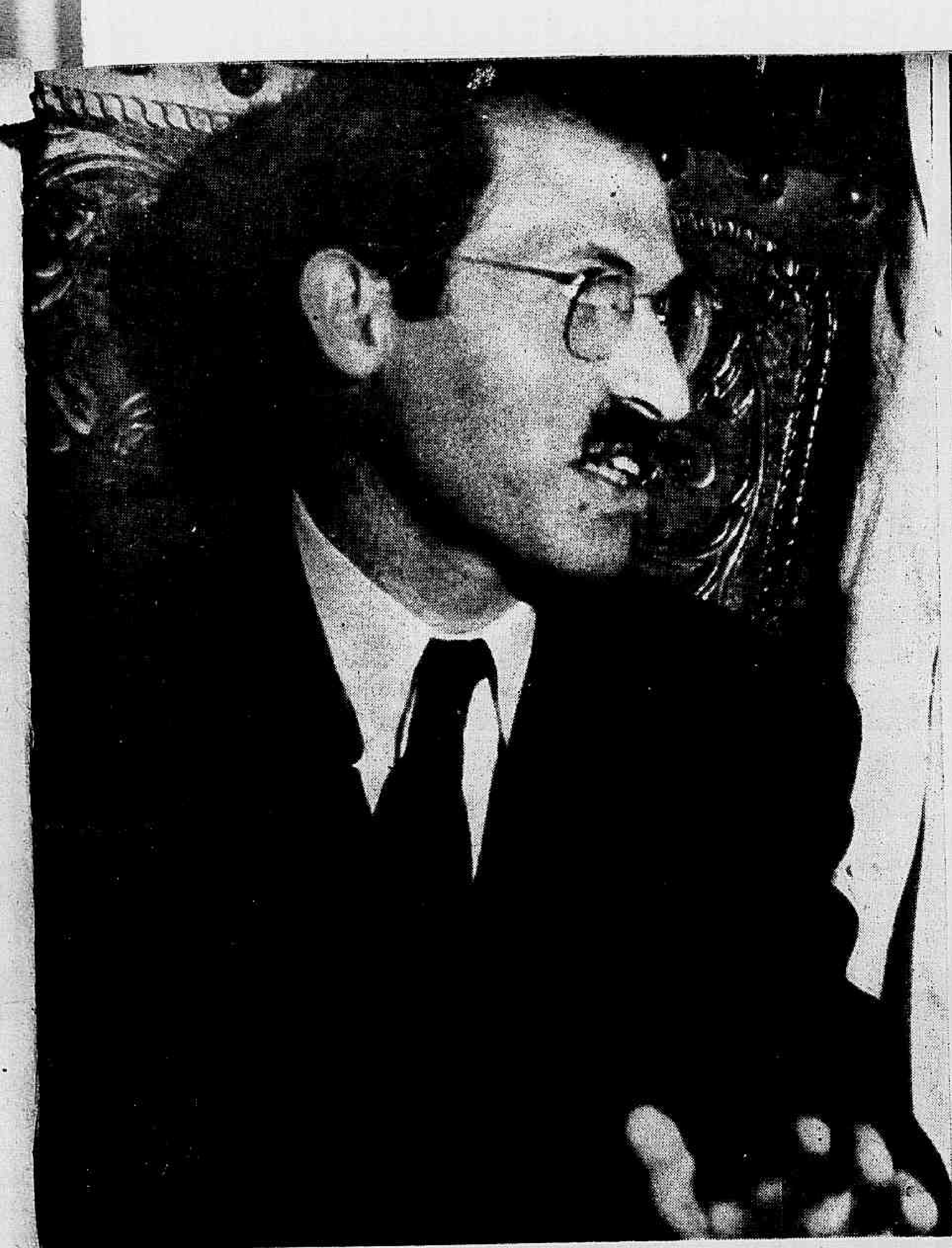
IMPOSSÍVEL ISRAÉL SEM JERUSALÉM!

Nosso plano foi logo apresentado ao general da resistência de Israel. O repórter fotográfico preparou a objetiva para entrar em ação, porém, Menachem Beguin não aprovou êsse plano. Nada de poses, foi logo dizendo o líder do Irgun, "porque sou contra o sensacionalismo". Ponderamos que a nossa reportagem era séria. Pedímos que, pelo menos, permitisse registrar um flagrante em que êle apareceria apontando Jerusalém num mapa da Palestina, pois era notória a sua posição contrária à internacionalização da cidade santa. Sua resposta foi esta: — "Eu não preciso apontar onde está Jerusalém, porque Jerusalém está no meu coração".

(Cont. na pág. 50)



No dia seguinte ao da sua chegada ao Rio, Menachem Beguin foi visitar, na qualidade de deputado de Israel, como líder do partido da oposição, o "Heruth", a Câmara de Deputados do Brasil, sendo ali recebido pelo seu presidente, Cirilo Júnior. Visitou tôdas as dependências e deixou sua assinatura no livro de visitas, logo abaixo à de Lord Jowitt, da Inglaterra









O LIBERTADOR DE ISRAEL — Quatro atitudes de Menachem Beguin, o homem que na ilegalidade lutou pela independência de sua terra, e que como deputado do partido "Liberdade" se bate pela não internacionalização de Jerusalem e pelo restabelecimento de Israel em seus limites bíblicos



Sob a ponte metálica, que demora sôbre o Parnaíba, está a praia mais moral da cidade. E' que nesse local o sol abrasador tira a pele de quem ficar despido. Para obter êsse flagrante, teve o repórter de se instalar no alto da ponte, e desde logo os olhares curiosos das lavadeiras voltaram-se para a sua pessoa. Um intruso, um "moço de fora", é logo reconhecido pela roupa e mesmo pelas atitudes...

NUDISMO? NÃO! - MISÉRIA



Se não fôsse o apêlo do repórter, elas posariam à vontade, sem a menor peça de roupa em cima do corpo, tal como vieram ao mundo. Mas o pedido foi satisfeito e aí estão as lavadeiras do Parnaíba, mais ou menos vestidas...

AS LAVADEIRAS DE TERESINA EXERCEM SUA PROFISSÃO EM TRAJES DE EVA POR ECONOMIA DE ROUPA PRÓPRIA ★ OS POVOS MODERNOS RECORREM AO NUDISMO COMO FONTE DE SAÚDE, OS EXISTENCIALISTAS ALEGAM RAZÕES FILOSÓFICAS DE SARTRE — E OS PIAUIENSES DAS CLASSES POBRES USAM POUCA ROUPA POR NÃO TEREM OUTRA ★ PUDOR ONDE NÃO HÁ POSSIBILIDADE DE CASAMENTO? ★ QUANTO MAIS VELHAS, MAIS DESPUDORADAS

(Textos e fotos de VINICIUS LIMA, enviado da **REVISTA DA SEMANA** ao Piauí)

CAUSA pena ao repórter narrar com fidelidade o sistema de vida do povo que habita o vasto chapadão estendido desde o alto-Mearim, abrangendo as áridas fronteiras dos Estados do Piauí, Ceará e Maranhão. As surprêsas que o visitante incauto depara nessas paragens são contristadoras; por isso, as narrativas, principalmente através de uma reportagem, tornam-se quase solenes, sem vida... Tudo porque o repórter encontra dificuldades para dizer com discrição aquilo que viu e foi documentado pela sua máquina.

Na cidade de Monte Alegre, no Pará, a moça que vai à missa com vestido de mangas curtas, fica semi-desmoralizada perante a sociedade. No entanto, no Nordeste, sob a influência do primitivismo mais acentuado, vimos deparar com agrupamentos humanos em locais denominados cidades, onde se vive em regime de tão acentuada degradação que, mesmo alegando ignorância, não consentimos em admitir a realidade dêsses fatos. A moça provinciana é

geralmente ingênua e resguardada quando vive numa sociedade normal. Em certas regiões do Piauí, entretanto, como nas cidades assoladas pela guerra e pela fome, milhares de mulheres — moças, velhas e adolescentes — praticam a prostituição com tamanha naturalidade que andar quase despida é tão comum como tomar banho de maiô em Copacabana. E em consequência dessa falta de roupa advém a falta de moral. As roupas são plenamente dispensáveis nas funções cotidianas. Assim, principalmente, são as lavadeiras nos arredores de Teresina.

Como enviado especial desta revista para focar os diversos aspectos da vida nordestina, conhecendo o gênero de leitores que ela tem pelo Brasil inteiro, tive de pedir a essas humildes lavadeiras que vestissem um pouco de roupa, uma vez que não desejava fotografá-las completamente despidas. Aproximei-me primeiro de uma jovem de dezesseis anos, solicitando-lhe que cobrisse um pouco o belo corpo nu, e nisso fui atendido. Mais tarde, a mesma jovem procurava-me no hotel pedindo uma cópia dêsse flagrante. Examinando-a, sorriu e perguntou-me:

— Será que meu corpo é assim mesmo bonito?

V. L.

FATORES E MOTIVOS

À hora em que está sendo redigida esta reportagem, o barômetro marca 37.° à sombra. Teresina é excessivamente quente, pela rua desfilam moças discretas e educadas olhando gulosamente para os homens. E diante de tudo que estou observando, chega-se à conclusão seguinte: não é o fator miséria a causa única dessa degradação. Podemos afirmar, suponho, que êsse complexo problema tem raízes biológicas solidificadas pela ignorância.

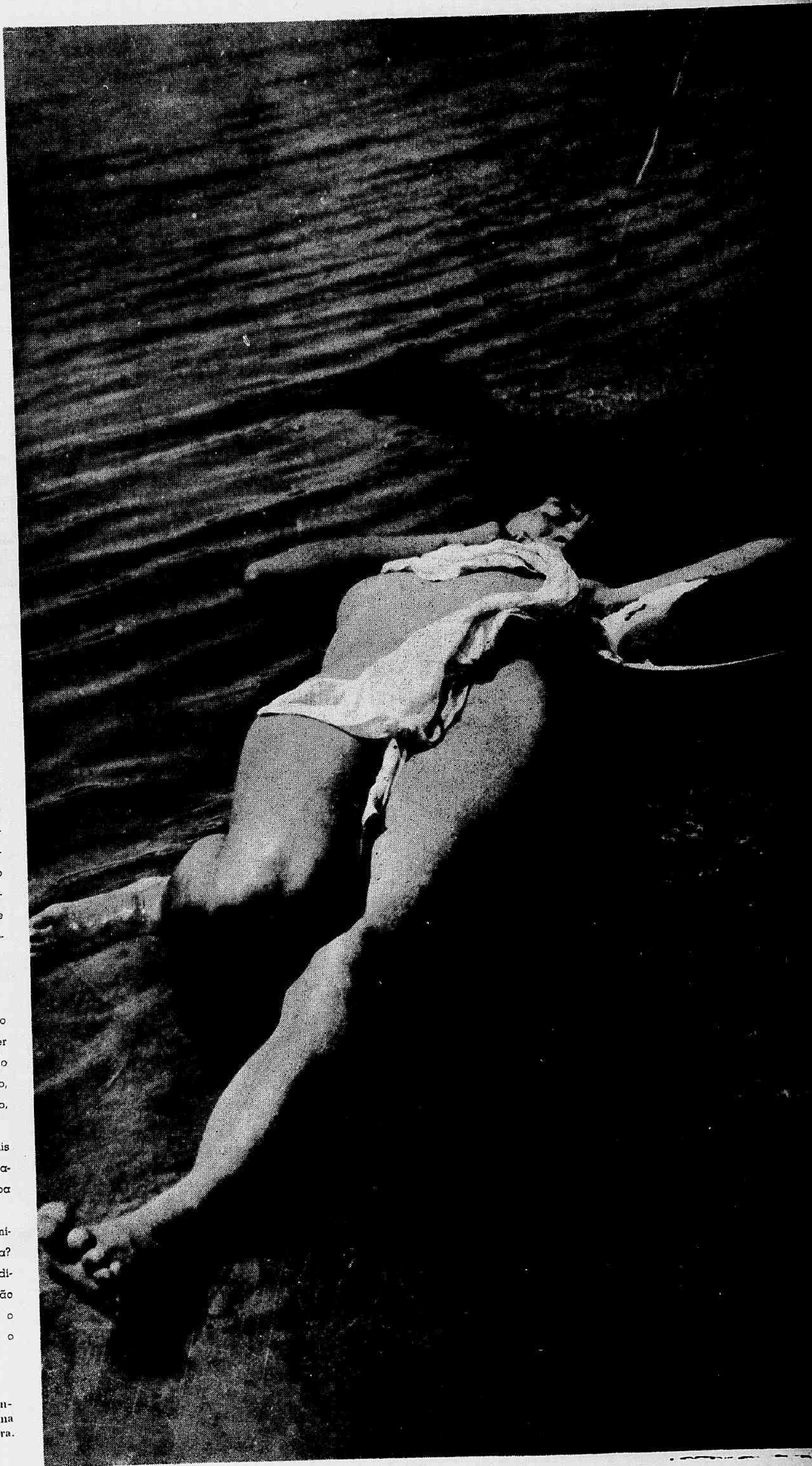
DONA MARIA CANIÇO

Maria Caniço é um varapau de metro e oitenta, a única a hostilizar o repórter quando a fotografava: — "O senhor não me leve a mal, não se aborreça comigo, pelo amor de Deus não se zangue comigo, mas vá tirar retratos..."

E lá vem palavrão. Dois minutos mais tarde voltava às boas, contando com naturalidade as razões de dispensar a roupa durante as horas do trabalho:

— "Ora, "seu" moço! O senhor tá admirado de vê moça despida nessas beirada? E' pruque para elas se casá é muito difícil. Essa meninada que anda por aí não tem pai. As mocinha só têm mesmo o prazer da vida à vontade. Escondê o





Natureza viva. E ainda existem pintores que se limitam a reproduzir na tela, naturezas mortas! Essa, na gravura, repousa do trabalho esfalfante de mais um dia

Loura, bonita e digna de um casamento às direitas. Por isso, daria pena tirar-lhe um retrato despida — mas foi despida que ela apareceu ao repórter. Depois vestiu-se. E ficou melhor



corpo p'ra quê se isso é uma bobage muito grande? Nós temo vergonha de roubá, mas se nós nascemo nua pruque se envergonhá? Vergonha é roubá e batê fotografia da gente dêsse jeito, isso sim. E os diabo dessa mulhé aí ficarem bem satisfeitas pruque diz que vai saí nos jornal..."

A JOVEM ANA MARIA

À margem esquerda do rio Poti encontramos uma bonita jovem de dezesseis primaveras cujo nome é Ana Maria. Não tem pai. Está perdida, seguindo a mesma vida má de dona Joaquina, mãe dela. Um pouco acanhada, mas sem demonstrar pudor, conversa naturalmente. Posou para a objetiva sem o menor constrangimento, usando apenas um pouco de roupa depois de solicitada. Falou demoradamente sôbre sua vida sem anseios. Não tem esperança de casamento. Um companheiro, um homem que a estime, é tudo quanto Ana Maria deseja neste mundo, embora tenha de continuar lavando roupa. Interrogada se está disposta a seguir sempre uma vida honesta, responde com tôda franqueza:

— "Moço, minhas irmã dizia igual a mim, que num seguiria nunca um mau caminho — mas os home prometeram êste mundo e o outro, e deixaram as bichinha aí sem eira nem beira. Num vale a pena se cuidá muito da vida, moço! Sorte nasce cum a gente..."

NHÁ FIRMINA

Ouvindo dona Maria Firmina, qualquer pessoa passa a ter uma impressão exata do pensamento da gente humilde no árido sertão nordestino. Essa senhora conta atualmente cêrca de oitenta anos e conversa com as pessoas que transitam pelas proximidades do rio Parnaíba com as mesmas vestes com que veio ao mundo, quer dizer, sem roupa alguma. Discorre sôbre a vida de tôda a gente e tira conclusões interessantes. Disse Nhá Firmina que as mulheres humildes já se habituaram a andar despidas. Desde crianças, por falta de recursos, as mães consentem que os filhos cresçam ao sabor da natureza. Com isso economizam roupa, o que é essencial. Mas quando a menina completa doze anos, sente o pudor natural de tôda mulher, resguarda-se por ter ouvido falar em casamento ou porque durante as aulas de catecismo a freira lhe falou sôbre as inconveniências de andar despida. Mas é justamente nessa época que a mãe, já precisando da ajuda da filha, tem seu procedimento repudiado por esta. Um ano mais tarde, a menina-moça, seguindo o exemplo das mais idosas lavadeiras, abandona as vestes e o pudor. Acostumadas nisso, mesmo quando vão à rua fazer compras, trajam um humilde vestido de chita sôbre o corpinho tenro.

Nhá Firmina prossegue em sua narrativa num tom de ênfase, sem titubear: — "Nós, as velhas, não temos vergonha de andar nuas porque os homens não olham para a gente nesta idade. Mesmo êles já estão habituados a ver pequenas bonitas tomando banho ou lavando roupa, inteiramente despidas. E' a coisa mais natural do mundo, meu filho! Só a gente de fora estranha o nosso procedimento, fique sabendo. Adão e Eva eram como nós somos e não tinham maldade até comerem o fruto proibido. Essas meninas que o senhor está vendo são tão puras como outras quaisquer. Diga lá na sua revista que o Piauí é um Estado pobre onde as pessoas miseráveis não têm o menor apoio. Eu estive numa escola, sim, estive. Tenho o segundo ano ginasial, ainda que não pareça, tenho, sim. Mas essas mocinhas que está vendo, dão graças a Deus quando aparece um homem que lhes oferece união, mesmo sem casamento. Fui casada, matei dois maridos e se fosse nova casaria novamente. Aprendi que a maldade é produto das circunstâncias. Essa gente anda despida porque antes dela alguém achou que seria econômico lavar roupa como nasceu — sem roupa. Daí vinha um homem e essa pobre se escondia. No fim da tarde, não havia roupa lavada de tanto estar correndo para dentro do mato. Primeiro elas botavam um trapo em cima do corpo, depois não botavam mais nada. Hoje pode vir quem vier que a gente já não se incomoda, fica como está..."

RELIGIÃO — MAS DE BARRIGA CHEIA

A gente humilde dos subúrbios de Teresina tem uma filosofia bastante curiosa. Percebe-se a revolta de um povo ludibriado em suas esperanças; raramente frequentam as igrejas e não crêem, muitas, que exista um Deus sem lhes dar o necessário para o sustento. Pobre nasceu para morrer, dizem aqui, morrer e ir para o inferno. Êsse negócio de céu é p'ra gente que tem tempo de preparar o espírito, mandar rezar missas e comprar roupa suficiente para esconder o corpo. De barriga cheia, com a cêra da carnaúba a bom preço, as lavadeiras passam a colhêr palha. Então o dinheiro chega para um "forró" e para



Na outra margem do Poti, o repórter ficou escandalizado, mas a rija cabocla do nordeste quedou-se na mesma atitude. E teve o cuidado de apurar a pose quando foi batida a chapa





Não havia roupa que pudesse cobrir o corpo das lavadeiras. Só mesmo apelando para os lençóis das patroas — e foi com êles que as humildes criaturas acataram a solicitação do repórter. Claro que as crianças dispensaram êsses cuidados!

Acreditem ou não, a jovem que aparece em primeiro plano está noiva. Que importa? Seu futuro marido conhece perfeitamente os hábitos da terra. Ela ainda não completou dezesseis anos e, a rigor, não parece ter noções de pudor

feriar os domingos, e receber a hóstia. Se alguém pergunta por que procedem dessa forma, respondem que havendo dinheiro sempre resta alguma esperança. E além disso a barriga dói como o diabo. Rezando de barriga cheia é muito melhor.

REPÓRTER VAIADO POR DESLIZE SOCIAL...

A cidade de Balsas, ao sul do Maranhão, foi teatro de uma cena vergonhosa para o repórter acostumado a tomar banho de calção em Icaraí ou Copacabana. Saía de casa metido numa quase imoral roupa de banho, mas assim mesmo foi vaiado pela molecada:

— Hei, olha o besta que vai para o rio de calção! Fiau!

Era surprêsa para aquela gente acostumada a andar despida e ir assim para a praia. Por isso o repórter baixou a cabeça e regressou para o hotel, confuso e perturbado. Naquela cidade estava proibido pelas leis naturais tomar banho vestido. Meia hora mais tarde, nova crítica sofreu a imprensa do Rio. E' que o repórter olhava muito interessado para as moças banhando-se despidas. Isso está considerado falta de educação em Balsas. E' mesmo estupidez. Motivo por que as observações não tardaram:

— Você não nasceu despido?

— Nunca viu ninguém nu? Matuto!

ESTATÍSTICA

De acôrdo com o recenseamento de 1940, a cidade de Pedreiras, no Maranhão, possui cêrca de 6.000 habitantes. Dêsses, mais de 2.000 é constituído de mulheres de vida suspeita. Não há divisão entre os pobres, preconceitos de castidade ou sub-divisão entre os grupos que procedem bem ou mal. O sexo forte é relativamente reduzido. As possibilidades de casamento, também. Por isso, não sucede o que se vê no Rio, onde as dificuldades matrimoniais são apenas para os homens.

PONTO FINAL

Em Teresina, onde está sendo redigida esta reportagem, uma boa parte da população é formada de mulheres duvidosas. O mercado de carne humana se aglomera na parte sudoeste da cidade, estendendo-se pelas praias, pelos subúrbios e chegando ao próprio coração de Teresina; por sinal um coração que tem seus aspectos pouco limpos. Sob a ponte de ferro do rio Parnaíba as moças banham-se despidas, enquanto o repórter finge que está pescando. As velhas são as mais desavergonhadas. E a gente do lugar parece admirada que um jornalista venha do Rio para surpreender uma coisa tão natural, tão sem importância... E neste momento uma luz baça, apagada, mal consegue filtrar-se; igual aos espíritos das humildes lavadeirinhas do Poti e do Parnaíba...

RESUMINDO

Quando nos propusemos levar a efeito esta reportagem, era o espírito natural de curiosidade, muito da profissão, o que mais nos animava. No fim de contas, as lavadeiras de Teresina deveriam constituir motivo para uma série panorâmica de fotografias muito do agrado do leitor; coisa diferente aqui nos estava reservada. As lavadeiras, além de representarem uma faceta do problema econômico destas redondezas, não chegam a possuir os detalhes plásticos que o repórter esperava. Elas dão conta do seu trabalho, lavando a roupa dos fregueses mas sem roupa para vestir; elas despem-se sem o menor preconceito, escandalizam-se quando alguém vai tomar banho de rio mesmo com o último tipo de calção "bikini", mas não alimentam o menor espírito de malícia. Elas querem lavar as peças de roupa, aproveitando as manhãs e tardes de sol quente, seu maior colaborador, mas desejariam, como tôda gente, melhorar de situação.

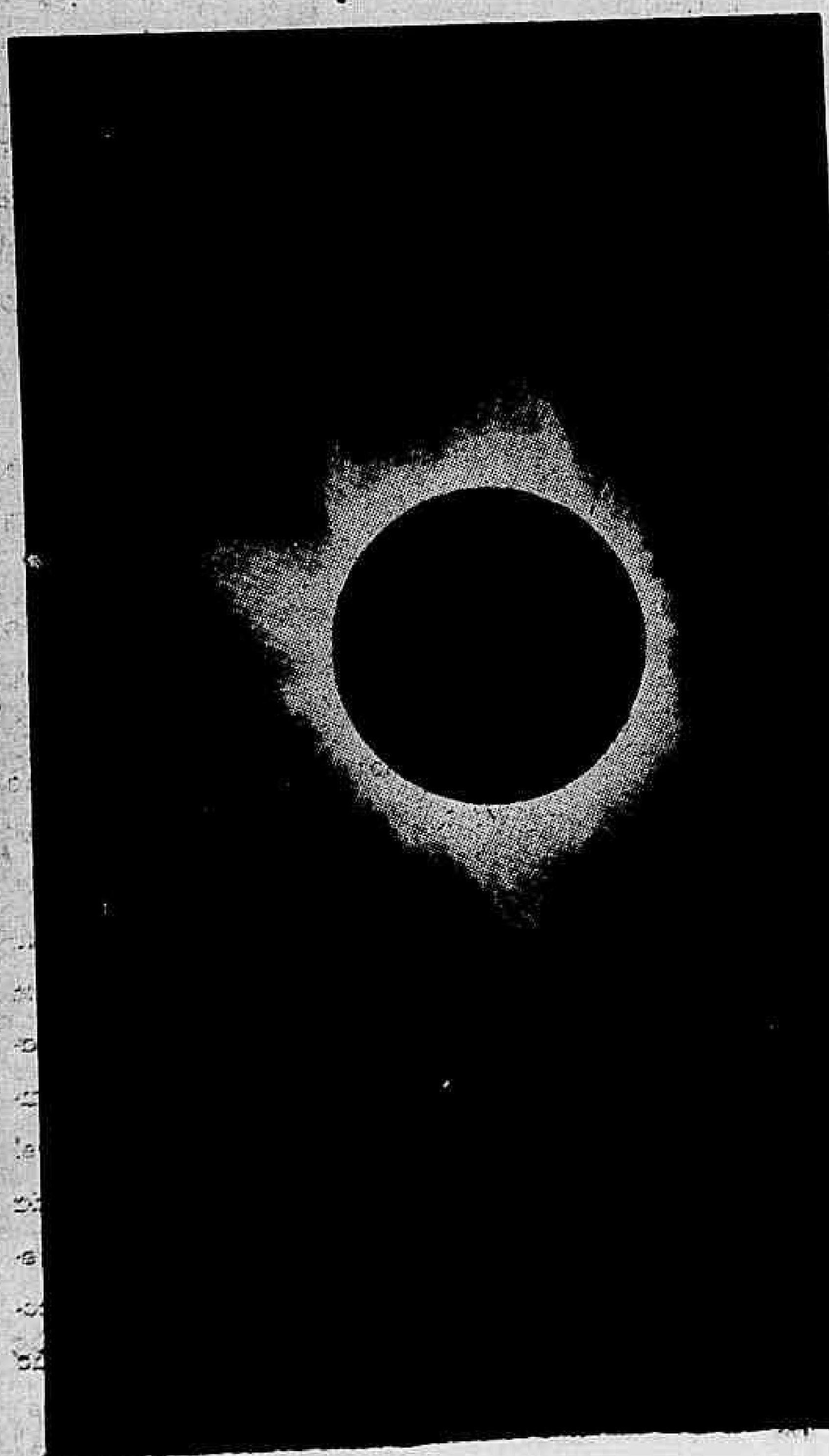
— Talvez a sua reportagem tenha falhado do ponto de vista sensacionalista — dizia-me agora à tarde um amigo. Em compensação, pode ficar certo de que o seu trabalho vai despertar, lá na Capital da República, um movimento de justo interêsse pelas humildes mulheres a quem você encontrou vivendo um mundo à parte e dignas de qualquer auxílio. Elas dão um reflexo da vida de canseiras e das privações por que passam, não só as lavadeiras de Teresina, mas as mulheres pobres de todo o interior brasileiro.

Era a expressão da verdade o que ouvíamos dêsse amigo. E deixando em paz as simpáticas e laboriosas lavadeiras, voltamos com nova soma de observações, fruto da nossa paciente excursão. Observamos, sentimos de perto, e mesmo espiritualmente partilhamos da existência inglória dessas criaturas, que tão intimamente conhecem o quanto custa ganhar o pão cotidiano. Se nem tôdas primam pela sua linha de conduta moral, é absolutamente certo que ali, como em tôdas as aglomerações humanas, há de tudo, e portanto também mulheres honestas, de irrepreensível atitude, embora prêsas aos costumes da terra. São assim as lavadeiras de Teresina, a quem os senhores acabam de conhecer através desta reportagem feita, não haja dúvida, a trôco de muito sacrifício.



Em cima: Curiosa e intuitiva representação do Céu, com motivos mitológicos. O Sol, um índio, perseguindo a deusa Lua. Em baixo, um deus ordena aos animais que lhe tragam lama, com a qual fará a Terra. No céu as Plêiades e outras constelações do hemisfério boreal. Em baixo: Um eclipse do sol provocado pela Terra e visto da lua, na concepção do artista James Perry Wilson, cujo quadro ofereceu ao "Hayden Planetarium"

JÁ SE PODE IR AO CÉU SEM MORRER



O leitor já ouviu falar no "Hayden Planetarium" de Nova York? Trata-se de uma instituição científico-diversional considerada verdadeira maravilha de engenho e arte, integrando o Museu de História Natural Americano no que diz respeito aos corpos celestes constantes do nosso sistema planetário.

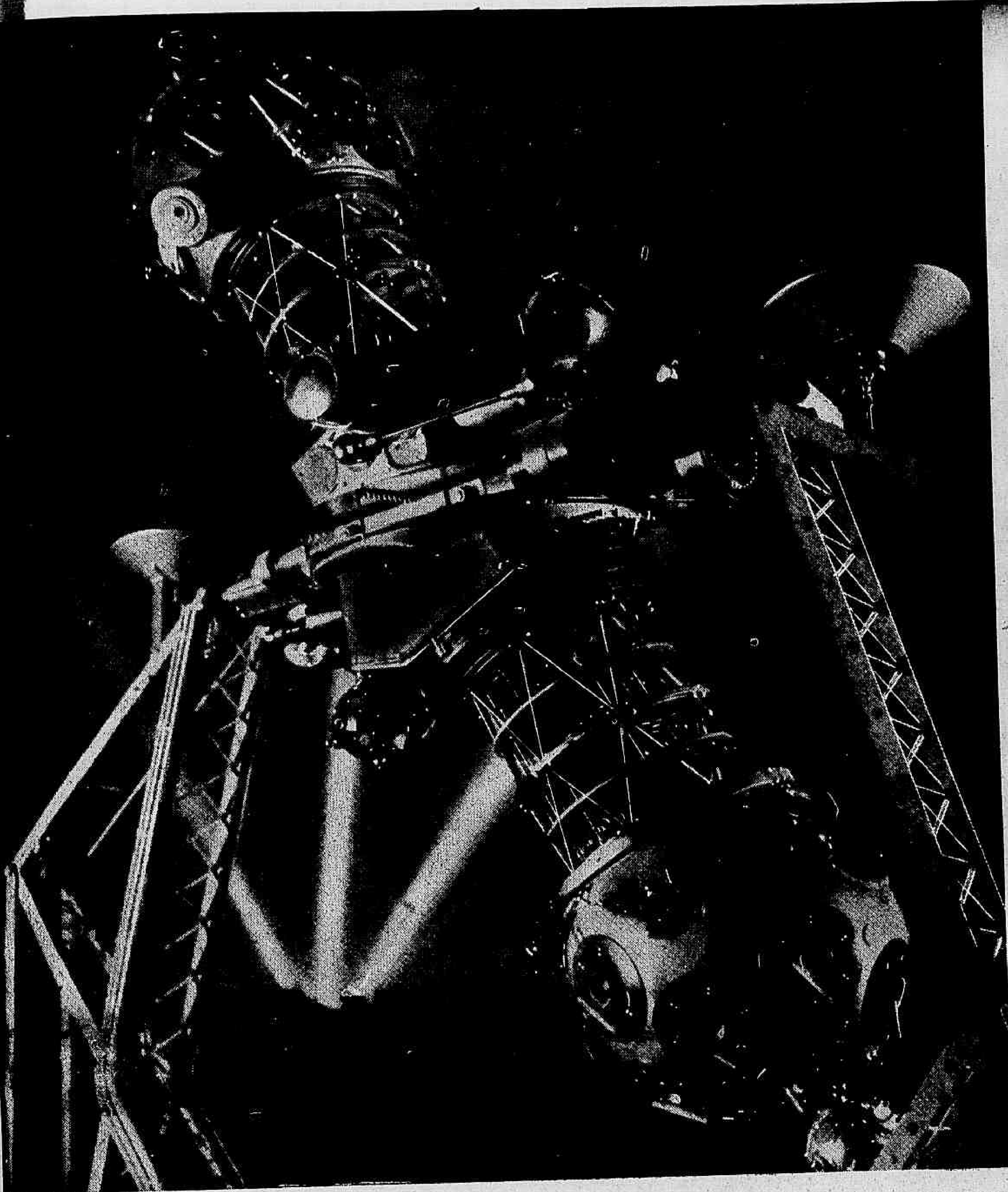
Essa monumental obra tem o nome de seu grande benemérito, Mr. Charles Hayden, um cidadão norte-americano daqueles que fazem parte de uma geração de propulsionadores do progresso científico dos Estados Unidos na direção da cultura popular, a quem se ficou devendo o Planetário.

Mr. Hayden, homem de grande fortuna, fez êsse presente ao "American Museum of Natural History", o que demonstra o interêsse de muitos dos milionários daquêle país em favôr da ilustração do povo.

Passemos agora a falar do Planetário. Quando entramos nêle e começamos a ver o firmamento estrelado com tôda a magnitude sideral de suas constelações, a Via Láctea, astros e satélites, asteroides e cometas, temos a impressão de que deixámos a Terra e viajamos pelos espaços sem fim, em contácto com tôdas as belezas luminosas que a Natureza nos mostra.

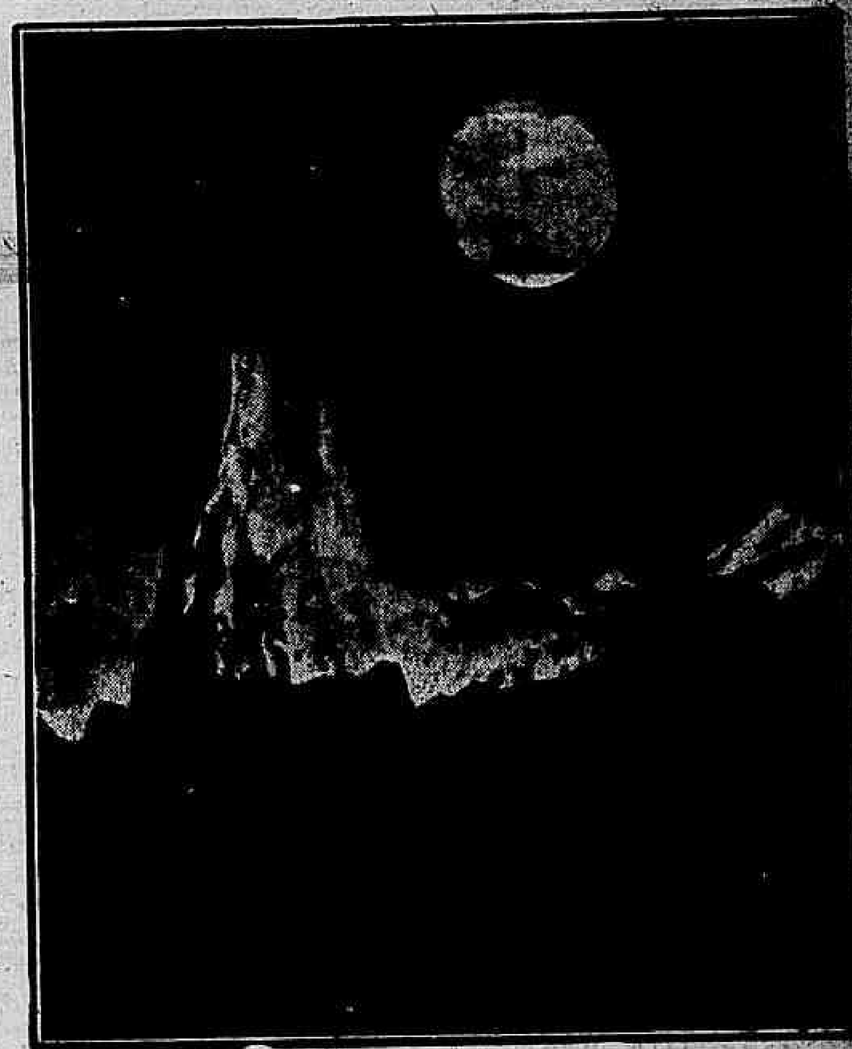
Quem não se extasia olhando o céu numa noite primaveril sem nuvens, em cujo fundo escuro as estrêlas cintilam como jóias engastadas na abóbada infinita? Pois uma visita ao "Hayden Planetarium" nos dá uma impressão exata dessa maravilha, com a vantagem de que, alí, todos estamos visitando o firmamento, vendo o céu, viajando calma e perfeitamente *vivos*, através do nosso sistema planetário, entre estrêlas e astros a milhões de quilômetros da Terra em que vivemos!

O têto e as parêdes que, momentos antes, limitavam o espaço daquêle zimbório, desaparecem como por encanto e passamos a ter a impressão de que nos encontramos ao ar livre, vendo-se lá no alto, escuro céu constelado. Olhamos o horizonte e reconhecemos o contôrno irregular dos edifícios da cidade em perfil, na obscuridade da distância. Tudo aquilo é como um passe de má-



O fantástico aparato de projeção do "Planetarium", visto de perto, destacando-se, ao fundo, uma visão noturna da Aurora Boreal e Nova York em silhueta. Êsse aparêlho faz lembrar uma figura mecânica de aspecto sobrenatural, mas, graças a êle, é que os visitantes do Planetarium conseguem admirar tão impressionante espetáculo







De cima para baixo: A representação pictórica da Constelação do Touro, vendo-se no ombro esquerdo as Plêiades, ou Seteestrelo, ou, como lhe chamam nos Estados Unidos, as "Sete Irmãs". Panorama lunar, vendo-se, lá em cima, a Terra, concepção científica do artista Howard Russell Butler para nossas viagens à lua no "Planetarium". O planeta Marte, visto da superfície de uma de suas pequeninas "luas", desenhado por H. R. Butler, após longas e cuidadosas observações telescópicas

gica. Súbito, surpreendendo-nos, surgem as estrêlas. O ambiente se enche de deliciosas harmonias musicais em surdina, fazendo-nos recordar daquela nossa crença antiga de que havia uma música celestial emanada dos astros!

E lá estão, sôbre nossas cabeças, milhares de estrelas a brilhar tão gloriosamente como resplandecem nas noites de estio, vistas das montanhas ou das planícies.

Diante do espetáculo empolgante, escapa da bôca dos espectadores um murmúrio de admiração e prazer. E' que não há quem possa acreditar que esteja diante de uma composição mecânica e pictórica feita pelo engenho humano e sim, realmente, em face do verdadeiro firmamento com tôda a sua fulguração que tanto nos é familiar desde crianças.

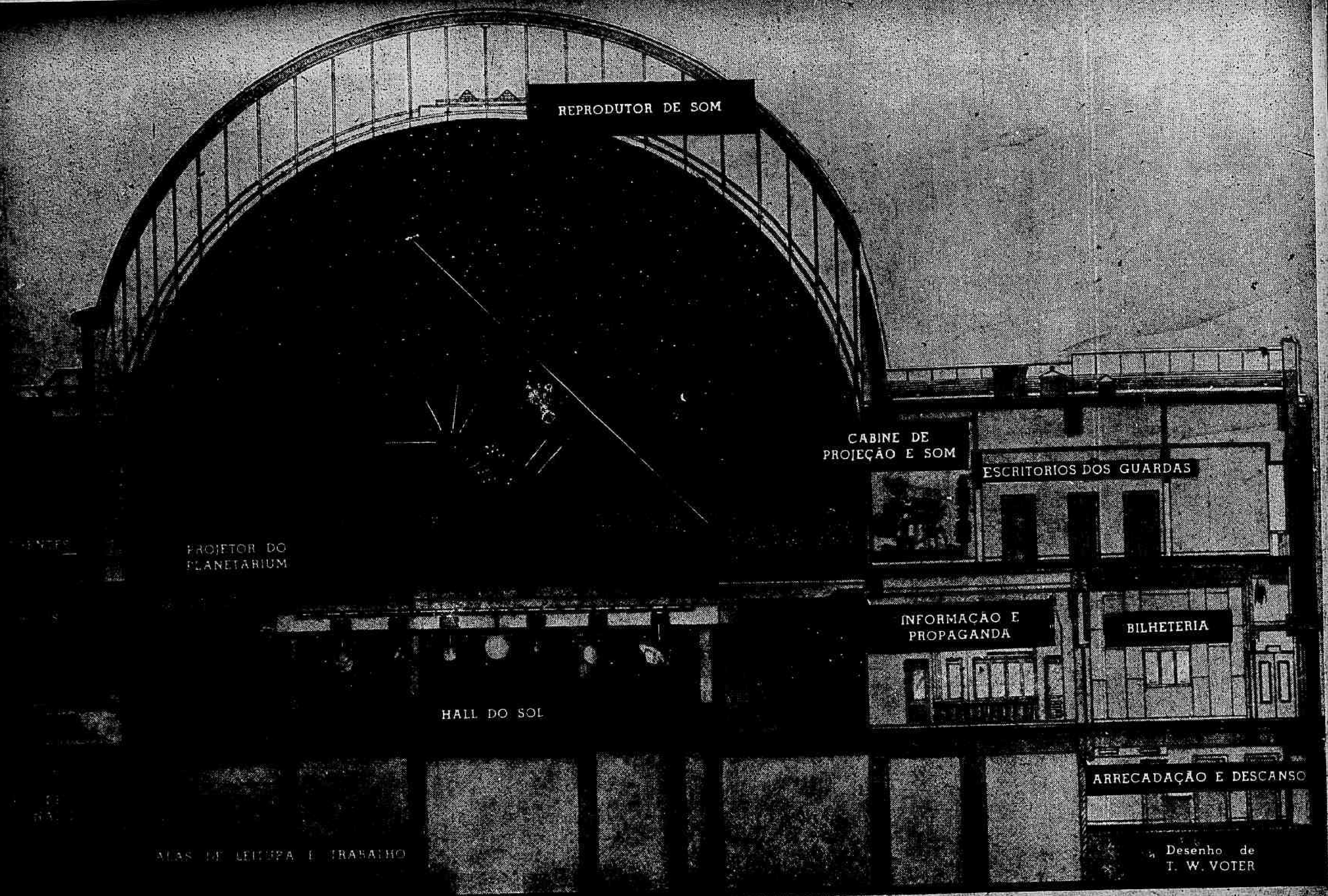
Nessa ocasião o locutor, postado a um ângulo do proscênio numa tribuna, começa a falar aos presentes, comodamente sentados em anfiteatro e dá esclarecimentos como se estivesse a servir-nos de guia nessas excursões pelos domínios celestiais.

E, com uma espécie de ponteiro elétrico e luminoso, vai apontando os lugares siderais na imensa abóbada do "Planetarium" conforme o programa daquela noite memorável. Decididamente entramos no outro mundo... Vamos então refrescando a memória acêrca de nomes de estrêlas e suas constelações, graças àquêle *cicerone*. Vemos a lua surgir, os planetas e cometas descreverem suas órbitas através do imenso campo das estrelas. O que gira acima de nossas cabeças é o céu com tôda a magnificiência de luzes e corpos celestes em movimento. E somente então podemos compreender técnica e cientificamente por que motivo a lua se nos apresenta com aquelas fáses, em crescentes e minguantes, lua nova e lua cheia, apresentando-nos sempre uma face. Somente aí temos uma idéia exata e perfeita do movimento dos planetas e descrever suas eclípses em tôrno do sol, e, pela primeira vez, tivemos oportunidade de admirar a marcha de um cometa jornadeando pelo céu com sua cabeça luminosa e sua imensa cauda fosforescente como gigantesco foguete voador de misteriosa propulsão!

Tudo isso é explicado pelo locutor, muitas vêzes num estilo jocoso, provocando risos da assistência, especialmente, quando êle nos *leva* à lua. Ciência e arte cênica, uma espécie de "show" no recôndito do infinitamente grande e maravilhoso, uma excursão pelo céu durante cinquenta minutos, quasi uma hora, e que, de bom grado, desejaríamos prorrogar por mais duas, dez horas, uma semana...

E então a voz do locutor nos adverte que a noite vai acabar e já vem despontando o dia. Para os lados do oriente vemos aparecer, gradual e suavemente, o clarão das alvoradas, precedendo o sol. Muita gente alí ainda não tivera oportunidade de admirar o nascer de um dia. E muitos não podem reprimir um "oh!" que lhes sai do peito involuntariamente. Surge o sol na linha do horizonte e o locutor então nos diz: "Já é dia". Isso é uma maneira delicada de dizer-nos também: "Podem dar os lugares para os outros".

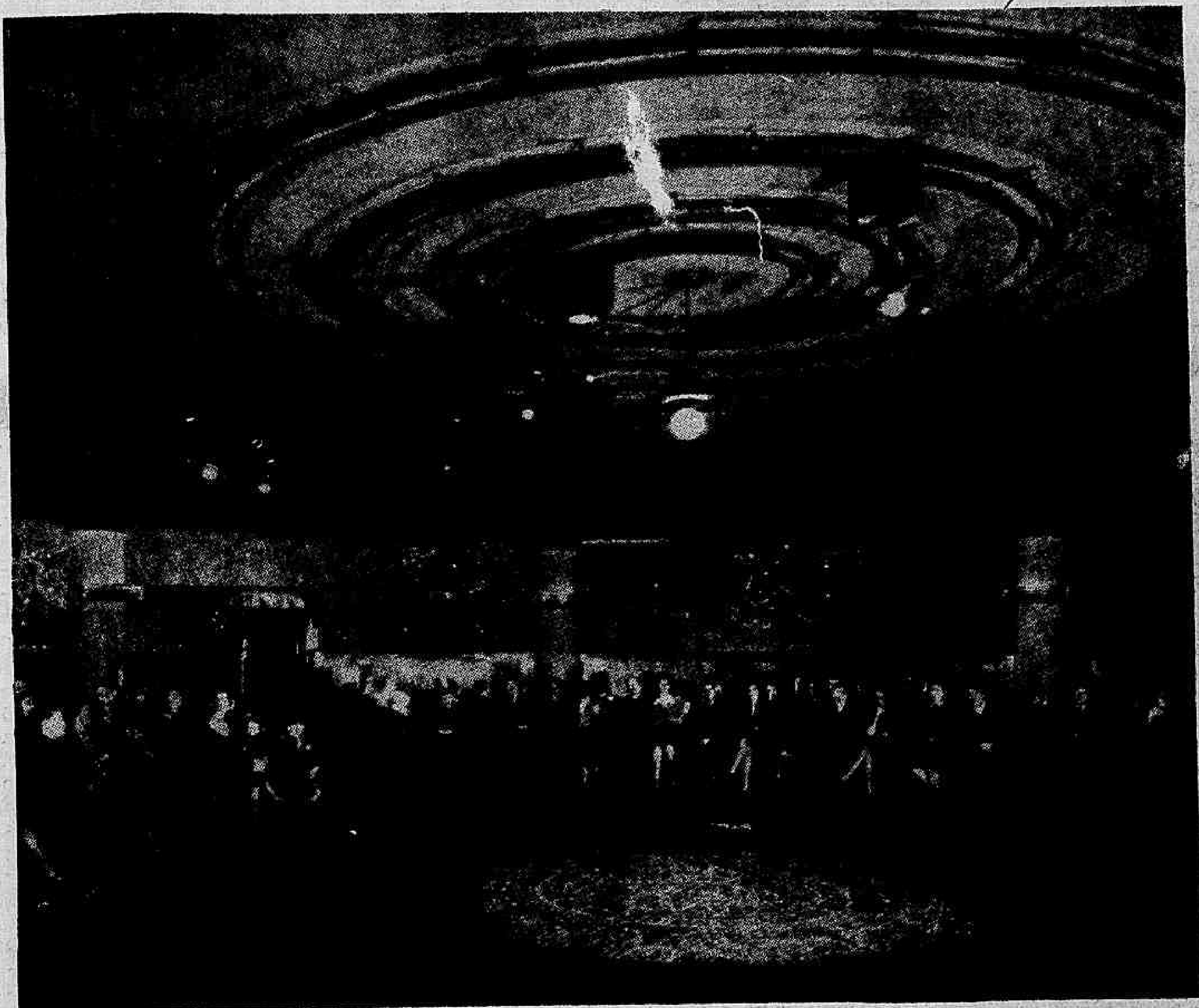
Mas, quem vai uma vez ao "Planetarium" fica obrigado a lá voltar muitas outras vêzes, tal o fascínio de belezas sem par de que se viu escravizado. E cada vez que ali volta, novas surprêsas, outras magnitudes celestiais lhe são mostradas científica e graça literária, enchendo os cinquen-e explicadas com vérve e talento, com realidade ta minutos de estranho e magnífico espetáculo



Desenho de T. W. VOTER

Para que o leitor possa ter uma idéia aproximada da magnitude e composição interna do grande Hayden Planetarium, aqui mostramos a grande instituição internamente, graças a um corte transversal. Em baixo, o mesmo edifício nos mostra a sua fachada e o volumoso zimbório, onde admiramos tôdas as belezas celestiais por meio dos mecanismos e instalações a que se refere esta reportagem, com detalhes e fotos ilustrativas. Uma visita ao Hayden Planetarium é obrigatória a todo o turista que vai a Nova York, e, não raro, centenas de brasileiros ali se encontram, para conhecer essa maravilhosa organização. Simultâneamente com a subida ao Empire State e a visita à Estátua da Liberdade, figura, invariàvelmente, uma noite destinada ao Planetarium — ou Nova York não terá sido visitada a rigor





O projetor do "Planetarium" pode mostrar tôdas as estrêlas visíveis a ôlho nu, todos os astros, satélites e outros corpos celestes vistos pelos astrônomos. O globo maior, ao centro do teto, representa o Sol. Os demais planetas e seus satélites giram em tôrno a êle

com o mais deslumbrante encantamento que se pode imaginar.

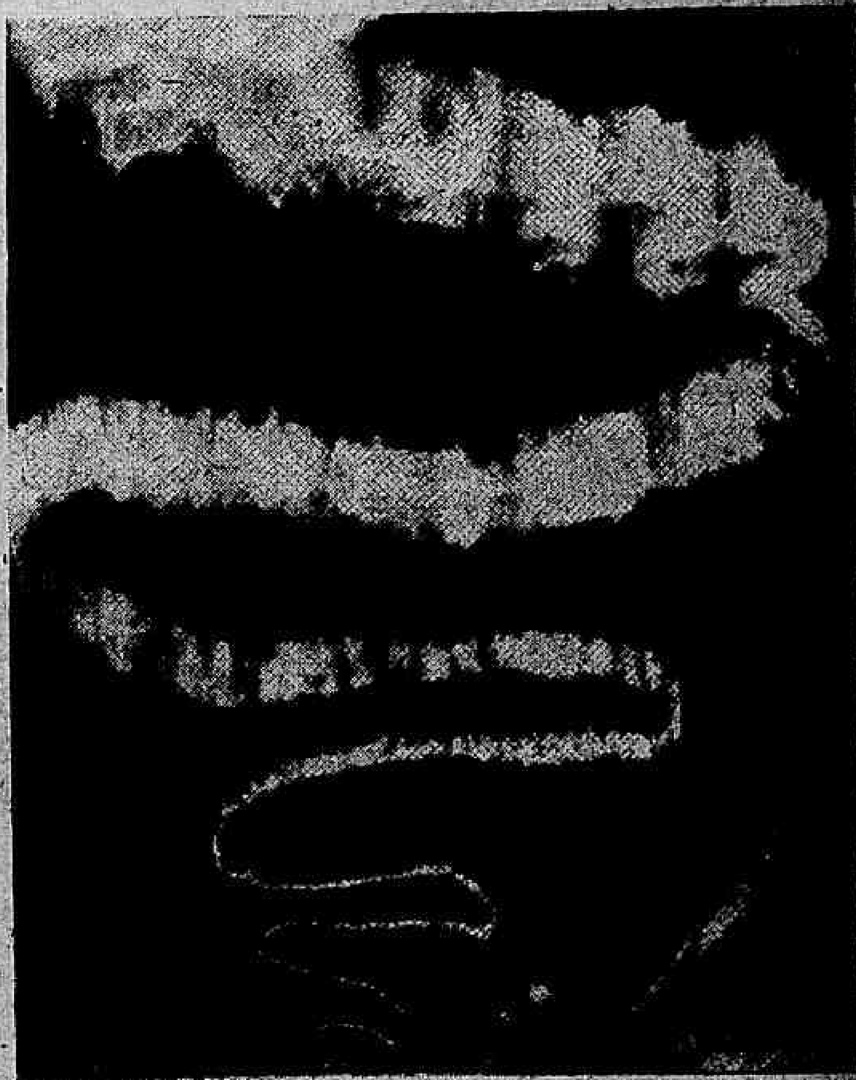
E' uma viagem pelos céus, vendo-se o movimento dos astros, a marcha dos cometas, as parábolas luminosas dos planetas, a Terra vista da lua, como se ali estivessemos realmente, o nascer do sol, o brilho rosicler da aurora, o rodar dos meteóritos, o lucilar dos asteroides, o fulgurar das estrelas, a beleza sem par da Via Láctea, tudo que há no Infinito e que as ciências cosmológicas e astronômicas dominam e perscrutam na contemplação da suprema obra do Grande Arquitecto do Universo: — DEUS.

Mas no "Hayden Planetarium" não se pode admirar apenas a beleza do céu. As mensagens que do Infinito nos envia a Natureza representadas nesses blocos de minérios a que damos o nome de meteóritos, lá estão expostas à visitação pública.

Um dêles, o Wilamette achado perto de Oregon City em 1902, pesa 15 toneladas sendo o maior meteórito até hoje encontrado nos Estados Unidos; mas, também alí se vê o colossal corpo celeste de ferro e niquel, trazido de Greeland e encontrado em Cape York, terra de esquimaus, por Peary em 1897 e que pesa 36 e meia toneladas, o maior meteórito existente em museus de qualquer parte do mundo.

Reprodução exata do sistema astronômico de Copérnico, de há muito universalmente aceito, tudo animado por êste fascinante sistema do "Planetarium" e dando ao espectador uma noção exata daquilo que até então representava para êle um quase fenômeno impenetrável





De cima para baixo: Fantástica visão da Aurora Boreal, pintada no Alaska, a cinquenta graus abaixo de zero, pelo artista Leornardo M. Davis, que aquecia os pincéis com lâmpada de álcool. Outra



audaciosa concepção do Sol e de parte do Céu, com figuras indígênas a dançar nos seus ritos. Assim [illegible] os gregos tinham em Zeus o maior dos Deuses, [illegible] vemos uma Águia a emitir raios na concepção [illegible]



OBEDIÊNCIA

Conto de TANCREDO FAYÃO PINHEIRO

Esquálido e faminto, caminhava trôpego puxado pela mão da avòzinha, tendo os
pés mergulhados em hipotéticos sapatos.
Marchava lentamente, aos tropeços, como um carro danificado a reboque. Suas
perninhas esqueléticas, mal se prestavam a levar-lhe a carcassa infantil. Seis anos
apenas e Julinho já conhecia o jejum forçado de uma fome de oito dias. Moravam
no Engenho Novo e dirigiam-se a pé para o Riachuelo. A caminhada seria longa,
cruel, interminável, mas sua mãezinha ordenara...
Para Julinho a palavra materna era um dógma, uma lei, uma ordem imperativa
que se não discutia. Surgissem os maiores obstáculos, terrível que fôsse a sua fa-
diga, mesmo que as fôrças o quisessem abandonar, os seus pés gemessem dentro dos
moribundos sapatinhos, êle caminhava porque muito pior que tudo isso, seria o
castigo à falta de obediência... Assim fôra educado. Obediência çega, obediência sem
raciocínio, obediência passiva, cumprimento rigoroso, absoluto das ordens maternais.
Portanto, deixava-se arrastar sem
articular palavra, sem se queixar,
sem pedir água, sem nada dizer,
absolutamente nada... Sua avòzi-
nha para distraí-lo ia contando-
lhe uma história que êle não ouvia
porque pensando, fazia um re-
trospecto de sua vida tão curta ain-
da, mas repleta de sofrimentos.
Como era feliz há dois anos pas-
sados! Moravam numa bela casa,
tinham criados, havia muita co-
mida... sobretudo muita comida,
comida de sobra que êle tôdas as
tardes distribuía pelos pobres da
redondeza, admirando-se que al-
guém pudesse passar fome. Depois
seu pai perdera o emprêgo, vieram os maus dias, as brigas de sua mãe
com o marido, as cenas terríveis que sempre o amedrontavam, as privações
de tudo e por último aquêle sofrimento supremo que êle considerava o mais custoso
de suportar: o suplício da fome. FOME, a sua maior tortura. Querer comer e sua
mãe não lhe dar coisa alguma. Nem ela nem ninguém. Por que? Êle que mitigara
a fome das outras crianças, sentindo o coraçãozinho comovido quando alguma lhe
dizia que ainda não comera... E hoje, fazia justamente oito dias que sua boquinha
não provava o sal de uma comida qualquer. Era só o enjoado café com pão sêco.
Caminhando sempre, olhava o céu, o belo céu que era tôda a sua admiração, que
durante o dia se enchia de luz e à noite repleto de estrêlas, ornamentava-se de luar;
o céu que êle fitava com inveja, pois lá moravam os anjos...
Lembrava-se de que, certa vez, um venerável senhor, afagando-lhe a cabecinha,
dissera à sua mãe: — "Senhora, seu filho é um anjo!". — Seria verdade? Êle, um
anjo? Por que? Não era belo. Possuia o complexo de sua fealdade, do seu raqui-
tismo, da sua fraqueza. Julinho pensava: — E se fôsse mesmo um anjo? Então
não tardaria em morrer para ir morar naquele céu tão lindo, sua constante fasci-
nação. Fitou uma nuvem branca que pairava acima de sua cabeça como um grande
cisne deslizando num lago azul... talvez os anjos estivessem escondidos em suas
asas e o espreitassem lá de cima. Sentiu uma sacudidela na mão: Está dormindo?
— perguntou sua avó. Despertou do devaneio e continuou a caminhar mais atento.
Depois, insensivelmente contemplou o céu outra vez. Quedou-se deslumbrado pelo
esplendor da natureza. O céu apresentava cambiantes de côres num maravilhoso
pôr de sol. Como tudo era belo, pensou. Pena sentir de vez em quando aquela
dorzinha no estômago... A noite caia lentamente. Era o "Angelus". Sentiu uma
grande aflição, uma agonia, uma tristeza imensa. Suava frio. Olhou mais uma vez
para cima. Agora a concha rósea do crescente pairava entre nuvens opalinas. Sentiu
uma tonteira. Novas ferroadas no estômago vazio. Acariciou a mão da avó: — Avò-
zinha, tô com fome. — Filhó, fale baixo para que sua mãe não ouça. Vamos à
casa da comadre Chiquinha para jantar. Hoje é dia de festa e há muito doce p'ra
você... — E comida também? — perguntou. — Sim, filhinho, muita comida — bal-
buciou trêmula de emoção a piedosa avó. — Mas avòzinha, tô cansado... — Tem
paciência. Agora que vai comer, não esmoreça. Lembre-se de que já é um homen-
zinho. — Julinho calou-se. Refletiu. E' verdade, sou um homem. Uh homem de
seis anos, mas um verdadeiro homem. Lembrava-se de ouvir muita gente dizer que
se não almoçasse as dez horas morreria de fome; a outros ouvira ainda que "não
podia prescindir da merenda às duas horas, porque não aguentariam esperar a hora
da janta"; ouvira também de uma criança falar para sua genetriz: "Mamãe, tô mor-
rendo de fome" e até o filho da lavadeira, seu vizinho de quarto na moradia coletiva
em que habitava, um menino gordo, corado, forte, reclamava a tôda hora, pão, por-
que estava "morrendo" de fome...
Sempre tivera o complexo de sua fraqueza ao comparar-se com as outras crianças
porém, agora, não sabia porque, vinha-lhe uma convicção contrária. Sim, êle era
mais forte que tôdas as outras, muito mais. Há oito dias tomava apenas café com
pão sêco e não reclamara, nem se sentia morrer. Estava vivo, bem vivo, vencendo
uma distância enorme sem um gemido, sem parar, sem ao menos pedir água. Êsse
raciocínio fortaleceu-o, estimulou-o. Sentiu-se agigantado, superior. Uma pontada nas
costas paralisou-lhe um segundo o pensamento. Ia comer, conjeturava, gostava muito
de ir àquela casa. Havia tanta comida, tanta fruta, uma fartura enorme até ao des-
perdício, como dizia sua mãe. Pena que o menino da casa fôsse maluco e às vêzes,
quisesse bater-lhe. Mas não se aborrecia por isso porque sua avó lhe dissera que os
malucos eram irresponsáveis, eram crianças grandes, eram os embriagados do Des-
tino. Por isso tinha muita pena do maluquinho. Agora marchavam para lá. Era dia
da festa. Imaginava quanta coisa boa estaria à sua espera. Quanta comida para
mitigar sua fome de oito dias. Novamente olhou para o céu e sua alminha pura ainda,
branca flor que se entreabria no lado mau da vida, se enternecia, julgando que os
anjos, compreendendo o seu grande sofrimento, lá de cima, despertaram em sua avò-
zinha a idéia feliz de levá-lo àquela casa para comer. Passou a língua pelos lábios
sequiosos. Reparou onde estava. Nem a metade do caminho ainda percorrera! Sentiu
um desânimo, uma coisa exquisita. Contemplou outra vez o céu, e, teve a im-
pressão perfeita, de que um grande cisne branco vinha ao seu encontro baixando
suavemente, descendo... transportando em suas asas diáfanas os anjinhos que lhe
atiravam comida... Falseou um pé. Fechou os olhinhos com sono...
Acordou no colo da avòzinha ouvindo-a dizer: — Êste menino não aguenta mais...
— abriu os olhos e viu-lhe duas lágrimas escaparem furtivas, como que envergo-
nhadas... — Está melhor, queridinho? — Não tenho nada não, avòzinha. — Ponha
o menino no chão que a senhora não pode levá-lo até lá, falou sua mãe. Era ver-
dade, ela já não possuia fôrças para carregá-lo. Era tão velhinha!... — Ponha-me no
chão, avòzinha, eu não tenho nada — pediu o menino, só tô com fome... — Psiu!
— advertiu-lhe rispidamente sua mãe, isso não se diz, principalmente na rua.
Nada de chôro. — Julinho calou-se. Num supremo esfôrço de vontade caminhou
forte, altivo. Sentia de quando em vez, as perninhas tremerem e os pezinhos ar-
derem, porém, acima de tudo o lema: obediência. Olhava os bondes, os autos, os
ônibus... Quanta condução e sòmente êles a caminharem como por castigo. Meteu
os dedinhos no bôlso. Estremeceu de alegria. Tocara numa coisa redonda... Se-
gredou: — Avòzinha, pare. Achei um dinheiro. — todos se interessaram. Abriu a
mãozinha vitorioso e sorridente. Eram dez centavos apenas. Sua avó lembrou que
possuia outros dez e se achassem nas carteiras vinte centavos mais, poderiam tomar
o bonde, levando o menino ao colo. Busca infrutífera. Desilusão rápida. — Não
temos dinheiro, adiante — falou o pai. A caminhada recomeçou. Julinho sentiu
uma dor aguda no pé. — Avòzinha, meu dedo furou a meia e tá machucando. —
ela ajoelhou-se, tirou-lhe o arremêdo de sapato, ajeitou com carinho da melhor ma-
neira o pèzinho na meia e recalçou-o falando: — Lembre-se, meu filho, que vamos
comer. Já estamos perto. — animou-se um pouco. Mesmo assim, andava trô-
pego, quase inconsciente, jogando heròicamente as perninhas para a frente. Apre-
ciou novamente o céu, o longínquo céu que seria dele um dia. Contemplou as nuvens
e viu, sim, viu perfeitamente, meia dúzia de anjinhos fascinantemente lindos, di-
zendo-lhe adeus com as mãozinhas gordas e rosadas... Já não eram as pernas que
lhe tremiam, todo o corpo era per-
corrido por estremecimentos inter-
nos e externos. Sentiu marteladas
na cabeça. — Avòzinha, suplicou,
não posso mais. — Coragem, meu
filho. Olhe. Estamos chegando. Vê
a casa iluminada? — Julinho em-
pinou os pèzinhos para ver melhor.
Suspirou, tentando uma respiração
profunda, que a sua grande fra-
queza não deixou concluir. Era ver-
dade. Ali estava há poucos passos
o palacete da tia Chiquinha. Quanta
luz! Quanta gente! — sorriu. Houve
uma parada da família. Ligeiro con-
ciliábulo. Deliberaram. Sua avó
entraria pela frente, pois que era
a única descentemente vestida. Êle com os pais penetrariam pelos fundos.
Prosseguiram. Como foi paradoxalmente longa, interminável a distância tão
curta agora a percorrer! Sentiu náuseas. Por que? Não comia há oito dias. Não
compreendia a causa do seu enjôo. Suas dores aumentaram. Teve mesmo um co-
mëço de vômito sêco, cujas contrações causaram-lhe dores mais atrozes. De nada
se queixou. Nova parada. sua mãe falou: — Chegamos. — Milagre! Ficou bom de
repente, completamente bom! Iria comer finalmente! Tôda a sua fadiga, tôda a sua
tristeza, tudo se fôra instantâneamente com a miraculosa visão da casa onde iria
comer! Tiveram que romper a multidão de curiosos que constituia o "Sereno". O
palacete estava iluminado até o jardim, onde chegavam os acordes de uma or-
questra. O menino olhou aquela festa de luzes com os olhinhos esgazeados, mara-
vilhado com o esplendor do luro dos convidados, com o vozerio cá de fora da mul-
tidão que espiava invejosa, a felicidade alheia. Olhou, na sua curiosidade infantil,
os que estavam à porta, contentes, felizes, bem vestidos. Alegrou-se também. As
almas simples e boas também compartilham graciosamente da felicidade ou infe-
licidade alheias.
Entraram furtivamente, como ladrões, cosendo-se à parede para que ninguém
os vissem e foram para a grande cozinha do palacete. Como ali tudo era magní-
fico! Julinho ficou estonteado ao deparar com as iguarias que sobejavam por
tôdas as mesas e prateleiras. Notou que seus pais questionavam. Sentiu um pres-
sentimento cruel. Teve um sobressalto. Que tolice! Noutra ocasião êsse fato lhe
causaria preocupação, quase medo, porém, agora todos os seus sentidos estavam
focalizados para um só objetivo: Comer! Comer! Esqueceu-se.
Pelo corredor entrava o ruído alacre dos felizes comensais e dos talheres, as grandes
e comunicativas risadas de fim de banquete, aquelas risadas dos que já comungaram
com Baccho. O pobrezinho ria também de tudo e para todos. Olhava boquiaberto:
aqui, uma travessa com os restos apetitosos de um peru recheado, ali, um arroz de
forno, mais além, uma galinha, peixe, enfim, tôdas as iguarias escolhidas para um
pantagruélico banquete de burgueses apatacados... Haviam pratos já dilacerados,
outros mal tocados, travessas imensas, inteiramente rejeitadas pelos paladares sa-
ciados e êle com tanta fome. Haviam outros que nem sairam da cozinha, pois es-
tavam ainda intactos e quentinhos... Quanta comida! Quanta! E as frutas? As
compotas? Os vinhos gelados? Os doces? Ah! os doces! Aquilo era um deslum-
bramento para o seu paladar de faminto. Comer de tudo! Sim, raciocinava, êle co-
meria de todos aquêles pratos e sua imaginação nada restringia à sua gula infantil
aliada ao enorme jejum que vinha sofrendo... Oh! O delicioso perfume daqueles
manjares que lhe acariciavam as narinas. Sua boquinha estava cheia de água...
babava-se todo, o coitadinho, prelibando a grande alegria de comer. Os criados
continuavam na sua faina de carregar pratos e mais pratos, garrafas, compoteiras...
Que alucinação para o pobre campeãozinho da fome. Semi-aparvalhado tudo con-
templava ainda julgando sonhar. Beliscou o bracinho. Não, não era sonho. Os anjos,
os seus amiguinhos do céu, é que lhe proporcionavam aquêle desejado banquete, tendo
inspirado à sua avòzinha a feliz idéia de ir à casa da tia Chiquinha. Por isso, men-
talmente agradeceu-lhes. Notou que seus pais continuavam a brigar. Sentiu novo
apêrto no coração. Tais cenas lhe desagradavam e inquietavam sempre. Mas não lhe
sobrava muito tempo para pensar nisso porque viu com alegria sua avó entrar risonha
e apressou-se a correr-lhe ao encontro: — Vovó, quando vamos comer? — Espera
um pouco, filho, e assim dizendo ela dirigiu-se aos seus genitores que, pela sua ati-
tude, já estavam sendo alvo da curiosidade dos criados. Novamente Julinho foi aco-
metido pelo pressentimento cruel de há pouco... era tão terrível que estremeceu
e fêz fôrça para não pensar... quis esquecê-lo e foi contemplar um sedutor leitão
coradinho, todo embalsamado em rodelas de limão que lhe parecia estar dizendo:
— Devora-me! Devora-me! Uma criada, já idosa, a rainha, sem dúvida, daquele pa-
raiso culinário, reparando na criança, sentiu-lhe a fome e chegando-se a êle, ofe-
receu-lhe uma empada soberba, quentinha, cheirosa, dizendo: — Toma, meu filho;
tá com fome? — O menino chegou a estender a mãozinha que logo se retraiu tí-
mida, colando-se ao orpinho esquelético, arrependida. Sorrindo, com os olhos fixos no
petisco, num gôzo prematuro do paladar enfurecido como os animais ferozes à vista
do primeiro sangue, porém, tolhido pelo olhar disciplinador de sua mãe, que lhe
fazia um sinal imperioso, irrevogável, respondeu a sorrir, traindo no olhar embaciado
de prazer, na boquinha a babar, as palavras gaguejadas a medo: — Obrigado, daqui
há pouco eu vou comer porque há oito... — Julinho! — gritou-lhe imperativa e
enérgica sua mãe, adivinhando o que ia dizer. Êle correu para ela agradecendo com
um olhar a oferta da boa senhora. Neste instante sua avó dizia: — Não é pos-
sível. E o menino não come?! Vou falar a Chiquinha — e saiu arrebatadamente.
Foi então que a coisa espantosa se deu, que o seu pressentimento se concretizou
brutal, violento, inconcebível. Sua mãe chamou-a bem para perto e disse-lhe bai-
xinho: — "Vamo-nos retirar. Só espero a comadre para cumprimentá-la. Se alguém
lhe perguntar se comeu, seja quem fôr, diga que já, ouviu? — e na sua grande
inconsciência do orgulho e do egoismo, concluiu: — Não se esqueça: Já comi, obri-
gado... — e virando-se para o marido: — Basta de tanta humilhação! — Se uma
daquelas imensas prateleiras repletas de pesados pratos houvesse despencado sôbre
sua cabeça, êle não se admiraria tanto. Pela vez primeira sentiu uma revolta contra

(Cont. na pág. 50)

SELECIONADO PELA "REVISTA DA SEMANA" -- ILUSTRAÇÃO DE A. FONTOURA


1949.

O GALÃ QUE SE DESILUDIU DO CINEMA

UM CONTADOR QUE O RÁDIO ABSORVEU POR COMPLETO ★ CHEFE DE FAMÍLIA COM O ORDENADO DE OITOCENTOS CRUZEIROS MENSAIS ★ TROCOU A DIREÇÃO ARTÍSTICA DA RÁDIO NACIONAL PELO CINEMA ★ PLANOS QUE O FUTURO DECIDIRÁ

Reportagem de ARMANDO MIGUEIS

Celso Guimarães é paulista. Ali de Jundiaí, cidade onde aos primeiros albores de sua infância, organizava batalhões com fuzis feitos de cabo de vassoura e uniforme de papel fino. Ainda na terra da uva e do vinho paulista, mostrando vocação para a arte de representar, montava circos no fundo do quintal, valendo-se do cachorro vira-lata para servir de féra, enquanto seus irmãos se encarregavam de outros malabarismos circenses. Nêsse ramerrão de vidinha do interior, chegou aos bancos da Escola Paroquial São Francisco, a fim de aprender as primeiras letras do alfabeto. Teve, então, como companheiro de estudos e travessuras, o locutor Nicolau Tuma que, mais tarde, veio a se popularizar como o "speaker metralhadora".

Conhecido o alfabeto, aprendidas as quatro operações, o filho do ferroviario Carlos Hummel Guimarães ingressou no Ginásio Rosa, que veio a trocar pelo São Francisco. Ai, começaram suas atividades amadoristas no teatrinho escolar, prestigiadas por sua genitôra, dona Georgina Foot Guimarães que, diga-se de passagem, comparecia religiosamente a todos os espetáculos em que o filho tomasse parte. Era, por sinal, a mais entusiasta conselheira do artista que se anunciava.

No decorrer de 1923, quando as atenções populares convergiam para os acontecimentos revolucionários do ano anterior e a possível eclosão de outro movimento, o menino de Jundiaí, perante a fina flor da sociedade campineira, recebia das mãos do diretor do Liceu Salesiano de Campinas, o diploma de perito contador. Era o começo de uma existência que, a partir daquele instante, ganhava relêvo. Por isso, com a vaidade que domina todo o cristão nesses momentos, Celso olhou para o porvir, sonhando em se vêr à frente de um bruto livro "Razão", escriturando os lucros e perdas de uma importante organização.

Mas quiz o destino que êle fôsse trabalhar num pequeno escritório. Achou melhor prosseguir nos estudos, matriculando-se como dicente do Ginásio do Estado, em São Paulo. A par dessa iniciativa, veio-lhe o desejo de expandir suas veleidades literárias. Procurou, então, um jornal. Ofereceram-lhe o cargo de gerente de um semanário: "O Século".

... VEIO A OPORTUNIDADE DO RÁDIO

Apesar do título de gerente, nosso reportado, na realidade, cozinhava todo o jornal. Redigia as notas funebres; preparava as reportagens; revisava a materia; corretava anúncos e, finalmente, se incumbia da distribuição. Pois nessa fébril operosidade jornalistica é que o foram encontrar seus companheiros de Faculdade quando, por insinuação de um dêles, o intimaram a participar de um quarto de hora academico da Rdio Record. Todos sabiam-no competente mestre de cerimônia e não menos interessante ator, atividades exercidas na Associação dos ex-alunos Salesianos.

Apanhado de surpreza, sem saber dizer não, o menino de Jundiaí viu-se, na capital bandeirante, anunciado ao microfone de uma das mais importantes emissoras do Estado, apesar dos protestos de um dos diretores da estação, que lhe achava a voz muito estridente. Pois assim mesmo, Celso estreou na onda da PRB-9, provocando tôda a sorte de telefonemas. Com isso, fôra transposta a primeira barreira. Depois, as primeiras fãs, contrariando a opinião do diretor da Record, acharam sua voz agradabilíssima, despertando-lhe o desejo de se tornar profissional.

Mais uma vez a sorte veio ao encontro de Celso. A chance que êle procurava surgiu na Rdio Cruzeiro do Sul, então em sua fase experimental. Era o mês de abril de 1932. Um cantor, improvisado em locutor, cometia as maiores atrocidades ao anunciar os números e pedir opiniões. Foi quando êle resolveu verificar se de fato sua voz era rachada, conforme dissera um dos maiores da estação. Apresentou-se nos estúdios da Cruzeiro, candidatando-se ao pôsto de locutor. Deram-lhe a vaga em carater provisório até entrar em concurso com mais de trinta candidatos. Venceu a todos, tornando-se o locutor-chefe da emissora das organizações Byington. Nêsse prefixo, veio a ser o primeiro "announcer" da primeira cadeia sul-americana de rádio, a famosa Rêde Verde e Amarela.

Não foi das mais longas a presença de Celso Guimarães na onda da Cruzeiro do Sul, uma vez que no decorrer de 1934, vamos encontrá-lo comandando a linha de programações da Rádio Educadora Paulista. Nêsse prefixo, permaneceu até os últimos dias de 1936

As preocupações radiofônicas de Celso Guimarães em nada influem no chefe de família que, tôdas as manhãs, acompanhado de seus filhos Vera e Celso, exercita os músculos pedalando com gôsto. E quando o ponteiro entra na casa das dez, enquanto Celsinho segura a pasta, êle sapeca um beijo muito paternal na filhinha, que está cursando o "Sacré Coeur". Na vivenda da rua Raimundo Correia, deixa de existir o homem de rádio para encontrarmos só e sempre o homem familiar, que dá um exemplo de suas noções de responsabilidade





Ainda aqui se revela o carinho de Celso Guimarães pelos filhos. Com o mais vivo interêsse, acompanha os estudos das crianças, zelando para que tenham [illegible] fim do ano, e então, o prêmio será um delicioso período de férias, longe do Rio, das aulas, de tôdas as preocupações do ano inteiro. Em companhia [illegible] Vera estudam com vontade maior, encontrando quem lhes dê todos os esclarecimentos sôbre a matéria que, no dia seguinte, vai ser motivo das aulas. Bom pai e professor espontâneo, o locutor aí os atende

quando, levado por tentadora proposta da Rádio Nacional, embarcou para o Rio, a fim de assumir a direção artística dessa emissora. Na PRE-8, acabou acumulando funções, uma vez que participava, como participa, dos espetáculos de teatro cego, das apresentações de programas e da produção de peças. Aliás, por sua iniciativa, aquela estação, aos primeiros dias de agosto de 1937, mandou aos lares brasileiros, o "Teatro em Casa", origem de todo o atual departamento de teatro-cego da PRE-8.

A VERDADEIRA GRANDE EMOÇÃO

Iniciando-se com trezentos cruzeiros mensais, já em abril de 1934, na qualidade de exclusivo da Cruzeiro do Sul paulista, Celso Guimarães via seus vencimentos atingirem a importância dos oitocentos cruzeiros, fato que o animou a contrair nupcias com a senhorita Maria Stela Reys. Presentemente, com quarenta e dois anos de idade, dos quais dezessete vividos nos bastidores radiofônicos, seu ordenado ultrapassa a casa dos dez mil cruzeiros.

O primeiro contácto do menino de Jundiaí com o microfone, ao contrário do que acontece com maioria, não lhe trouxe nenhuma emoção, uma vez que os programas universitários, produzidos a título de divertimento, tornaram-no senhor dêsse instrumento ultrasensível que espalha sua voz por todos os recantos do território nacional. Já a notícia de que fôra convidado pelo govêrno norte-americano para, em companhia de Sagramor de Scuvero, José Roberto Penttado e Lídia de Alencar, trabalhar nas maiores organizações radiofônicas do Mundo, como a Nacional Broadcasting Company, provocou-lhe a maior das emoções de sua carreira.

Sua viagem ao país de Uncle Sam proporcionou-lhe o [illegible] atuar ao microfone da Columbia Broadcasting System, além de [illegible] vir de ponto de partida para o preparo de um livro de viagens [illegible] sob os auspcios da Civilização Editora, foi lançado com o [illegible] de "Um sonho", tendo sua edição de cinco mil exemplares [illegible] gotado em três meses.

No momento, o galã das novelas da PRE-8 desenvolve [illegible] atividade ao microfone, participando da maioria de histórias [illegible] capítulos ali apresentadas, além de comandar, dêsde seu [illegible] mento, o programa "Ondas Musicais", irradiado em cadeia [illegible]

(Cont. na pág. [illegible]



Nos momentos de folga, quando a tranqüilidade do lar convida à meditação, um pouco de boa música não faz mal a ninguém. Pai e filha vão ouvir uma suave melodia de Massenet; dêsse modo, Celso Guimarães consegue, mais fàcilmente, esquecer a miragem do seu trabalho de galã cinematográfico



Celsinho é o dono do periquito, mas papai é quem trata de lhe dar a ração [illegible] horas certas. Essa obrigação, nunca êle deixa de cumpri-la, evitando [illegible] fuga precipitada dessa bonita ave, que ficou sendo uma das mascotes da família. Mas as mascotes maiores são Vera e Celsinho



Isto que o leitor está vendo não é, de forma alguma, o "parking" de corridas em Epson, nas carreiras de Paris ou de Nova York. Também não é uma praça de Urucânia em plena época de bênçãos do Pe. Pinto. Isto aqui é um ângulo da Esplanada do Castelo,onde se ergue o edifício do Ministério da Fazenda, ponto de ligação para o centro e a Avenida Beira Mar. Todo aquêle trecho fica entupido de veículos por falta de garage, atravancando o trânsito de forma lamentável

RIO - UMA CIDADE ENTUPIDA

Duzentos e quarenta mil pneus ameaçam de manhã à noite, a integridade física do cidadão carioca ★ Derrubado o Castelo para, grande parte, transformar-se em garage ★ Mão única, contra-a-mão e fora de qualquer mão ★ A população aumenta, tôda gente tem "seu carro" — mas o local para guardá-lo não existe ★ Tem a palavra a Inspetoria do Trânsito

Reportagem de JOÃO ALVARENGA
Fotos de ARNALDO VIEIRA

O Rio é uma das grandes cidades do mundo em que o tráfego de automóveis se agrava dia a dia, provocando distúrbios de várias naturezas, desde o congestionamento até aos desastres de caráter sério.

Ao sair à à rua o carioca não sabe se volta naturalmente com suas pernas ou se trazido numa ambulância. Há uma permanente confusão nas ruas, uma balbúrdia ensurdecedora, com direções de trânsito que se alteram em determinadas horas, passando a ser contra-mão o que era mão e dando mão o que não era permitido antes.

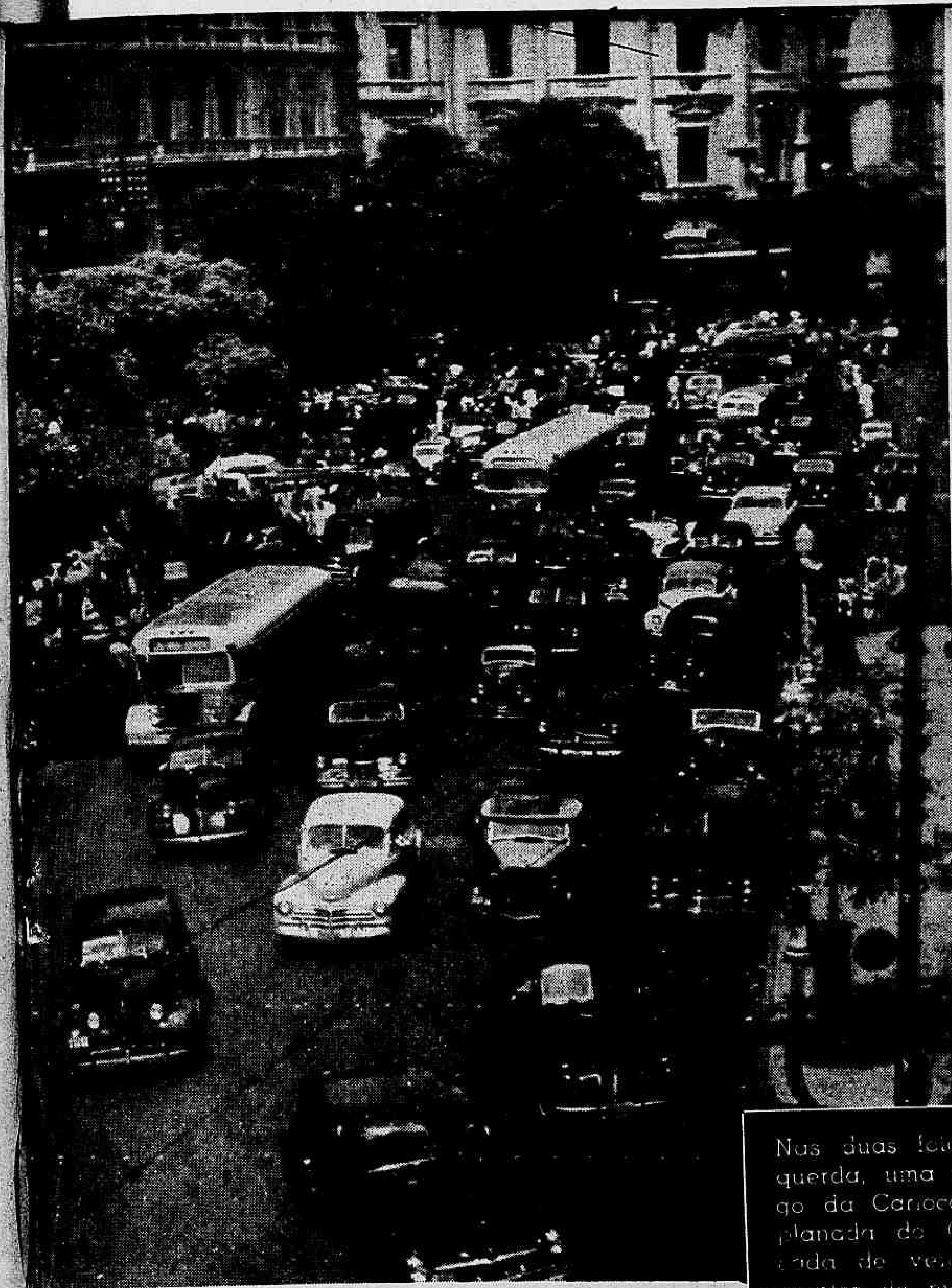
Há ruas e avenidas que mudam de orientação como de côr mudava aquêle famoso camelão de Geepura. O povo que precisa atravessar as ruas e praças, os largos e as avenidas, se estonteia a correr de um lado para outro, desorientado, na iminência de ser atropelado pelos 240 mil pneus que rodam pelas ruas desta cidade maravilhosamente barulhenta.

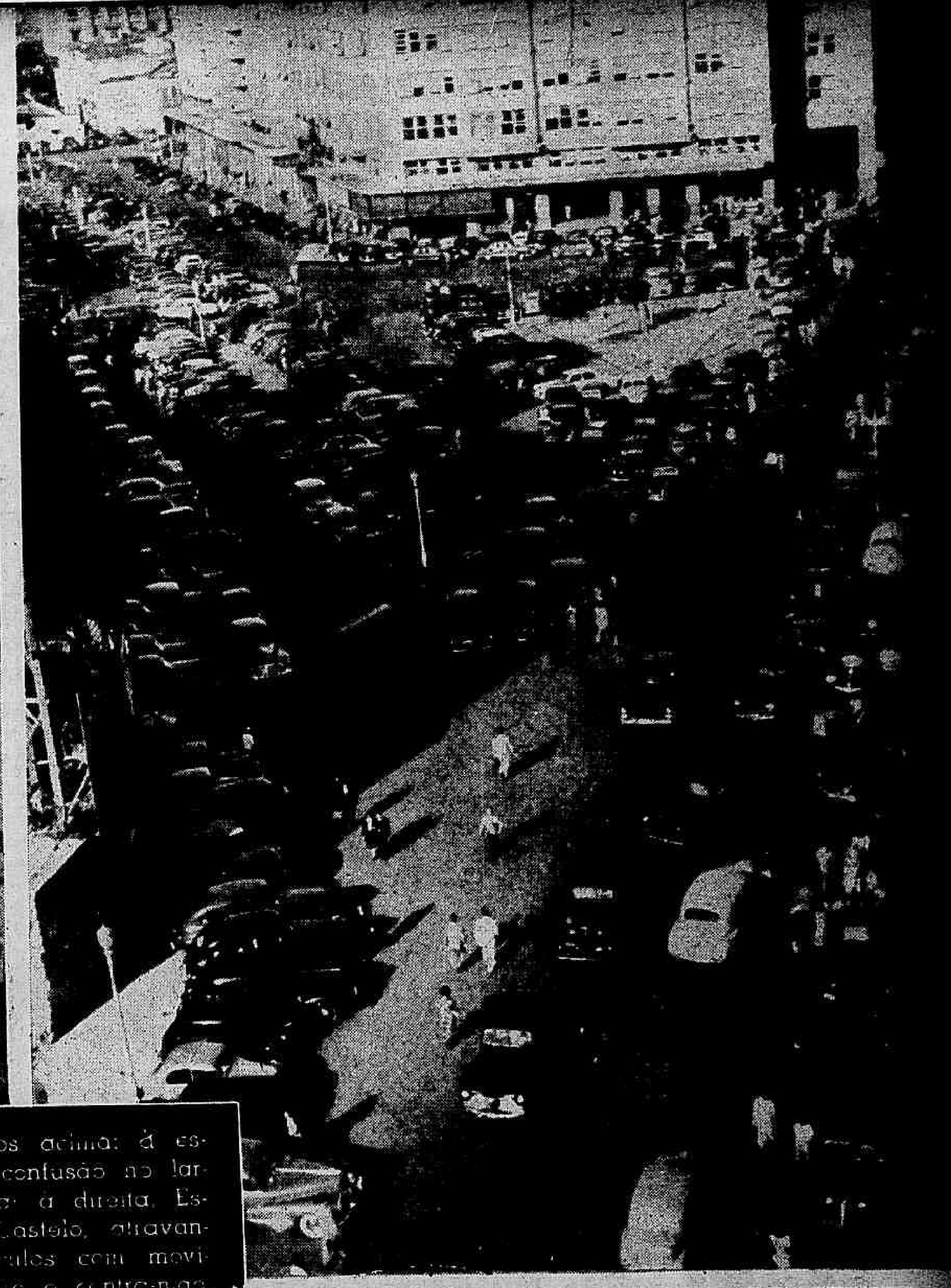
O problema é cada vez mais sério e de aparência insolúvel. Está à frente do serviço de trânsito do Rio, o sr. Edgar Estrêla, cidadão que, há cêrca de quinze anos, dirige tudo o que diz respeito ao tráfego de veículos desta capital. Infelizmente os congestionamentos são cada vez mais insuportáveis, os desastres se multiplicam, os acidentes com perdas de vidas aumentam assustadoramente, sem que se possa esperar uma solução.

A suposição é lógica: se, quando era o Rio uma cidade sem o número de carros que hoje possui, com



A Avenida Rio Branco, nos horários de almôço, a certas horas da tarde e às primeiras da noite, só dá mão para a zona sul. E' a mão única. Esse flagrante foi apanhado da Avenida, próximo à Nilo Peçanha, sôbre a rua de São José. Ainda era pequeno o movimento, mas pode-se ter uma idéia das dificuldades em que se encontram os transeuntes e mesmo os motoristas que vêm com seus carros e precisam desembocar na Avenida Rio Branco. Vejam as pessoas que estão ilhadas entre o fluxo de veículos

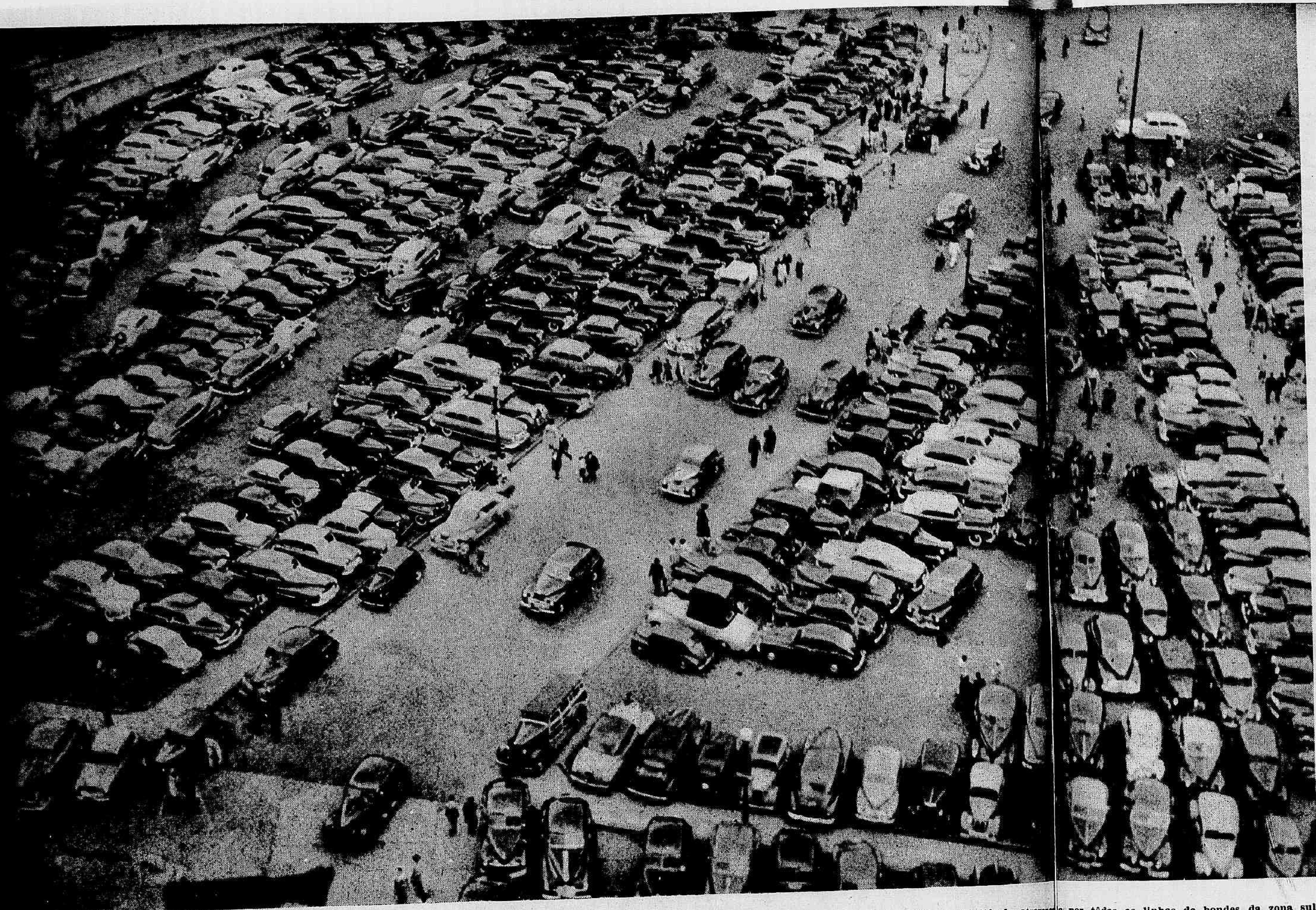




Nas duas fotos acima: à esquerda, uma confusão no largo da Carioca; à direita, Esplanada do Castelo, atravancada de veículos com movimentos de mão e contra-mão, sem guardas nem sinaleiros. Em baixo: à esquerda, fase tumultuária na av. Rio Branco, e à direita, rua do Passeio, sem faixas para pedestres







Derrubou-se o morro do Castelo com a intenção de dar espaço para melhor arejamento do centro do Rio e mais amplitude para os movimentos da população em crescimento. Mas, como vemos, tôda essa aba do Castelo se converteu numa garage em plena rua, com um oceano de carros dificultando o trânsito. Em baixo, à esquerda, um flagrante ainda sem movimento na rua do Passeio, pois que, das dezessete às dezenove horas, êsse mesmo trecho do centro urbano fica absolutamente intransitável, atravancado por tôdas as linhas de bondes da zona sul e outras da Praça Quinze. À direita, com a abertura da Avenida Presidente Vargas, todo mundo pensou que o carioca iria ter mais espaço para mover-se; mas o que se vê é apenas isso: multidões de automóveis transformam o leito da via pública em garagem, com invasão até dos passeios, dificultando aos pedestres a passagem



um tráfego muito mais reduzido e provinciano, não foi possível atenuar o mal, que diremos hoje, com sessenta mil veículos de tôdas as espécies a correr vertiginosamente pelas ruas da cidade?

Há, ainda, particularidades curiosas a respeito do nosso serviço de tráfego. Uma delas é a utilização dos sinais luminosos, nem sempre colocados em lugares convenientes.

Vejamos, por exemplo, o que se passa com o poste de sinalização colocado na esquina da rua do Passeio com Avenida Mem de Sá.

Na posição em que está, provoca acidentes com todos os veículos que desembocam no Largo da Lapa, vindos da Avenida Augusto Severo. A causa é simples: passando diante daquele cruzamento bondes de várias linhas, em dados momentos colocam-se de tal sorte que impedem a visão a todos os motoristas e pedestres que vêm dos lados da praia.

Tais veículos avançam sôbre o Largo da Lapa mesmo quando o sinal está fechado para êles, ameaçando a vida de quantos no instante atravessam aquêle local, confiados no sinal aberto para pedestres, e isso sucede porque os bondes que sobem a avenida Mem de Sá obstruem a visão dos motoristas que vêm do lado oposto.

Ainda no Largo da Lapa, estendendo-se por tôda a rua do Passeio, observa-se uma particularidade em face do nosso movimento de automóveis e ônibus, caminhões e demais veículos, que provoca sensações e espanto a pessoas desambientadas no Rio ou que ainda não conheciam o regime de tráfego dali.

Todos os ônibus e carros que descem da praia e entram na rua do Passeio, fazendo sua curva no Largo da Lapa, não estão sujeitos ao sinal da esquina de Mem de Sá com a rua do Passeio.

Os bondes que vão em linha reta estão; mas os automóveis, não. Êsse regime põe em sério perigo a vida dos transeuntes e sitia todos aquêles que precisam atravessar a rua do Passeio ao Passeio Público, ou se dirigindo para lá, a fim de tomar os seus destinos.

Êsse trecho entre o Largo da Lapa e a rua Senador Dantás é qualquer coisa de dramático em certas horas do dia. O número de veículos forma uma pasta escura e, vistos de cima, da sacada de qualquer apartamento ou escritório na rua do Passeio, cobrem completamente o solo. E' um oceano negro, uma papa a deslizar entre árvores e arranha-céus, como uma torrente de lava escura e tão ameaçadora quanto a que escorre da cratera dos vulcões.

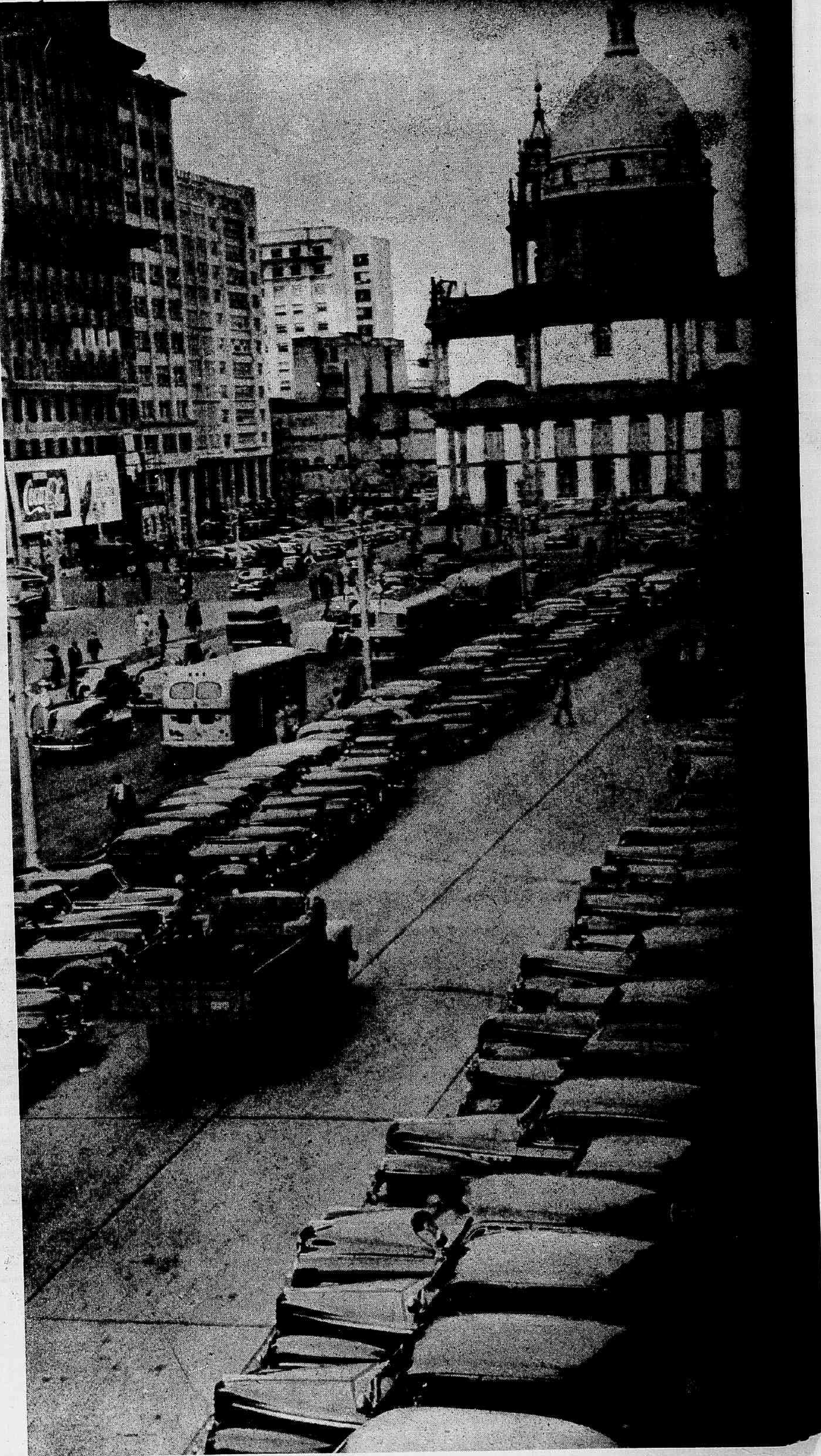
Chegando essa torrente à esquina da rua Senador Dantas com a Luiz de Vasconcelos, para entrar na Praça Gandhi e deslisar pela Cinelândia, Avenida Rio Branco ou Rua de Santa Luzia tudo então fica hermeticamente entupido. Os carros que descem pela rua Álvaro Alvim buzinam desesperadamente, protestando contra a interrupção do tráfego, enquanto os outros que também pararam, os imitam, fazendo um barulho ensurdecedor.

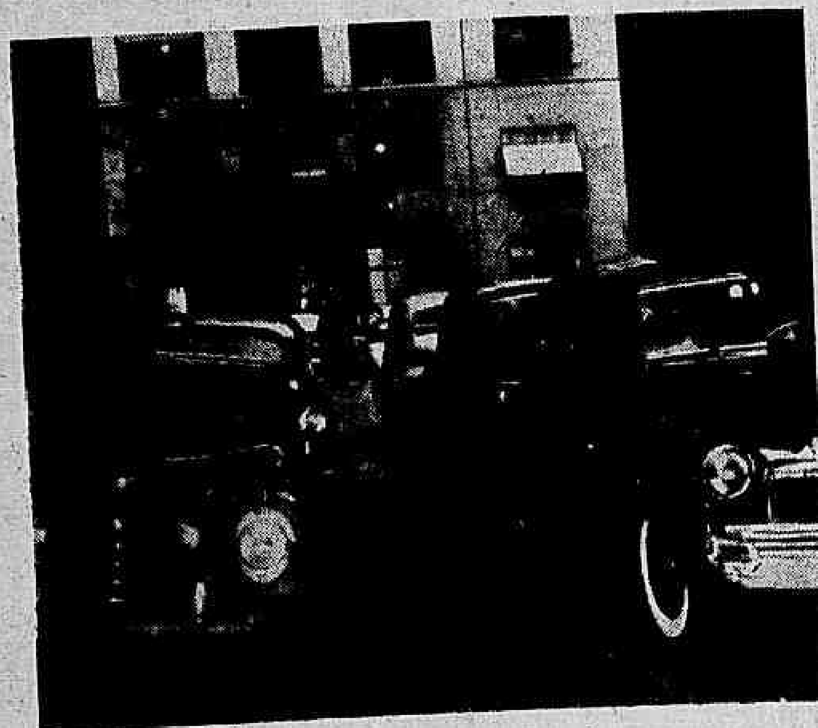
Justamente naquele local há diversos cinemas, teatros próximos e um hotel de luxo exatamente na esquina. Muita gente põe a cabeça às janelas para saber se é o mundo que vem acabando; mas não é, graças a Deus. O barulho é porque um bonde se interpôs entre os vários fluxos de carros e tudo parou irremediàvelmente.

Aumentando o alarido, ouve-se o apito estridente do guarda que faz fôrça para repor a coisa no seu normal; porém, vê seus esforços perdidos. As vias públicas naquele trecho do centro se vão enchendo assustadoramente de carros e mais carros, dando a impressão de milhares de famílias que estão a fugir de uma catástrofe, de uma invasão de marcianos, de uma calamidade mortal.

Há, em todos os países, sinais de uso universal acêrca de orientação do tráfego, vendo-se os mesmos em discos nas estradas e antes de pontes, passagens de nível, curvas, etc. Os guardas também usam os seus apitos de acôrdo com os preceitos de um código internacional do tráfego. Assim, um apito longo tem um significado; dois apitos curtos e consecutivos, também; três, querem dizer uma coisa que todo motorista deve saber, e assim por diante. Parar, acender as lanternas, seguir, etc.; o apito do guarda tem sua significação importante e preciosa para o trânscito e sua segurança numa grande cidade como é o Rio. Mas que vemos a todo momento? Os guardas apitam exaustivamente, permanentemente, sem que se possa perceber o que dizem aquêles silvos alucinados, pois se misturam os longos com os breves, numa confusão louca...

Um dêsses espetáculos vemos diàriamente, entre as dezessete e as dezenove horas, na Praia de Botafogo.





Uma área interna de um edifício da Esplanada do Castelo com os carros ocupando abusivamente o espaço destinado a pedestres. Veja-se o auto sôbre o passeio

Os bondes que sobem e descem, tomam grande parte do leito da via pública, enquanto filas enormes de veículos de tôdas as marcas e feitios atravancam as ruas aumentando a confusão geral com o intensivo abuso de suas businas que fazem côro com o nervoso apitar dos guardas.

O carioca ainda não se tornou o indivíduo mais irritado e psicopata dêste mundo porque, para atenuar sua nevrose, tem êle a paisagem salvadora em que pode descansar os olhos. E é um tipo resignado por hereditariedade. Se não fôsse essa auto-defesa, o pobre apresentaria nas estatísticas do mundo o maior índice de loucura dêste planeta.

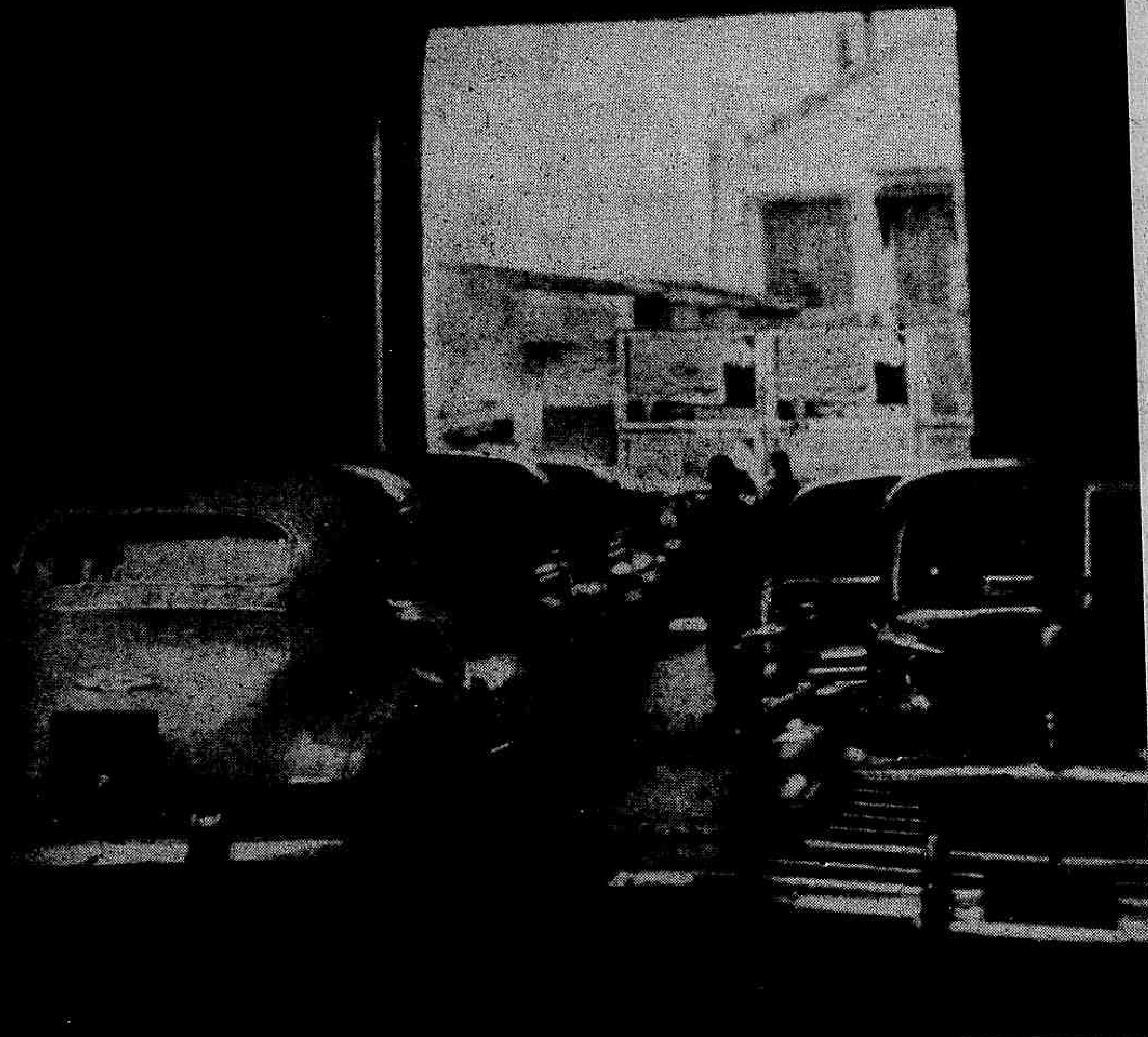
De quando em quando a Diretoria do Tráfego põe em execução um programa de educação popular para ensinar o povo a atravessar as ruas movimentadas de nossa metrópole.

Vieram as faixas de segurança, pintadas de branco ou demarcadas por uma fieira de tachas de metal bem visíveis a pedestres e a motoristas. Mas, ao invés de persistirmos nessas lições ou impormos multas a todos aquêles que infringem os regulamentos, tanto a pedestres como a motoristas, mesmo os famosos de chapa branca, o que se vê é o abandono das aulas e o relaxamento imediato de tudo o que se ensinou e que se aprendeu.

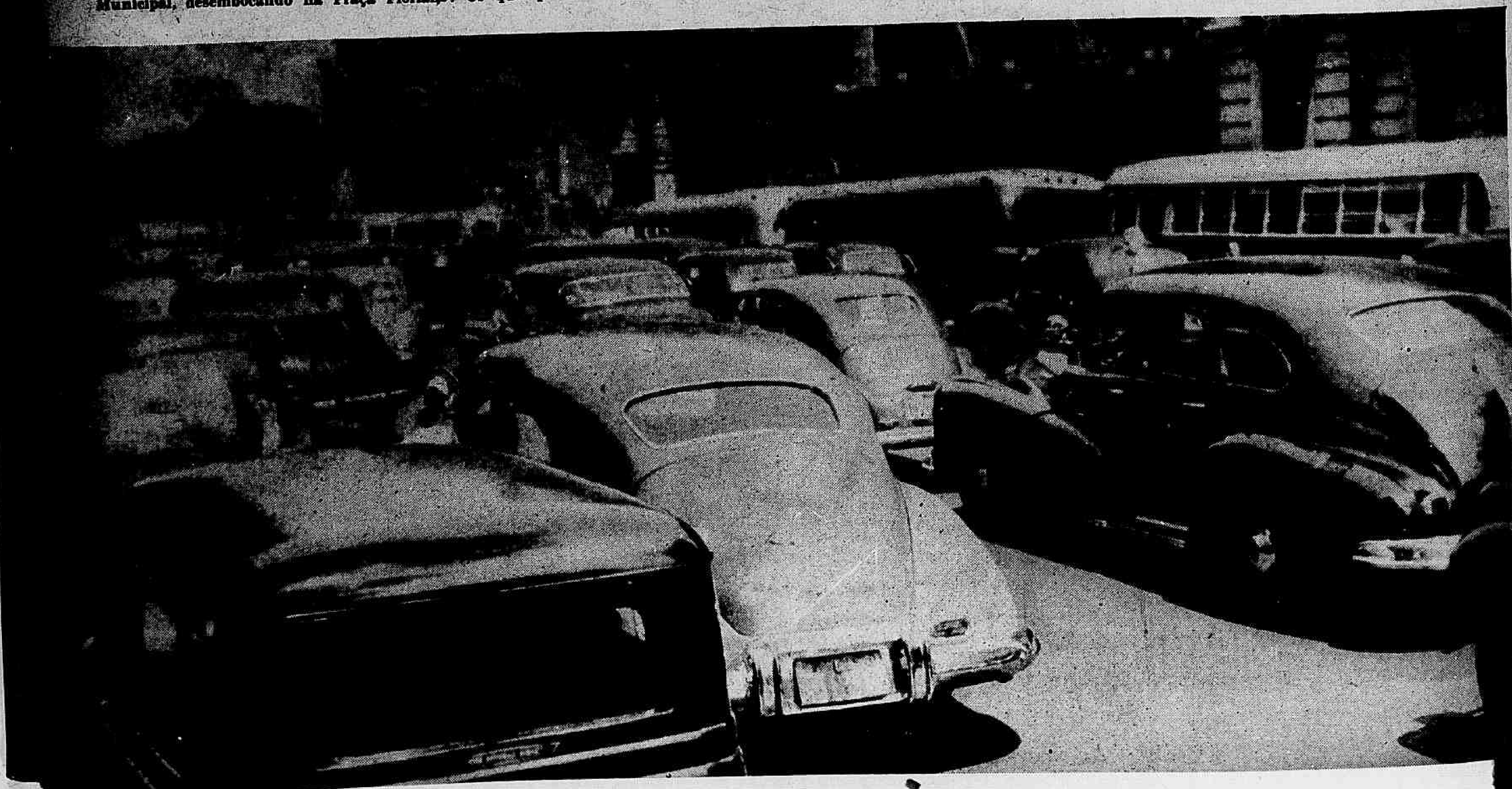
Nosso drama nas ruas, praças e avenidas, é permanente e a tôdas as horas. O número de veículos aumenta sensacionalmente e cresce também, proporcionalmente, o número de ameaças aos que vivem nesta terra e precisam atravessar-lhe as vias públicas.

Pergunta-se então: Haverá remédio para tudo isso? Qual o plano da Diretoria do Trânsito para resolver êsse problema nesta cidade?

E' êste um assunto que interessa vivamente o povo do Rio, e o chefe do serviço de trânsito poderá oferecer-lhe, ao menos uma esperança...



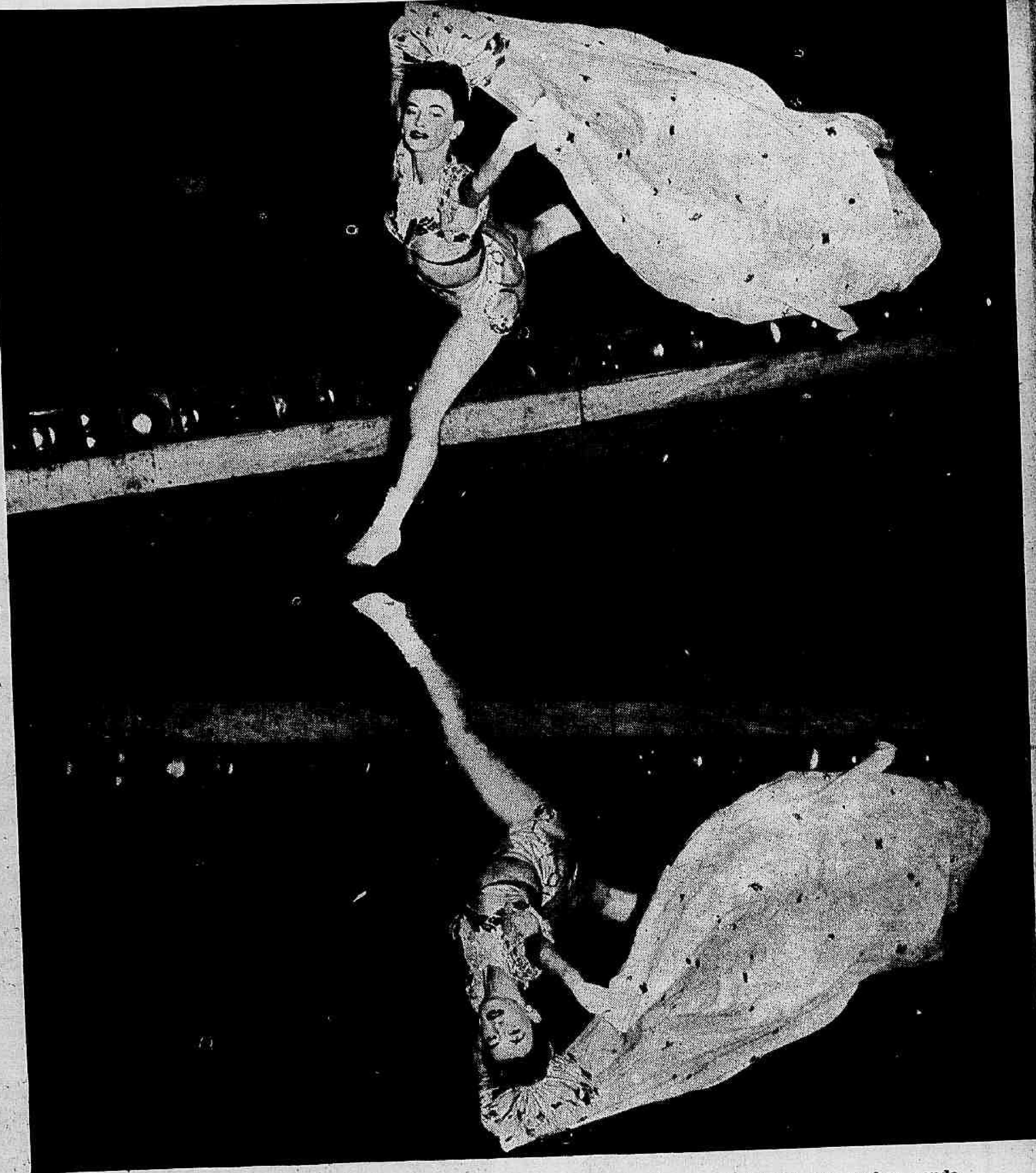
Em cima: Há nos grandes grupos de edifícios do Castelo, passagens internas, fora das ruas. Essas também foram invadidas pelos automóveis, impedindo o trânsito. Em baixo: Trecho da Avenida Rio Branco, lado do Teatro Municipal, desembocando na Praça Floriano. Os que precisam atravessar ficam sitiados pela morte!



O NOME DO PAGÃO



Dutra -- Escolham logo o nome do garoto que eu quero acabar o batisado!



Genevieve Norris começou a patinar no gêlo muito jovem e de tal maneira se aperfeiçoou que acabou sendo uma das grandes atrações internacionais nesse gênero. Mereceu de Sonja Henie rasgados elogios e continua estudando, submetendo-se a um regime de alimentação e cultura física pouco invejável. Mas com essa disciplina é que ela consegue a elasticidade de movimentos e o desafio a tôdas as leis de gravidade, atestados em suas "performances". Na gravura, à esquerda, Genevieve e Bob Payne executando "Mercado Persa", e ao alto, bailando sôbre o reflexo do gêlo, tal como se possuisse dupla imagem

ELAS BRINCAM DE PATINAR NO GÊLO

UM ESPETÁCULO QUE SÓ CONHECÍAMOS ATRAVÉS DO CINEMA, HOJE APRESENTADO "EM CARNE E OSSO" — E PATINS ★ RECORDANDO SONJA HENIE E SEU ENCONTRO COM CARMEN MIRANDA ★ UM DESAFIO CONSTANTE A TÔDAS AS LEIS DE GRAVIDADE

OS brasileiros travaram relações com os bailados sôbre o gêlo, através dos primeiros filmes cinematográficos norte-americanos em que essa novidade foi introduzida. E quando se fala em "ice show", sem demora o nome de Sonja Henie se associa às nossas mais gratas evocações, a maravilhosa Sonja Henie, então campeã dessa especialidade, que há dez anos fêz uma visita ao Rio em caráter de férias. Mas Sonja Henie veio assistir o Carnaval carioca, descansando dos patins, ávida de conhecer o samba — e nessa ocasião ela encontrou-se com Carmen Miranda. Se na realidade foi o empresário Lee Shubert que, então, contratou a "pequena notável", levando-a para a Broadway, poucos sabem que a valer, foi Sonja Henie quem primeiro "descobriu" a Carmen, tratando de recomendá-la ao experimentado "manager". Desde então, Carmen ficou sendo a fan número um da ex-campeã mundial de patinação sôbre o gêlo.

Anualmente, em janeiro, o Madson Square Garden, em Nova York, troca suas habituais apresentações de "box", pelas de um "show" no gêlo, que tem como "estrêla" a veterana campeã e famosa atriz da tela. Ao mesmo tempo, outra companhia de Sonja Henie, depois de exibir-se em um teatro da Broadway, inicia uma peregrinação pelo interior dos Estados Unidos, à maneira dessa que o Rio assiste no momento e que tanto sucesso vem alcançando.

Foi Sonja Henie quem acostumou o cidadão "yankee" a se viciar nesse gênero de espetáculos, e a tal ponto, que escolas de patinação especializada vieram a ser fundadas em Nova York, em Chicago e na Califórnia, delas saindo centenas de jovens artistas, logo arrebatadas por sagazes empresários, para demoradas "tournées" ao estrangeiro.

Uma delas é a que se encontra em terra brasileira desde o princípio do ano, e assim, pela primeira vez, nos é dado assistir "dentro de



Também é preciso ter talento, muito talento, para patinar sôbre o gêlo. As revelações dessa modalidade coreográfica são renovadas uma vez por ano, e o grupo de oito deliciosas "glamour-icers" que se vê acima, bem poderia denominar-se um conjunto de "brotinhos", pois, na realidade, começaram sua carreira já em 1949. Em baixo, a figura dinâmica e vivaz de Dorothy Day, também neste momento exibindo-se às platéias cariocas. Ela fêz sua aparição na qualidade de "television ingenue", em Hollywood, aparecendo também em filmes cinematográficos; mas preferiu especializar-se em coreografias sôbre o gêlo, adquirindo essa maravilha de elasticidade, tão invejada

casa", um espetáculo de tal modalidade, coisa que só vínhamos conhecendo através do cinema. Entretanto, mesmo os filmes dessa especialidade caíram de moda.

Faz alguns anos, houve um simúlacro de "show" no gêlo, apresentado em uma pista do Casino da Urca, mas de reduzidíssimas proporções. Os artistas, coitados, corriam o risco incessante de se espatifarem, de patins e tudo, em cima dos espectadores, espalhados por algumas dezenas de mesas, mais dispostos a fazer uma fèzinha na roleta do que a aplaudir as patinadoras "congeladas"...

Em Buenos Aires, seus felizes habitantes mais cedo do que nós, vinham conhecendo êsse espetáculo. Agora, porém, está provado que um elenco assim dispendioso, pode vir ao Brasil sem incorrer em prejuízos inevitáveis. Certamente, em futuro não distante, outros "shows" nos vão ser mostrados, e quem sabe se em um deles não virá a própria Sonja Henie?

Ela cogita, de há muito, em repetir essa visita ao Brasil. Seu interêsse pelas nossas coisas foi tão pronunciado que, dêsde 1939, em cada uma de suas aparições nova-iórquinas, nunca além de três semanas, feito liquidação aqui no Rio, lá está sempre um bailado que se inspirou em motivo musical brasileiro. O "Tico-tico no fubá", dansado por Sonja Henie, no alto de seus patins de metal, é sempre recebido com estrepitosos aplausos pelos americanos do norte, e a exibição faz-se depois de um locutor, pelo alto-falante do teatro, anunciar aos presentes que tudo quanto vai ser visto, constitue uma sincera homenagem de Sonja Henie à sua particular amiga "miss Miranda".

★

Mesmo no rigôr do verão, poderemos assistir a espetaculos dessa natureza, pois tôda a instalação, por ser artificial e obtida por processos

(Cont. na pág. 52)





Por NÍSIO DA SILVA PINTO

Eu não tenho nenhum plano. Vou deixar que a sorte me guie. Mas se as coisas não correrem bem, irei visitar o Vaticano, as Catacumbas, as ruínas de Roma...

— Pare! Mas que falta de gôsto! Ruínas? Qual nada! Partamos em busca de uma aventura, onde não falte nem vinho, nem música, nem... mulheres.

Enquanto o caminhão corria, deixando atrás cidades semi-destruídas e a lembrança triste dos "fox-holes", as palavras do meu amigo Ferreira dansavam em meu cérebro: vinhos, mulheres e música... Não; na cidade eterna, berço da civilização latina, eu não queria apenas tratar das coisas do corpo. Êste já o tinha bastante fatigado. Queria algo que durasse mais, assim como uma tela de Miguel Angelo uma escultura de Da Vinci, ou o contrato com os lugares onde evocaria em tôda sua plenitude a odisséia heróica dos cristãos primitivos. Roma podia, realmente, ser-se mais útil nas coisas do espírito, restabelecendo em mim crença na espécie humana, mostrando-me, enfim, que o homem, não obstante os seus deslizes, realizou e ainda realizará empreendimentos capazes de ofuscar os períodos convulsos que a História registra através dos tempos.

Nem distinguia a música que chegava aos meus ouvidos, tal a absorção de que estava possuído. Mas um descuido do motorista fêz com que o caminhão saltasse, entrando em zig-zags. Ferreira soltou uma imprecação, e tudo voltou ao normal.

Era domingo. À porta do Hotel controlado pelos americanos, que nos receberam irmãmente eu apreciava um verdadeiro desfile de raças heterogêneas. Bem próximo, um "colored" brasileiro conversava alegremente com um louro sobrinho de Tio Sam, exibindo um inglês cuja clareza de pronúncia assombrava o seu ouvinte. Meti as mãos no bolso do grosso casaco de lã, disposto a percorrer, ainda sem rumo, as ruas de Roma. O sol, tímido, parecia invejar a minha indumentária contra o frio... Meu olhos tudo iam examinando, inclusive as pessoas que passavam umas encasacadas, caras tristes e alegres; outras, cumprimentando-me espontâneamente. De vem em quando eu ouvia, satisfeito:

— Comme va, brasiliano?

À porta de uma igreja parei. Seus sinos dobravam alegremente, anunciando o término da missa. Muitas pessoas deixavam o seu interior, e a uma, eu acompanhei, atonito com os olhos para em seguida seguir-lhe os passos. Seus cabelos louros emolduravam-lhe o rosto, parecendo uma auréola de luz.

Senti que a minha vontade tinha sido absorvida, e que aquela criaturinha se apossara de mim, podendo tornar-me rei ou escravo.

Seguindo-a, eu buscava encontrar as palavras que pudessem exprimir, na sua linguagem, todo o seu deslumbramento. Tudo em vão. Mas eis o acaso tornando-se meu cúmplice. Querendo abrir a bôlsa que carregava, ela descalçou a luva, e esta caiu ao chão. Foi para mim o "abre-te Césamo!". Rápido, curvei-me ainda a tempo de apanhar primeiro a sua pequennina luva branca. Um sorriso aflorou-lhe aos lábios, e ouvi, enternecido, o seu "gracia; gracia, brasiliano". O que se seguiu foi para mim verdadeira surprêsa. Como por encanto, comecei a falar-lhe, desembaraçadamente, do muito que ela me impressionara, à saída da igreja. Contei-lhe que me repugnava a idéia de considerar-me "dono da terra", e que só me deixaria envolver em qualquer aventura amorosa se esta fôsse nascida de mútua simpatia. Queria, assim, saber da sua opinião. Ela mais uma vez sorriu. Deu-me o braço, e falou:

— Gentile brasiliano; andiamo insciéme a casa mia.

Um frêmito passou por todo o meu corpo. Juntinhos, fomos caminhando. Eu já esquecera tudo: Vaticano, ruínas, até mesmo Miguel Angelo e Da Vinci. Afinal, tinha ao meu lado uma tela perfeita, real, digna da atenção daqueles mestres imortais...

Uma bela casa foi-me mostrada. Era ali que ela morava. Meio confuso, entrei. Tudo aos meus olhos era deslumbramento. O primeiro compartimento era uma sala enorme, cujas paredes mostravam painéis de beleza extraordinária. Um, representava a família dos Borgias, com o resplendor de suas riquezas, marco de uma

HISTÓRIA DE UMA LUVA BRANCA

NAQUELE dia a frente estava calma. Não fôra o próprio ambiente, o explodir periódico das granadas inimigas, e poderíamos até esquecer a guerra. Porisso mesmo, estávamos já prevenidos quanto à possibilidade de uma licença. A grande, a torturante expectativa era apenas o saber quem seriam os comtemplados. Ao meu lado, Ferreira — o bom humor em pessoa, dedilhava o seu violão, e, enquanto os acordes maviosos dêsse instrumento, tão grato aos brasileiro, punha uma nota de melancolia no ambiente frio e enfumarado, uma voz rouca, quase insuportável não fôra o seu ritmo perfeito, torturava os nossos ouvidos.

— Ferreira, disse eu, porque você não se limita a tocar? Confesso que uma "Lurdinha" funcionando soa melhor que a sua voz...

Meu amigo parou de cantar e sorriu.

Seus dedos continuaram a dedilhar velozmente as cordas do instrumento; logo depois elevou a voz, emprestando-lhe todo o seu "sentimento artístico". Desta vez quem sorriu fui eu, enquanto o Ferreira murmurava:

— Êsses mineiros são sempre assim. Basta a gente cantar "Saudades do Matão" e êles ficam logo bonzinhos...

★

— Sargento, pode estar certo. Eu vi o seu nome na relação. E' logo o primeiro.

— E porque todo êsse interêsse? — perguntei ao ordenança do meu Capitão, muito embora já esperasse a resposta:

— Ora, Sargento; o Senhor é do "peito"...

Ia-me voltando, quando a voz do ordenança ecoou melodiosa, quase uma súplica:

— Então Sargento: pode ser umas duzentas?

— Liras?

— Sim; é para uma "viração"... Prometo que pagarei no pagamento.

Eu já estava acostumado com êsses "golpes". Depois de ter a soldadesca descoberto que eu dispunha de algumas economias, era sempre assim. Todos queriam dar-lhe informações as mais diversas, em troca de um "empréstimo".

Voltei para o alojamento. Ferreira dormia, o violão sôbre o ventre. Fiquei admirado, pois jámais conseguira dormir em meio àquela balbúrdia, só o fazendo após a ordem de silêncio.

— Olha, pessoal! Parece que teremos licença.

Todos se acercaram de mim, querendo saber do fundamento da notícia.

— Uma granada tedesca trouxe-me a nova...

Deram-me alguns "cachaços" pela brincadeira, enquanto eu, calmamente, fui arrumar a minha mala.

Pouco instantes depois o Capitão entrou no alojamento. De pé, ouvimos o seu discurso recomendando-nos bom comportamento, até que êle nos pareceu um anjo — pelo menos para mim — quando disse:

— São os seguintes os contemplados...

★

A noite custou horrívelmente a passar. Muito cêdo ainda eu já estava de pé, com tudo arrumado. Finalmente, chegou o Tenente que ia acompanhar os felizardos. Imediatamente embarcamos na viatura.

— Você aí, que faz com êsse violão?

— Ah, "seu" Tenente; isto é a minha "cara" e a minha "conversa!" Sem êle não arranjo nada...

Ferreira escancarou-se num sorriso. Empurrando amigàvelmente um colega, sentou-se ao meu lado.

— Então, Mineirinho; que pretende fazer em Roma? Por mim, quero apenas que uma "ragazzia" ouça o meu violão. O resto, será fácil...

época. Minha curiosidade vagava contente pelo ambiente, quando ela voltou junto a mim. Trajava agora um vestido simples, sáias largas, com os cabelos louros presos por uma fita. Perguntou-me se sabia andar de bicicleta, e, diante da minha afirmativa, murmurou, maliciosa, ao meu ouvido.

— Vamos agora ficar a sós... Amanhã você voltará, para conhecer a nossa casa e a tradição da família.

Ficar a sós! Um mundo de promessas. Seguro pela sua mão, saímos. Dentro em pouco, o bulício da cidade ficava para traz. Eu imprimia à bicicleta tôda a velocidade possível, na certeza de que aquela corrida estava-me levando ao paraíso.

Quando chegamos, tive outra surprêsa. Aquela vivenda encantadora era a sua casa de campo, onde iríamos ficar a sós. Uma rápida inspeção me deixara a certeza de que realmente estava num paraíso, muito embora um paraíso que fôra atingido pelas bombas inimigas, pois os últimos compartimentos estavam destelhados, fazendo com que a realidade estivesse presente ao meu sonho, cuja duração ainda não previra. Meu estado de fadiga, a ligeira confusão que se estabelecera em meu espírito, levou-me a repousar num divã, reclinando a cabeça. Foi quando, olhos cerrados, senti sôbre a testa o contato acariciante de pequenina e delicada mão.

— Sou eu...

Varrendo do cérebro todos os pensamentos importunos, puxei para junto de mim aquela criaturinha encantadora. Começara o meu sonho...

★

Já era noite qaundo nos despedimos. Eu havia prometido voltar no dia seguinte, sendo que o desejava profundamente. Ela fitou-me querendo guardar, como disse, a minha figura de siciliano. Seus lindos olhos azuis estavam fixos, como querendo ver através

(Cont. na pág. 52)

TEM A PALAVRA SILVEIRA SAMPAIO

"A peça a que vão assistir tem a pretensão de ser uma sátira. Sátira aos homens e às mulheres que gostam de enganar, mas que detestam ser enganados. A maioria da humanidade, enfim.

De posse do texto da peça, o diretor da mesma, pelo fato de ser muito amigo do autor, quis também fazer a sua satirazinha. E como se acreditava diretor de teatro, quis satirizar o próprio teatro. Assim, os senhores assistirão aqui, pretensamente caricaturados, a todos os gêneros teatrais, desde a "tragédia grega", com o seu indefectível côro, até o gênero dos irmãos Marx, com passagens pelo drama clássico, a comédia francesa, o musical americano, etc.

Quis também o diretor criticar os "símbolos" e assim, quando um dos personagens quer enganar a mulher, caminha no palco com o "passo de ganso" dos antigos soldados da Wermarcht, num símbolo de agressividade. Em outra ocasião, por motivos diferentes, adota o andar de um fauno.

Os personagens desta peça foram buscados numa classificação médica da humanidade que divide os homens e as mulheres em dois grupos: os "introvertidos", ensimesmados, metidos consigo mesmo, remoedores de seus próprios pensamentos, jogadores de xadrez, olhadores de microscópio — e os outros, os "extrovertidos", faladores, conversadores, sociáveis, comunicativos.

Tem chegado ao autor da peça uma certa crítica, de que o 1º ato é um tanto monótono, cansativo — e êle procura se justificar da seguinte forma: afinal de contas quem são os personagens do 1º ato? Exatamente os "introvertidos", os jogadores de xadrez, Inês e Januário, a mulher abandonada e o marido abandonado. Ora, se a platéia se cansa deles em menos de uma hora, o que não diriam o respectivo marido da Inês e a mulher do Januário?

Por conseguinte os personagens psicologicamente estão certos, e o andamento do ato não podia ser outro. E um dos atores, o que vai representar o papel de Aloísio, o falador, expansivo, comunicativo — com uma certa tendência para a "psicose maníaco depressiva", isto é, para as fases de excitação seguidas abruptamente de fases de depressão, pelo mesmo motivo de ser muito amigo do diretor e do autor, quis também fazer a sua satirazinha. E exagerou as marcações de um e o texto do outro. Dessa forma, se os senhores acharem êsse personagem muito exagerado, não se esqueçam de que se trata de uma caricatura, de outra, de outra."

SILVEIRA SAMPAIO



QUANDO nos nos preparávamos para redigir as legendas destinadas às fotos feitas durante uma representação da peça "A inconveniência de ser espôsa". Silveira Sampaio entrou pela redação, tirou o casaco, arregaçou as mangas, abancou-se a uma das mesas — e êle mesmo se desobrigou da tarefa. O homem é realmente infernal: autor, ator, diretor (tudo isso no teatro e no cinema, simultâneamente), além de médico pediatra. Ficou sendo também jornalista. Feita essa advertência, pode o leitor examinar o trabalho do nosso colaborador expontâneo. Aqui ao lado, vão as palavras que, à maneira de prólogo, tôdas as noites, Silveira Sampaio dirige ao público, antes de iniciar o espetáculo. Nas páginas seguintes, as legendas. Não as entendendo, só há um recurso — assistir à peça.



O teatro de Silveira Sampaio não começou agora, como pensam muitos; há vários anos, êsse rapaz que hoje concentra em sua pessoa as atenções maiores do público e da crítica mais autorizada, escrevia mas deixava na gaveta o fruto de seus trabalhos teatrais. Não que o fizesse por vontade própria, mas apenas porque empresário nenhum se atrevia a encenar suas peças. Andou peregrinando pelo cinema, quando o cinema brasileiro era ainda mais experimental do que nestes dias — e chegou, mesmo, a redigir o "script" de uma comédia que Jaime Costa interpretou, denominada "Futebol em família". Mas depois resolveu conservar-se em silêncio até mais ver. Um dia, reunindo um grupo de amigos tão "doidinhos" quanto êle, meteu ombros na tarefa de fazer um filme, quer dizer, de escrevê-lo, dirigí-lo e ajudar a representá-lo. Daí saiu "Uma aventura aos quarenta", que levou anos para ser concluído, mas foi. E foi de tal jeito que, malgrado tôdas as imperfeições técnicas, arrancou um troféu da Associação Brasileira de Críticos Cinematográficos. Talvez tenha nascido daí o entusiasmo maior de Silveira Sampaio, que resolveu apresentar então "A inconveniência de ser espôsa", no Teatrinho Íntimo do Leme, em elenco onde Aimée era a primeira figura. Sucesso absoluto. Daquele jeito.

E novamente Silveira Sampaio mergulhou em silêncio, cuidando das suas crianças — porque êle é pediatra — mas sempre com a atenção voltada para o teatro. Foi-lhe ter às mãos o Teatrinho de Bolso, na praça General Osório, em Ipanema, e repetiu-se o triunfo com "Da necessidade de ser polígamo." Nada menos de cinco meses ficou a sátira em cartaz, até quando, cansado de repetir o mesmo papel, decidiu renovar o programa. Veio então "Entre os bichos de boa vontade" — mas só por uma noite, a da estréia. Dizem uns que a peça desagradou ao público, outros que simplesmente não agradou ao autor-intérprete-diretor. E conquanto o animassem a repor os bichos no palco liliputiano de Ipanema, êle preferiu reprisar "A inconveniência de ser espôsa". Diga-se, aliás, que meses antes a ""Inconveniência" fôra mostrada ao público de São Paulo, no Teatro Brasileiro de Comédia, aquela casa de espetáculos da rua Major Diogo que é uma perfeita maravilha. Só não ficou mais tempo em cartaz porque Silveira Sampaio precisava regressar e aqui o reclamava a segunda peça. Neste momento Silveira Sampaio conclui a terceira sátira da "trilogia do herói-grotesco" (denominação do próprio autor). Enquanto não se faz a estréia, damos aos leitores alguns "flashs" de "A inconveniência de ser espôsa", peça que ao ser assistida por João Villaret mereceu do ilustre ator português esta definição:

— E' qualquer coisa de novo, de absolutamente novo, que venho encontrar no teatro brasileiro, e não receio afirmar que no autor existe uma das afirmações mais audaciosas e felizes da literatura dramática dêste país. Tenho visto muitas e admiráveis manifestações do teatro aqui no Rio, mas poucas me impressionaram como a de Silveira Sampaio.

INÊS e JANUÁRIO (Laura Suarez e Flávio Cordeiro). Personagens squizóides, introvertidos, ensimesmados, jogadores de xadrez, remoedores dos próprios pensamentos. Trocados em miúdos: a mulher abandonada e o marido idem



PAULA e ALOÍSIO (Elizabeth Hodos e Silveira Sampaio). Personagens ciclóides, extrovertidos, sociáveis; tendência para a "psico-maníaco-depressiva" — em fase de excitação, na "primeira sátira da trilogia do herói grotesco"



TRANSFIGURAÇÃO DO "CLIMA". Agora, já Aloísio se encontra em fase de depressão, mas acontece que Paula ainda permanece em fase primitiva, a de excitação. Daí o desequilíbrio e a diversidade de atitudes, de expressões, de alma



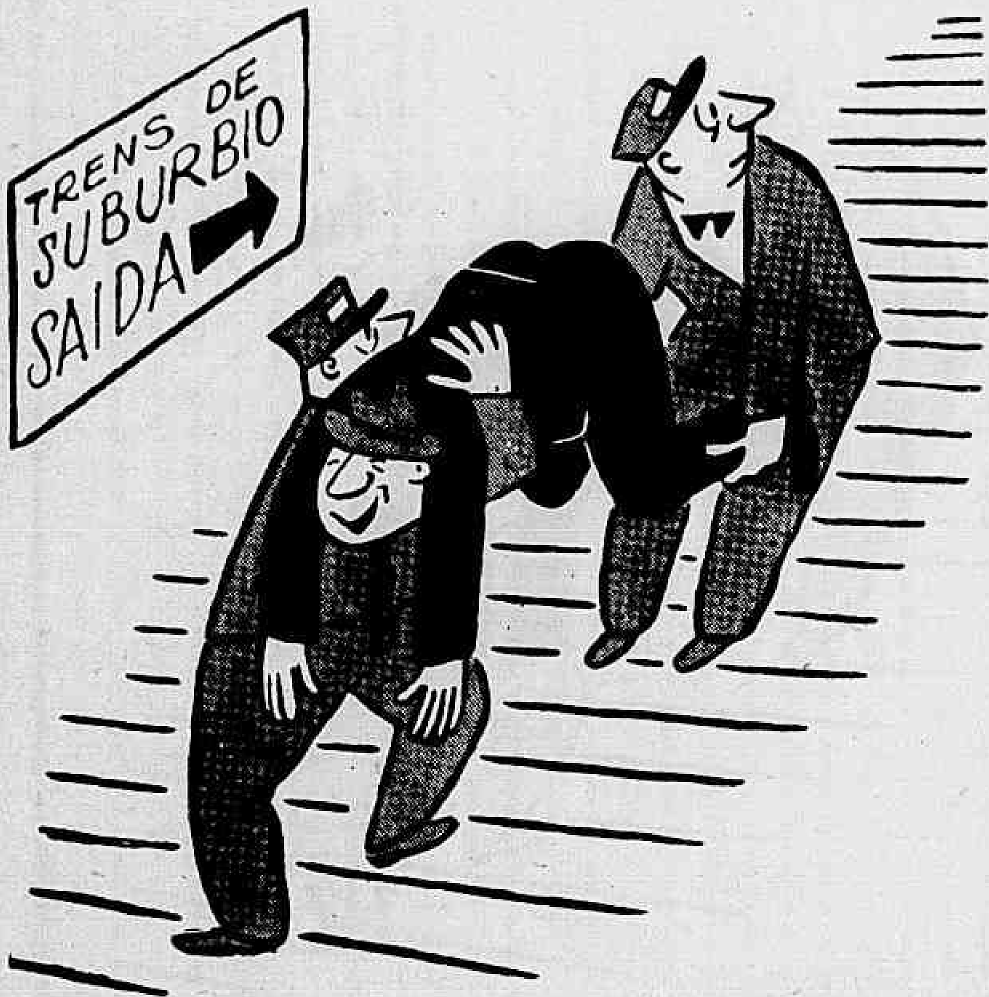
NA PEÇA HÁ DE TUDO, inclusive uma sátira ao próprio teatro. Em dado momento, Paula e Aloísio declamam suas lamentações, fazendo-o num côro de autêntica tragédia grega. E por aí adiante, até quando as situações se resolveram, definitiva ou aparentemente, e tudo se resume numa frase: "A comédia acabou! A comédia acabou!" O público talvez dispensasse a advertência, porque a peça de fato chegou ao seu têrmo — mas não custa nada prevenir. E o público sai do teatro, sentindo que, realmente, aquela mulher tinha seus contratempos e inconveniências em ser apenas o que tantas são — espôsa

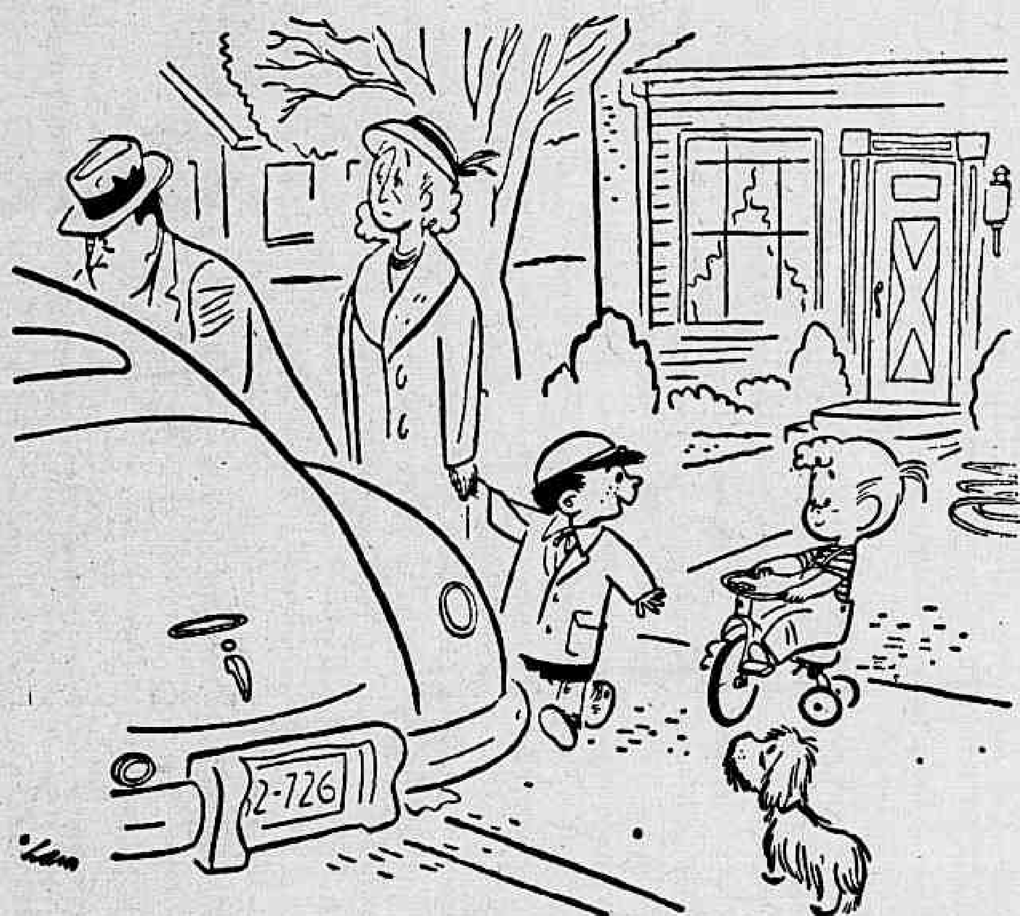


NESTA ALTURA, quando as coisas assumiram proporções mais graves, os squizóides dissimulam e fogem da realidade. A realidade nem sempre resulta agradável, motivo porque Inês e Januário, dentro dessa situação, fingem. Fingem amor

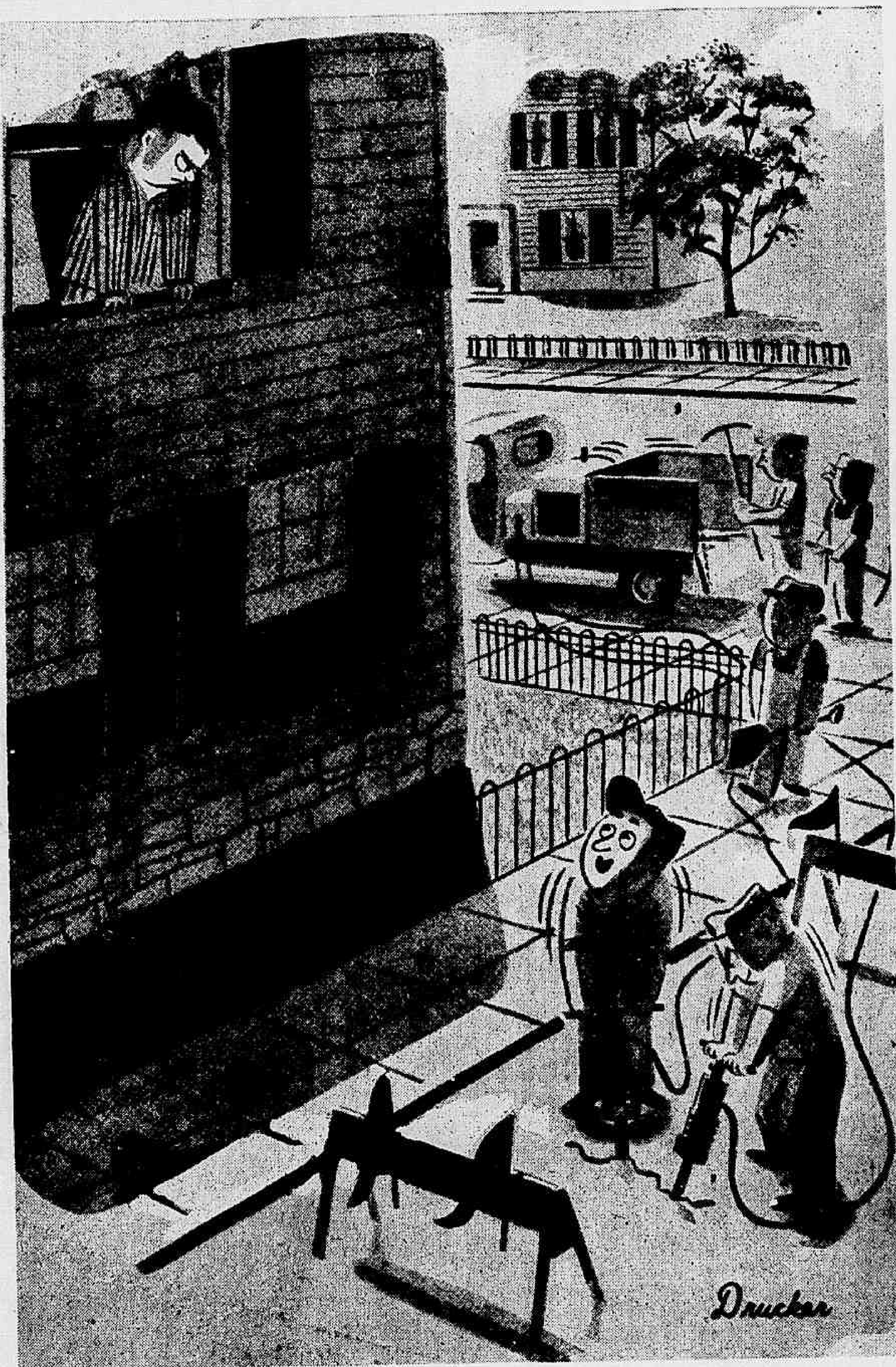


ÊSTE FLAGRANTE, bateu-se fora da situação da peça. Vale apenas como documentário, para o leitor observar as expressões naturais de Flávio Cordeiro, intérprete de Januário, e Elizabeth Hodos, de Inês, sem preocupação de cena





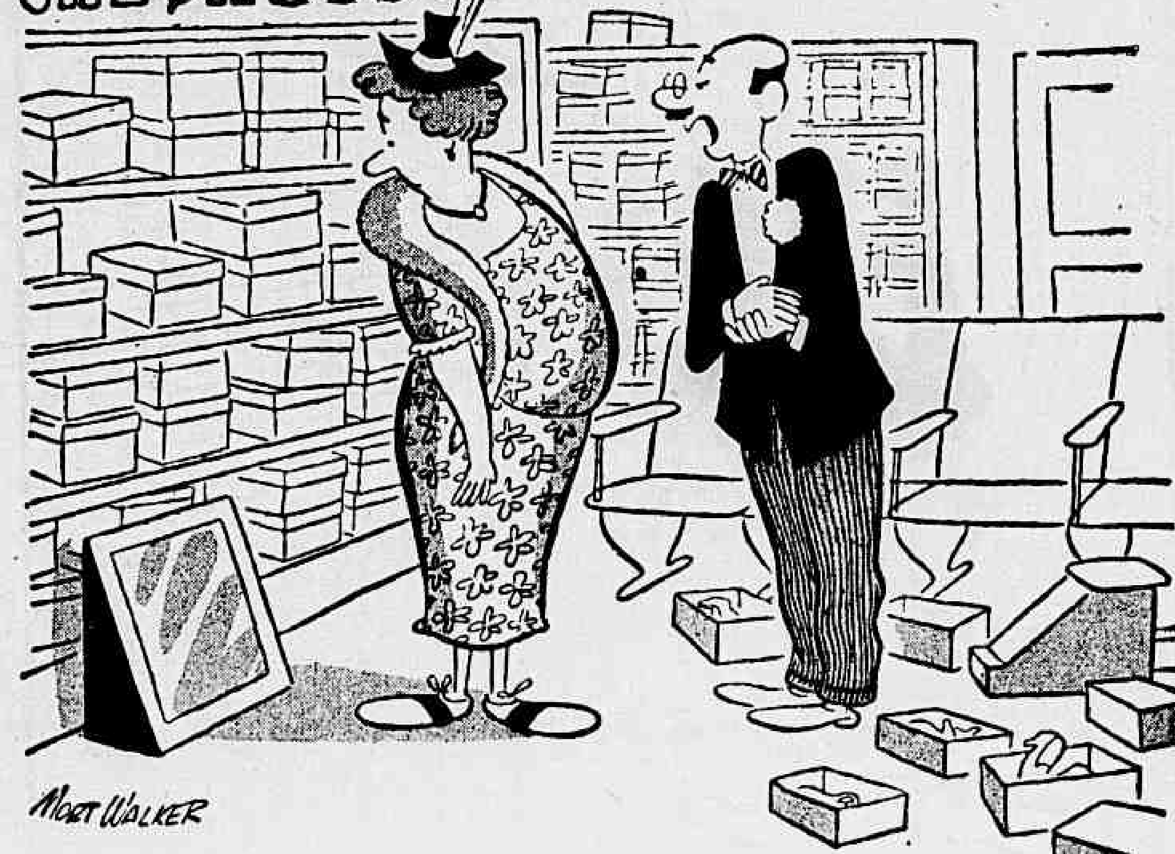
— Mamãe queimou o feijão outra vez — por isso vamos jantar fora!...



— Bom dia... Bom dia...



BOM HÚMOR



— Gosta dêstes, madame? E' o último tipo e o modêlo mais confortável...

NOS BASTIDORES FEMININOS

O problema de muitas mulheres casadas que trabalham fora do lar, é manter uma perfeita harmonia entre o trabalho dentro e fóra de casa. Para auxiliar muitas jovens que se encontram na mesma situação, uma americana, casada e com um bom emprêgo, organisou uma lista do que devem e não devem fazer as suas companheiras. Eis a lista; é possível que alguma coisa possa ser aproveitada entre nós uma vez que existe grande diferença entre a mentalidade das mulheres e homens da nossa terra e as mulheres e homens de Tio Sam.

NÃO FAÇA

Não creia que o trabalho de casa seja um trabalho puramente feminino, deixe que o seu marido a ajude a manter a ordem, o asseio, etc. (pois sim... dirão os nossos homens...) Não se deixe impressionar pelo volume de trabalho que tem a executar; um programa traçado previamente resolverá o assunto e lhe dará tranquilidade de espírito... Não deixe todo o trabalho pesado para ser feito no fim de semana... Não enxugue tôda a louça. Os copos e as pratas pódem esperar que a água escorra... Não planeje menús complicados cuja execução levaria horas e horas... Não encha a casa com uma quantidade imensa de "bibelots", pois tirar-lhes o pó levaria muito tempo... Não colecione vasos com plantas; molhá-los, tirar as folhas mortas, exige tempo. Adie êsse prazer para quando você deixar de trabalhar... Não se comprometa consigo mesma a ter a sua casa na mesma ordem em que sua mãe costuma trazer a dela... Assim, você evitará que um sentimento de fracasso a domine quando não conseguir atingir o ponto desejado.

FAÇA

Organise um programa semanal, assinalando os dias e as horas em que cada coisa deverá ser feita... Faça-o de tal forma que pelo menos um dia na semana, o Domingo, por exemplo, fique completamente livre de trabalhos caseiros. Isto ser possível se em cada noite da semana você fizer alguma coisa. Assim, no dia, de folga, você sairá para se divertir juntamente com o seu espôso. Antes de traçar o programa, discuta-o com o seu espôso afim de que êle próprio escolha as tarefas que gostará de executar. Além disso, deixe que êle enxugue a louça, encere o chão, dê brilho às pratas... "Os homens, diz ela, gostam de executar êsses serviços porque o resultado aparece imediatamente..." (os homens americanos, é claro...) Levante-se cêdo bastante para poder arrumar a casa antes de sair. Não há nada mais desanimador do que entrar-se em casa, de volta do trabalho e encontrar a cama desfeita, o cinzeiro cheio de pontas de cigarros e os jornais da vespera espalhados pelo chão... Organise um menu para a semana inteira e deixe-o em lugar bem visível... Póde ser que o seu marido, chegando em casa mais cêdo tenha vontade de iniciar o jantar... (mais uma vez, pois sim... dirão os nossos). Faça as suas compras, tôda a vez que possível, pelo telefone. Não esqueça que o seu tempo é preciosíssimo... Use e abuse do "pyrex" pois as sobras poderão ficar na geladeira e aquecidas no dia seguinte no mesmo lugar. Prepare o mais que possa, a refeição da manhã, na noite anterior. Deixe a mesa posta, o bule do café limpo, etc. Use serviços individuais e não toalhas de mesa. Lavam-se e passam-se mais rapidamente... Faça uso de todos os produtos existentes no mercado e que pódem poupar o seu tempo. Tenha sempre ao seu alcance alguns livros de culinária e consulte-os de vez em quando afim de que possa variar os menus... Não é fácil? Naturalmente que sim! Manter uma casa em perfeita ordem nunca foi coisa muito simples. O melhor que você tem a fazer... é arranjar uma boa empregada!

O. B.

★



O organdi será o tecido favorito nesta estação e na próxima. Nos vestidos de baile êle será o "rei". Às vêzes surgirá, como no modêlo aqui apresentado, em diversas camadas num tom, ou em tons diferentes.

PROBLEMAS DA MULHER

M. MERCEDES SANTOS

Seria o destino?...

NAQUELA tarde fria e cinzenta de junho, o pequeno navio "Itatinga" ancorava no armazem 13 da cidade do Rio de Janeiro. E... nesta mesma tarde uma jovem inexperiente pisava pela primeira vez o solo da "cidade maravilhosa". Com ela, vinham as mais doces ilusões, o encanto de uma primavera em flor com os seus mais belos matizes. O destino, porém, na maioria das vêzes, na sua crueldade insaciável, não poupa as suas vitimas. O botão se fêz flor quase que bruscamente e a dura realidade da vida encarregou-se de mostrar-lhe, nas mais vivas côres, tudo o que de mal, baixo e degradante a sua alma de jovem ingênua ignorava. E assim... foi que ela despertou para a vida.

A princípio, sem apoio e orientação, vagou longo tempo pelas ruas da grande metrópole. O seu pudor de moça incauta, na maioria das vêzes, conseguiu desviá-la das sórdidas estradas que a todo transe queriam levá-la ao fim que tão heroicamente resistiu por algum tempo. Entretanto, que fôrça moral pode possuir um caráter em formação? Quase nenhuma ou, melhor dizendo, nenhuma. Conheceu fome e nudez. No auge do desespêro, deixou de tomar conhecimento de que o bem existe também sôbre a terra. A maldade inoculada violentamente no seu cérebro jovem não deu margem ao raciocínio ponderado, e um dia, esquecendo-se da tradição de sua família pobre mas honrada e de sua situação de mulher perante esta mesma família, afundou-se impiedosamente no lodo da imensa cidade.

— Por que a vida tem sido para mim tão dura e o destino tão cruel? Que fiz eu para merecer tamanho castigo? Vivo em completa escuridão. Será que não tenho direito à mais fugaz felicidade? Uma luz sequer na interminável noite em que estou mergulhada?

As suas frases dolorosas e aflitas calaram no mais profundo do meu eu. O silêncio que para mim, naquele instante, era de suma importância, a ela se afigurou uma afronta, um desprêzo às suas perguntas.

— Fale. Diga alguma coisa. Será que até você me condena e despreza?

Não. Não direi nada — pensei. Ao deparar-me, todavia, com aquêle rosto jovem que tantas vêzes desabrochou em sorrisos ternos e felizes nas nossas brincadeiras de infância, senti-me indigna dentro de mim mesma. Sabia que seriam inúteis os meus conselhos e súplicas para que ela retornasse ao seio da família. Por que razão, entretanto, haveria eu de prolongar o sofrimento daquela infeliz, se não existe na tragédia de sua vida o marco abominável da culpa? Errou, é bem certo, mas por imposição de um destino que não devia ser o seu. No entanto, seriam assim tão avassaladoras as consequências dêste êrro que lhe negavam o direito a uma palavra amiga? Acredito que não, e por êsse motivo foi que, num rasgo não de benevolência e sim de solidariedade humana, mostrei-lhe que nem tudo em sua existência mal começada estava perdido. Tentei dizer-lhe que não se afundasse no desalento da fatalidade, pois muitas vêzes a fôrça de vontade proporciona a regeneração. Não quis acreditar-me e num soluço cortante disse-me que as minhas palavras lhe abriam ainda mais a sua chaga moral. Que no caos em que estava mergulhada a sua vida somente um gesto resolveria tudo: o suicídio. Tirei-lhe a mórbida idéia. Fiz-lhe ver que o destino, venturoso ou não, é sempre destino. Que no caminho da vida nunca devemos nos acovardar, sejam nele arrebatados as ilusões, o afeto ou a mocidade, pois dizem que quando nos foge uma ilusão é uma verdade que fica; um afeto que se desvia é um sentimento que se compõe; uma mocidade que passa é uma experiência que perdura.

Depois dêste rude encontro nunca mais vi esta malfadada flor que tão cruelmente desabrochara nesta grande cidade. Um dia desta semana, entretanto, encontrei-me casualmente com outra amiga de infância. Esta terminava de chegar de minha cidadezinha natal e contou-me o trágico fim que tivera Sônia, num quarto de pensão desta capital. A família, que ignorava por completo o destino do ente amado, hoje chora lágrimas de saudades sôbre o livrinho de orações, a única prova que a morta deixara de sua curta existência sôbre a terra. Sônia não se suicidou, porém morreu tuberculosa. Ao ser inteirada de sua morte, uma dor muito grande apoderou-se de mim e, instintivamente, lembrei-me, não sei por quê, de uma poesia de Casimiro de Abreu, intitulada "De joelhos", onde o poeta diz:

"A doce virgem, como a terna planta,
Nunca floresce sôbre a terra ingrata,
— Bem como a rôla — qualquer fôlha a espanta,
— Bem como o lírio — qualquer vento a mata."

Correspondência

Esperança (Distrito Federal) — "Existe uma grande diferença de cultura entre nós dois. Êle, entretanto, por delicadeza, nunca deixou transparecer esta diferença."

Minha boa amiga. Absolutamente, você jamais roubar-me-ia o meu tempo por pedir tão pouco. Terei mesmo imensa satisfação em orientá-la dentro de minhas possibilidades. Todavia, neste pequeno espaço eu não poderia indicar-lhe a lista de livros que você me pede, nem tão pouco poderei organizar um método capaz de ser útil a uma "criança" sequiosa do saber. Remeta-me o seu verdadeiro endereço e fique certa que farei o que for humanamente possível por você. No entanto, desde já pode acreditar que êste homem, mesmo sendo possuidor de grande cultura, jamais a colocaria numa situação difícil.

NOTA — Tôda correspondência para esta seção deve ser endereçada a M. Mercedes Santos — Problemas da Mulher — Redação da REVISTA DA SEMANA — Rua Maranguape nº 15 — Lapa — Rio de Janeiro.



CHAPÉUS DE PALHA

Marta Torens, da Universal-International, sugere dois elegantíssimos modelos para a primavera, o primeiro em palha com flores e véu e o segundo em palha, guarnecido de renda branca.











SILHUETAS JUVENIS

OS modelos aqui reunidos, são de Jeanne Lafaurie, Janvin, Pierre Balmain, Germaine, Lecomte, Patou, etc. São modelos juvenis, próprios para a estação que atravessamos. As saias, como vemos, tanto são amplas como estreitas o que não deixa de ser agradável, pois assim cada uma poderá escolher aquilo que melhor vá com a sua figura.



DR. SABÓIA RIBEIRO

PERIGO AERÓGENO

O catarro habitual ou de repetição da criança constitui ocorrência muito frequente, exprimindo ao mesmo tempo um conjunto de condições que a tornam particularmente propensa às infecções comuns dos primeiros anos.

Pode-se com propriedade, chamar a êsse conjunto de condições, o "perigo aerógeno", pois é, principalmente, em virtude dele que se processam as infecções das vias aéreas altas da criança os estados catarrais e muitas doenças que logo nos primeiros tempos se instalam na criança numa época em que seu sistema de defesas é ainda efetivamente precário.

Em três ordens principalmente, podemos dispor os fatores que integram o "perigo aerógeno".

1.º — Uns de natureza constitucional, como a diátese exsudativa;

2.º — Outros devidos a infrações no regime higieno-dietético da criança, como carência de vitaminas na alimentação, sais minerais, ar, luz e sol, tão necessários à excitação das defesas naturais da criança;

3.º — Enfim, fatores ligados à própria ambiência da criança, com a qual não raro, convivem pessoas portadoras de afecções catarrais as mais diversas.

Otites, afecções oculares, bronquites diversas, tosse de tipo vário, não têm, muitas e muitas vêzes outra origem.

Por outro lado, muitas infecções da criança são apenas antecipadas pelo "perigo aerógeno", no qual se deve pensar, sempre, tôda vez que se está diante de uma criança portadora de catarro mais ou menos crônico.

O catarro que se prolonga, ou volta a pequenos intervalos, numa criança, tem, por isso, uma importância sem dúvida muito grande.

No entanto, as afecções das vias aéreas altas na criança são, a miúde, descuradas, pois com exceção da difteria e sua complicação o crupe, é crença muito espalhada que as mesmas correm sem riscos, curando-se espontâneamente.

Há de certo, muita unilateralidade nesse juízo.

Em primeiro lugar é preciso estar lembrado do coriza sifilítico, com sua secreção abundante, e mais tarde mudada em secreção aero-sanguinolenta ou sanguino-purulenta, valendo por um sinal precoce da infecção luética, com sua gravidade própria na criança.

Convém considerar, também, por outro lado, que em seu período inicial uma angina diftérica pode confundir-se com outra qualquer angina. E' crença geral, entretanto, que a difteria, na criança, irrompe sempre súbito, acompanhada de febre alta, tosse ruidosa, voz rouca, respiração difícil.

Isso é perfeitamente errôneo.

Sem dúvida, o maior perigo da difteria consiste, sempre, no crupe, que se anuncia com os aludidos sintomas, porém, o aparecimento dêste é, de ordinário, no seguimento de uma afecção catarral da garganta.

No lactente, por outro lado, seu aspecto clínico habitual é como um coriza, com secreção sero-sanguinolenta ou sanguino-purulenta.

Quando crianças mais crescidas, em pleno estado de saúde, adoecem com febre alta e participação do laringe — voz e tosse roucas, angústia respiratória — raro êsses sintomas, irrompendo bruscamente, significarão difteria, porém, falso crupe.

O perigo da difteria e sua compicação o crupe, antes está em tôda e qualquer afecção da garganta, deixada sem tratamento, mesmo com aparência de simples resfriado, isto é, uma infecção de tipo catarral.

Se se pode afirmar que o perigo da difteria é o crupe, também se pode dizer que o perigo das afecções catarrais das vias aéreas altas é a difteria.

A conclusão, portanto, a tirar, é que as anginas, na criança, têm geralmente, uma significação antes séria.

Deve-se somente acrescentar que, justamente nas crianças portadoras de resfriados de repetição e amídalas doentes (e não somente as amídalas faringéas senão também as palatinas que, hipertrofiando-se, em virtude de infecções repetidas das vias aéreas altas, vêem a constituir as conhecidas vegetações adenóides, com tôdas as suas más consequências); diziamos que, justamente entre as crianças frequentemente resfriadas, é que mais costumam evoluir as anginas banais para a difteria e o crupe.

E' evidente, então, que todos os cuidados devem merecer essas crianças, a fim de evitar surprêsas de um estado aparentemente sem importância, como são, de ordinário, as anginas na sua fase inicial.

E' que, nessas crianças, co-existe, quase sempre, a diátese exsudativa, estado que se acompanha, de um lado, de uma particular tendência às infecções (pois nelas há uma inata diminuição do poder defensivo em face das infecções), e de outro, a receptividade maior daqueles órgãos linfóides para o desenvolvimento dos processos infecciosos da garganta.

Notadamente o rinofaringe, com as vegetações adenóides, é justamente considerada a porta de entrada de muitas infecções, nos primeiros anos, mais ou menos graves. Não é sem razão que já o compararam a uma encruzilhada rica de um tecido sempre pronto a inflamar-se, de difícil expurgo quando sede de infecções, enfim, uma espécie de reservatório de micróbios que somente esperam circunstâncias favoráveis para invadir a circulação geral, após ter ameaçado os órgãos vizinhos (ouvidos, e o mais).

A generalização das vacinas, no tratamento das diversas localizações das infecções das vias aéreas, qualquer que seja o diagnóstico firmado no início das mesmos, eis tudo que urge de mais racional e sem quaisquer contraindicações para uma terapêutica mais específica ulterior, na hipótese de uma revisão da natureza da angina em cada caso.

Aliás, a providência de vacinar as crianças contra as infecções, a título profilático, vai, cada vez mais, entrando na prática de todos os dias, e não virá talvez longe o dia em que só adquirirão precocemente infecções como a coqueluche e a difteria e viverão sujeitas eternamente aos resfriados as crianças cujos responsáveis descuram de recorrer à vacinação profilática em tempo, por indesculpável negligência, senão relaxamento.







BLUSAS BRANCAS

UM novo grupo de blusas, tôdas brancas e tôdas indicadas para êste período do ano. As blusas voltam a ser trabalhadas, vendo-se incrustações de rendas, nervuras, bordados. São modelos elegantíssimos que completarão, admiràvelmente, as suas "toilletes.







MÃES E FILHOS

ANAMARIA CÉLIA

Crianças nervosas

Nada é mais comum, atualmente, do que encontrarmos crianças, mesmo da mais tenra idade, com propensão para o nervosismo ou já nervosos. E por que acontece isso? Simplesmente por êrro de educação!

Por incrível que pareça, é a própria família quem mais colabora para tornar uma criança nervosa. O excesso de barulho, os gritos, os sustos que metem à criança, os carinhos excessivos, são alguns dos transmissores do nervosismo.

Vemos frequentemente mães, pais, tias e avós que "brincam" com a criança fazendo-lhe cócegas, atirando-a para o alto, sacudindo-a e fazendo ainda muitas outras "gracinhas" parecidas que excitam a criança tornando-a nervosa e irritadiça. Se os pais compreendessem que não é necessário sacudir, fazer cócegas ou acarinhar demasiadamente a criança para demonstrar o seu amor por ela; se compreendessem o quanto a prejudicam com essa prática, talvez se modificassem um pouco.

E o pior de tudo é que com essas "brincadeiras" prejudicam a criança psíquica e fisicamente. Certos males que a criança apresenta são muitas vêzes originados do nervosismo e, assim, chegaremos à conclusão de que muitas doenças que a criança apresenta são provocadas por erros de educação!

Poucos pais quererão acreditar nesta afirmativa, porém será fácil confirmá-la procurando ouvir a palavra do médico.

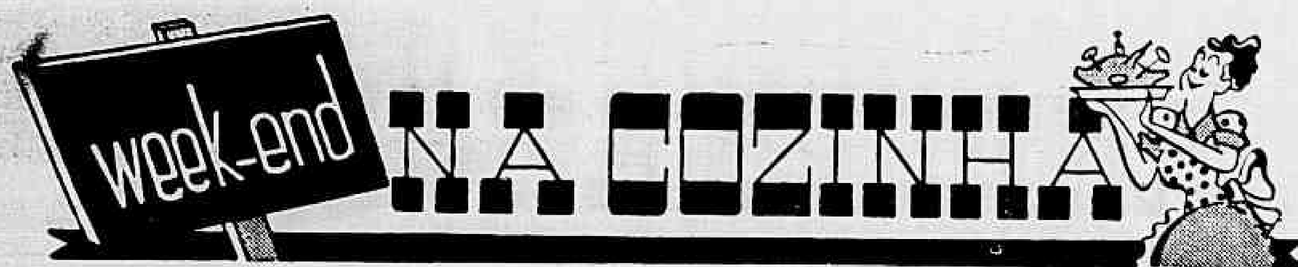
Muito barulho, muita excitação não podem, de forma alguma, fazer bem à criança. Muitas vêzes a mãe, por educação ou por timidez, não tem coragem suficiente para impedir que outras pessoas da família "brinquem" com o seu filho; sua culpa também é grande, pois para beneficiar o filho não importa atrair para a sua própria pessoa a antipatia da família. O bem-estar e a saúde do filho serão a sua compensação.

O que é evidente é que o nervosismo na criança pode muitas vêzes ser evitado; dêem-lhe um ambiente sadio, sossegado, deixem que fique em paz na sua caminha quando fôr pequenina e que brinque naturalmente, ao ar livre, quando um pouco maior.

De tudo se conclui que de um êrro de educação pode-se prejudicar grandemente a criança e êsse prejuízo perdurará, geralmente, mesmo na maturidade.



Se a sua filhinha tem três anos de idade, eis aí o seu guarda-roupa: um modelinho de cambraia, outro de lã, um trajezinho para o banho de sol, um modelinho em fustão e um casaquinho de lã. ★ A criança deve ser vestida de acôrdo com a estação. Nada de excessos, que só podem prejudicá-la. ★ A criança precisa de distrações adequadas à sua idade. Cabe aos pais saber escolhê-las e proporcioná-las a fim de que elas se desenvolvam dentro do seu próprio ambiente, dentro da sua própria mentalidade. ★ O despotismo gera a revolta. E' preciso que se compreenda afinal que a criança tem a sua individualidade que deve ser respeitada.



BOLO BRANCO

Tome 100 grs. de manteiga 225 grs. de açúcar, 225 grs. de farinha, ½ xícara de leite, 3 claras, 2 colheres-de-chá rasas de fermento, 10 gotas de essência de baunilha e 10 gotas de essência de amêndoas. Derreta a manteiga ligeiramente, junte o açúcar e, sempre batendo, adicione aos poucos 1 clara, o leite, a farinha com o fermento e por último as duas claras restantes em neve. Leve ao forno a assar em duas fôrmas como latas de goiabada, untadas, e una com recheio de nozes e figos que a seguir ensinamos.

RECHEIO DE NOZES E FIGOS

Com 3 xícaras de açúcar, faça uma calda em ponto de açucarar. Retire do fogo, bata um pouco e derrame sôbre duas claras em neve, misture rapidamente e divida em duas partes; numa junte ½ xícara de figos e ½ de nozes picadas e deite entre os bolos; a outra parte despeje por cima do bolo, enfeite com pedaços de nozes e tirinhas de figo e deixe repousar para endurecer.

PÃO PARA SANDWICHES

½ quilo de farinha de trigo, 1 tablete de fermento 1 colher de açúcar, 1 de manteiga, 1 colher-de-chá de sal, 1 ovo e ½ xícara de leite. Dissolva o fermento no leite môrno, junte o açúcar e um pouco de farinha para formar uma massa mole. Deixe crescer o dôbro, incorpore o resto dos ingredientes, sove bem, enrole como um pão comprido, deite num tabuleiro untado, deixe crescer 1 ou 2 horas e leve a assar no forno.

PÃO DE MINUTO ESPECIAL

2 xícaras cheias de farinha, 2 colheres de manteiga, 1 xícara de leite, 1 colher de banha, 1 colher-de-chá de sal, 4 de fermento. Misture tudo, amasse o mais ligeiramente possível, deite às colheradas no tabuleiro e leve a assar no forno.

BISCOITOS SINHÁ

1 pacote de maisena, 2 gemas, 4 colheres de açúcar, 1 colher de manteiga, leite de 1 côco, uma pitada de sal. Tire o leite do côco sem água, amasse tudo junto e não ficando macio junte mais manteiga. Faça bolinhas pequenas, deite em tabuleiro untado e leve a assar. Pode substituir a maisena por polvilho.

BISCOITOS DE AVEIA

250 grs. de açúcar, 125 grs. de farinha, 125 grs. de aveia, 1 colher de manteiga, ½ xícara de chocolate e dois ovos. Faça pequenos biscoitos redondos e leve a assar no forno.

★

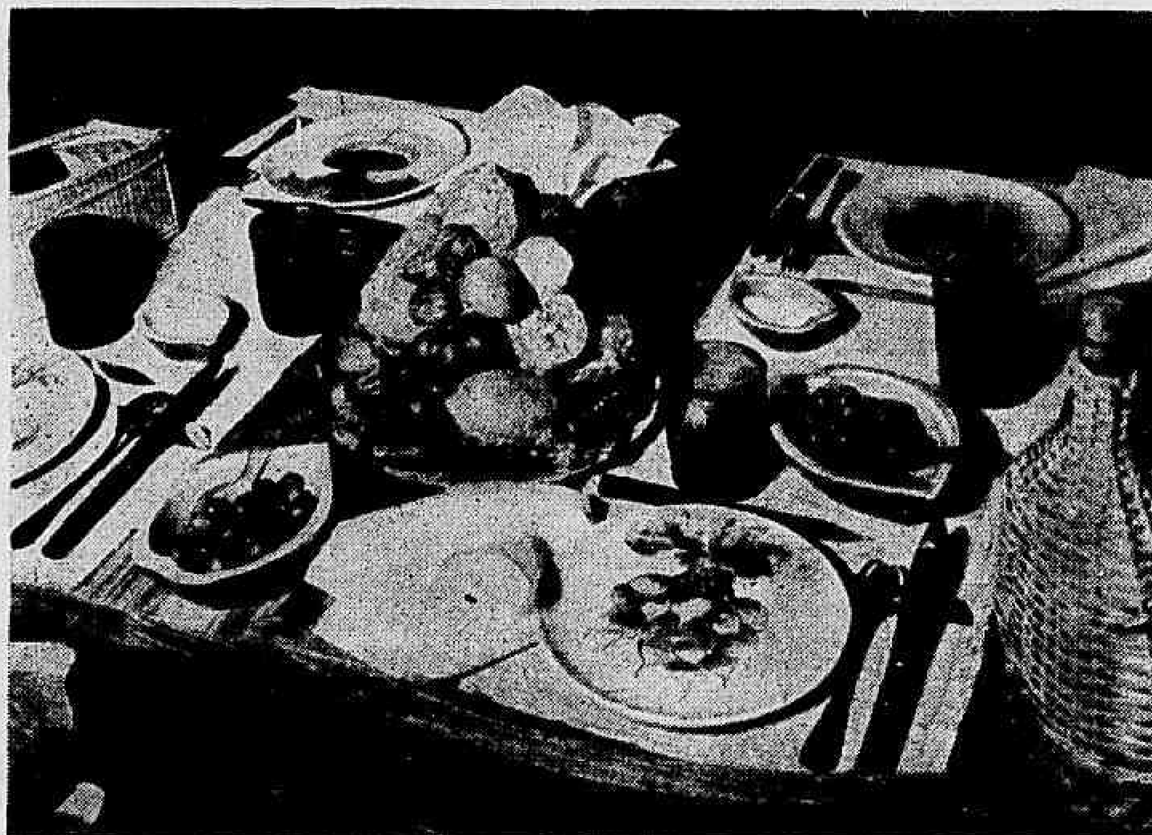
Na confecção de qualquer receita, torna-se necessário obedecer-se às medidas indicadas bem como escolher sempre os melhores ingredientes.

★

Da apresentação de um prato depende muitas vêzes o bom apetite dos que estão à mesa.

★

E' preciso saber dispor com arte dos alimentos nos pratos, a fim de que causem sempre excelente impressão.



CULINÁRIA

Mesa rústica para uma refeição íntima no campo. A louça é em cerâmica e os copos em vidro grosso.

★

Flores e até mesmo certas folhagens nunca deverão faltar na mesa. Só se deve admitir a sua ausência quando em seu lugar ficar um prato de frutas.

★

Assim como existe a arte de se vestir, de se enfeitar, de se mobiliar uma casa, deve também existir a arte de apresentar pratos na mesa. O bom gôsto deverá presidir a organização de uma salada, assim como preside a organização de um guarda-roupa.

★

Torna-se muito mais agradável estar-se numa mesa bem arrumada, onde os pratos sejam apresentados com arte, do que estarmos numa mesa onde, se bem que a comida seja gostosa, tudo seja "jogado" de qualquer maneira.



O "TAILLEUR" CLARO

SEJA qual fôr a época do ano, o "tailleur" encontra sempre um lugar nos guarda-roupas elegantes. Naturalmente que agora, nos dias de primavera êle adquire um aspecto mais alegre e que se consegue não só pelas tonalidades claras como também pelos feitios mais leves e alegres como os que aqui apresentamos.



SERGE KOUSSEVITSKY ★ UM MÚSICO INDISCRETO ★ "CANTEM! CANTEM!"

De ROBERTO LYRA FILHO

(Especial para a REVISTA DA SEMANA)

Aproveitando a visita de Serge Koussevitsky ao Brasil, o govêrno resolveu conceder-lhe uma condecoração especial: a grande cruz da ordem do Cruzeiro do Sul.

Trata-se de uma homenagem especial, como prova de reconhecimento pela relevante contribuição daquele regente no sentido de divulgar a música brasileira no estrangeiro e, além disso, amparar, orientar, ensinar e encaminhar, em sua carreira, inúmeros artistas nacionais.

Koussevitsky regerá a Orquestra Sinfônica Brasileira, numa série especial de concêrtos que, na opinião geral, serão o ponto alto da temporada sinfônica de 1949.

UM MÚSICO INDISCRETO

Membro da orquestra da B.B.C. de Londres, Bernard Shore ocupou, durante algum tempo, suas horas vagas como um passatempo especial: registrou aspectos dos ensaios do grande conjunto com alguns dos principais maestros. Episódios que ocorrem com as poltronas dos espectadores vazias, nas manhãs de trabalho, com a orquestra e o regente num esfôrço conjunto, foram cuidadosamente resumidos num livro "Fala a Orquestra", que já está na décima terceira edição.

Ali, Bernard Shore narra a maneira especial de dirigir-se aos músicos de cada um dos regentes, as suas exigências, o seu gôsto e, em estilo leve, traça perfis sugestivos e maliciosos, fixando, nas relações entre músicos e maestros, a personalidade de inúmeros artistas.

CAPÍTULO SÔBRE KOUSSEVITSKY

Definindo Koussevitsky diz Bernard Shore que a personalidade dele se compõe de ingredientes tais como "entusiasmo, eneria" e acha que vêm temperados com o "sense of humour", que lhes atenua a severidade. Mas, adverte Bernard Shore, Koussevitsky só pode ser amansado com boa música. Tocando bem, a orquestra nada tem a temer dele. Se, porém, surge a menor imperfeição, Koussevitsky é bem capaz de repetir o gesto que teve durante certo ensaio do Rito da Primavera, de Stravinsky:

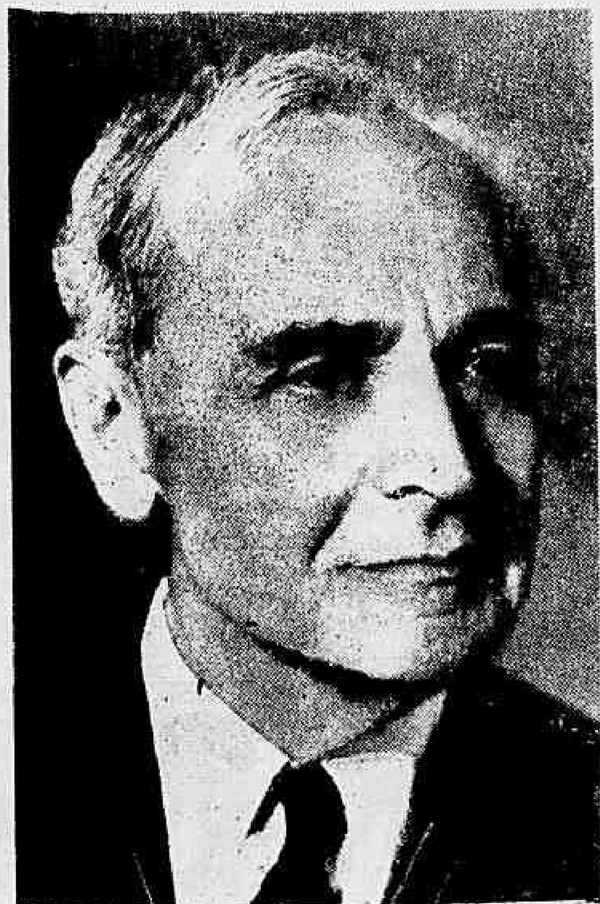
Exasperado, bradou:

— E' impossível! Não posso trabalhar com os senhores. Os senhores não têm a menor noção do que é ritmo. Não sei por que, mas os senhores não têm ritmo. Mas não têm mesmo. E é um desastre.

E, retirando-se, disse:

— Sinto muito, mas vou partir.

E saiu. Já estava no expresso de Paris quando alguns membros da orquestra, aflitos, foram encontrá-lo e conseguiram convencê-lo de que era preciso dar outra oportunidade à orquestra...



Koussevitsky

Koussevitsky, porém, nunca nega elogio quando lhe agrada a execução. Diz Bernard Shore que êle, quando está satisfeito, diz, sem parar de reger: "Maravilhoso! Maravilhoso!" e êsse murmúrio de aprovação, justamente porque é raro, compensa a crítica severa, mas sempre justa.

"CANTEM! CANTEM!"

Conhecendo admiràvelmente cada instrumento, Koussevitsky tem, sempre, uma série de sugestões proveitosas para cada músico. Se quer advertir que há êrro, pára e diz: "Vocês sabem que eu não estou gostando disso!". Ou, se o êrro é muito grave, dirá: — Parem! Parem! Tudo isso está completamente caótico!

Porém, em geral qualquer manifestação de Koussevitsky é desnecessária e basta olhar para a fisionomia do maestro. Ela mostra, na expressão que assume, aprovação ou desaprovação.

Registrando uma frase que lhe parece típica, Bernard Shore transcreve uma advertência que, segundo êle, ouvem sempre as orquestras que Koussevitsky rege:

— Cantem! Cantem! Façam com que cada frase cante! E' absolutamente necessário. Vocês devem saber que não pode haver música sem canto.

EXPERIÊNCIA INESQUECÍVEL

A Orquestra Sinfônica Brasileira, que vai ser confiada à direção de Koussevitski, durante alguns concêrtos, lerá com proveito o livro de Bernard Shore, porque, ali, há algumas advertências importante sôbre o gôsto do regente. Mas, qualquer um percorrerá, com agrado, as páginas leves, divertidas, às vêzes irreverentes, sôbre celebridades encaradas do ponto de vista da orquestra e verá que, apesar de tôdas as pilhérias, Bernard Shore sabe apreciar o valor dos maestros. Resumindo sua impressão sôbre Koussevitsky, por exemplo, êle diz:

"Nenhum regente conhece melhor as possibilidades da orquestra e, já que êle dispõe, ainda, do dom precioso de saber comunicar aos músicos a sua orientação, trabalhar com Koussevitsky é uma experiência inesquecível."



Que será seu filho AMANHÃ?

advogado
engenheiro
medico ou ...?

Seu futuro depende do presente - da sua capacidade para dedicar-se aos estudos. Depende das energias que o Tônico Infantil fornece ao organismo da criança. Contendo em sua fórmula fósforo, cálcio, arsênico, iôdo, tanino e vitaminas - os elementos de que as crianças mais necessitam na idade escolar - Tônico Infantil permitirá a seu filho ser, hoje, um colegial exemplar.... amanhã, homem de verdade.



TÔNICO INFANTIL

"MINHA JANGADA DE BAMBU"

ROMANCE DE

RENATO DE ALENCAR

Na nossa literatura contemporânea o nome de Renato de Alençar é dos que se pronunciam com o maior aprêço por uma obra que se distribui por várias provincias do conhecimento. Filólogo, tem êle publicado alguns trabalhos de importância como "Antagonias da didatica da unilateralidade do ensino" e "Traições da língua portuguêsa". Poeta, já compôs um livro de versos, e romancista são dêle os romances "D. Marcelina" e "Núpcias de fogo e sangue". Agora Renato de Alencar nos dá mais um trabalho sugestivo: "Minha jangada de bambu". Trata-se de um romance em que se descrevem costumes do interior brasileiro. Num estilo vivo o autor pinta a nossa paisagem rústica e os hábitos de nossa gente. Os tipos desfilam diante dos nossos olhos, animados, coloridos, carne e alma a vibrar ao toque de mágica do escritor que sabe penetrar a fundo nos seus personagens. Percebe-se que Renato de Alencar quis no desenvolvimento de seu drama mostrar a importância da Maçonaria e o faz com habilidade. A frase de Saldanha Marinho com que fecha o último capítulo diz bem de seus intuitos; "Admiro duas instituições na humanidades uma é o Cristianismo, a outra, a Maçonaria. A primeira é divina. A segunda é a obra mais perfeita que o homem compôs". Com êsse conceito do grande republicano e liberal patrício, Renato de Alencar encerra o seu livro cheio de sentido humano.

De "A Noticia" do Rio

— Romance "Minha Jangada de Bambu" está à venda em tôda as livrarias do Brasil. Preço: Cr$ 25,00. E pode ser obtido mediante vale do Correio ou pelo reembolso postal. Pedidos à COMPANHIA EDITORA AMERICANA. Rua Visconde de Maranguape, 15. Rio de Janeiro.

VIDA Literária

E. CATTETE REIS

Geração de 45

Repercute, ainda, nos meios literários do país, principalmente aquêles ligados à chamada "geração dos novos e novíssimos", a conferência que, em São Paulo, proferiu o sr. Ledo Ivo, sem dúvida um dos representantes mais autênticos dessa numerosa grei de intelectuais patrícios.

Não apenas àqueles a que se destinaram as palavras do autor de "Ode e Elegia" serviu a conferência em tela como um roteiro a futuros cometimentos dos prosadores e poetas. A repercussão a que nos referimos tem a sua razão de ser. O sr. Ledo Ivo, como poeta e como crítico, vivendo as mesmas angústias e os anseios de tôda a classe, pôde sentir e, com apreciável percuciência e sinceridade, exprimir e conceituar, nos devidos têrmos, a orientação necessária e indispensável que deverá inspirar a todos os integrantes da "geração de 45".

Clamou o conferencista por uma definição mais clara e precisa dos mensageiros das novas formas e idéias; preconizou a necessidade de uma integração definitiva em postulados próprios dos que se atiram à realização de um novo capítulo de nossa história literária; e sustentou, finalmente, a idéia de se levar avante a cristalização dos valores dentro da uniformidade capaz de caracterizar uma "escola".

Destaque-se, principalmente, a sinceridade do poeta. Sua linguagem pairou alto, muito acima de egoismos e cabotinismos. Não individualizou seus reparos oportunos. Como figura integrada no meio, fêz, antes de mais nada, uma auto-crítica; e, assim procedendo, analisou com argúcia erros e virtudes, fazendo, ao mesmo tempo, uma profissão de fé, que vale, sobretudo, como o atestado mais fiel do entusiasmo e do vigor de que se acham possuídos os rebentos mais expressivos de uma geração, que se procura a si mesma, na ânsia muito respeitável de dar continuidade às manifestações mais puras da arte.

Oxalá seja objeto de devida atenção o suave roteiro aberto pelo poeta, naquela tarde esperançosa, em que, no Clube de Poesia, da Capital paulista, leu a sua mensagem sôbre a "geração de 45".

EXUMAÇAO BIBLICA

O dr. H. J. Plenderleith, zelador do Laboratório de Pesquisas de Museu Britânico, declarou que fragmentos de velhos textos hebreus com dois mil anos de antiguidade, pertencentes a uma compilação de relíquias do Velho Testamento, ora sob exame de sua parte "constituiam, talvez, os mais incalculáveis achados de tôda a história da Bíblia". Informou ainda que Dankester Harding, curador de antiguidades do Reino do Jordão, tinha-lhe pedido que examinasse cêrca de 150 fragmentos encontrados numa adega, nas plagas do Mar Morto, onde se descobriram pergaminhos bíblicos, há dois anos atrás. Identificando-os como datando de aproximadamente 150 anos antes de Cristo. Plenderleith declarou que o material era demasiado frágil para que pudesse ser analisado imediatamente, devido a sua antiguidade. Os pergaminhos tinham sido guardados em vasos vedados, tornando-se muito quebradiços.

SER POETA...

André Billy era um grande amigo de Apollinaire. Certa vez, passeavam juntos quando, lá pelas tantas, êste se pôs a dizer versos, improvisando mesmo algumas estrofes muito bonitas, o que fêz Billy admirar-se.

— Então, és também poeta?

— Com tôda a discreção, respondeu, em tom baixo de voz, quase em segrêdo, o amigo. E ajuntou, numa quase confidência:

— Mas, não digas a ninguém, pois se os diretores dos jornais em que trabalho souberem disso, perderei todo o prestígio junto a êles...

FREDÉRIC LEFÉVRE

Faleceu em Paris, o escritor e jornalista Frédéric Lefévre, redator-chefe do seminário "Nouvelles Littéraires" e que se celebrizou como crítico e criador das entrevistas literárias.

Frédéric Lefévre nasceu em 1889 e começou suas atividades nas letras em 1917, com a publicação do seu primeiro livro de crítica, "La jeune poésie française", publicando, em seguida, "Le Mépris Sauveur", que é um livro de ensaios filosóficos.

O renome dêsse escritor veio, contudo, em grande parte, da Seção "Une heure avec...", que manteve durante múltos anos em "Les Nouvelles Littéraires", onde apresentava uma série de entrevistas com algumas notáveis personalidades literárias.

Escreveu, ainda, "Matinées du Hêtre rouge" (1928); "Entretiens sur J. K. Hupmans" (1931; Sansons, fils de Sanson" (1931); "Le Sol" (1932); "Entretiens avec Paul Velery"; "Les Sources de Paul Claudel"; "Mes amis et mes livres"; "Les Réveries de Claustre Vieil" (2 volumes) e "Orphée".

Frédéric Lefévre pertencia, como oficial, à Legião de Honra.

BRASIL-URUGUAI

Foram alvo de expressivas homenagens, nesta capital, a escritora Angelina Silveira Aguiar e a declamadora Cesarina dos Santos Alvarez, ambas do Urugual e que vieram ao Brasil, a convite da Associação dos Artistas Brasileiros, em viagem cultural.

Na recepção que lhe ofereceu a AAB as duas intelectuais do país irmão ti-



Ledo Ivo

veram oportunidade de fazer-se ouvir pela numerosa assistência ali presente, tendo a sra. Cesarina dos Santos declamado várias poesias de caráter infantil, de autores uruguaios, entre as quais "Canción de Natacha", de Juana de Ibarbourou; "Canción del Zapatí Hecho Barco" e "Canción de la tortuga verde", de Ernesto Pinto; "Ronda de la Serna", "América Bendita" e "Rio de Janeiro", de Gaston Figuiera; "Ciudad de Montevideo", de Humberto Zavilli; "La familia Gallinez", de Marajá Aguiar de Mariani; "Canción del Niño que quizo ir a la mar", de Luiz Bausero Bambi e Angelica Ferrari de Plaza.

ESCRITOR PARAIBANO

Em visita ao Rio, encontra-se o escritor paraibano L. Celso Mariz, autor de várias obras que mereceram aplausos da crítica.

Além do livro "Ibiapina, um apóstolo social do Nordeste" e de outros estudos sociológicos já publicados, entre os quais "Evolução Econômica da Paraíba", o sr. Celso Mariz está escrevendo uma biografia de Delmiro Gouveia, um dos pioneiros da campanha de aproveitamento do rio São Francisco.

IN MEMORIAM

O Instituto Interaliado de Alta-Cultura prestou, no palácio Itamarati, uma homenagem à memória do Padre Leonel Franca, uma das grandes figuras do magistério brasileiro, no qual pontificou como um mestre de notável cultura clássica.

A cerimônia foi presidida pelo sr. embaixador João Neves da Fontoura, presidente do Instituto, tendo falado os srs. Pedro Calmon, Sabóia Lima, Ferreira de Sousa, Prado Kelly, Austregésilo de Athayde, San Tiago Dantas, Jerzi Zbrozek, Levi Carneiro, Nilton Campos.

EXPOSIÇÃO DE LIVROS FRANCESES

Foi inaugurada no Museu de Artes Modernas, Edifício Banco Boavista — Avenida Presidente Vargas, uma exposição de livros e gravuras francesas.

Essa exposição, que reune mais de 200 obras dos mestres e dos jovens artistas da Escola de Paris, ficará aberta até o próximo dia 7 e é patrocinada pelo Ministério da Educação do Brasil e pelo Centro Brasil-França.

GOETHE E A FRANÇA

Nos primeiros dias dêste mês, será inaugurada, no Palácio Rohan, em Paris, a exposição "Goethe e a França".

O Palácio Rohan é propriedade dos Arquivos Nacionais que patrocinam a exposição, em comum com o Alto Comissário Francês na Alemanha, solenizando o bi-centenário do autor de "Werther".

GASTÃO DE BETTENCOURT

Deverá chegar brevemente a esta capital o escritor e jornalista português, Gastão de Bettencourt, chefe da Seção de Intercâmbio Luso-Brasileiro do Secretariado Nacional de Informação, Cultura Popular e Turismo.

Como anteriormente, o ilustre intelectual, durante sua estada entre nós, dará novo impulso às relações culturais entre os dois países, aproveitando a oportunidade para realizar três conferências sôbre música portuguêsa e subordinada ao tema geral "Música — devoção dos portuguêses".

NOTAS ACADÊMICAS

"Ruy-orador" é o tema da conferência do sr. João Neves da Fontoura, a ser pronunciada na Academia Brasileira de Letras em comemoração ao centenário do grande tribuno e jurista baiano.

— Guilherme de Almeida reuniu tôda a sua obra poética em um só volume, o qual deverá ser lançado no mercado livresco dentro em breve.

— Dois livros de Cassiano Ricardo serão publicados brevemente: "Face perdida" e "Poemas Morais", os quais, segundo se anuncia, mostrarão novas perspectivas estéticas vislumbradas pelo estro do consagrado modernista.

— Conforme tivemos oportunidade de anunciar, o sr. Jorge de Lima já tem pronto mais um livro de versos, desta feita encerrando vários sonetos, que constituirão a sua volta aos tempos de iniciação poética, quando não havia ainda aderido ao movimento modernista.



MODÊLO N.º 1
Numeração de 36 a 44
Até Cr$ 100,00 no varejo
Preço Cr$ 78,00 por par
Pelo Reembôlso Postal Cr$ 90,00 o par

★

MODÊLO N.º 2
Numeração de 36 a 44
Até Cr$ 100,00 no varejo
Preço Cr$ 78,00 por par
Pelo Reembôlso Postal Cr$ 90,00 o par

★

MODÊLO N.º 3
Numeração de 36 a 44
Até Cr$ 100,00 no varejo
Preço Cr$ 76,00 por par
Pelo Reembôlso Postal Cr$ 85,00 o par

★

MODÊLO N.º 4
Numeração de 36 a 44
Até Cr$ 200,00 no varejo
Preço Cr$ 145,00 por par
Pelo Reembôlso Postal Cr$ 180,00 o par

ATENÇÃO
SNRS. LOJISTAS

Oferecemos êstes modelos nas côres preta, marron e havana.
CONDIÇÕES — À vista com 3% de desconto ou 90 dias sem desconto. Despesas de remessa por conta do comprador.
Escrevam hoje mesmo fazendo a sua encomenda para
FABRICA DE CALÇADOS JADE LTDA.
Rua Brito Melo nº 127 — BELO HORIZONTE (MINAS GERAIS)



PARE!
A QUEDA DE SEUS CABELOS
USANDO
PETROLINA MINANCORA
O TONICO CAPILAR POR EXCELENCIA
CONTRA CASPA, QUEDA DOS CABELOS
E DEMAIS AFECÇÕES
DO COURO CABELUDO

TERREMOTO!!!

NO MERCADO DE PERFUMES!

Examinem os nossos novos preços:

TIPOS DE PERFUMES	Essências 10 grs. Cr$	Extratos 50 grs. Cr$	Loções ¼ Cr$
Crepe Chine	12,00	22,00	30,00
Madeiras	12,00	22,00	30,00
Jasmim	10,00	22,00	30,00
Violeta	13,00	22,00	30,00
Rosa Natural	13,00	22,00	30,00
Q: Fleurs	15,00	25,00	35,00
F. Amour	15,00	25,00	35,00
Tab Blond	21,00	35,00	40,00
Narcisse N.	25,00	35,00	40,00
Mytzko	18,00	25,00	35,00
Tabul	25,00	35,00	40,00
Arp S.	20,00	35,00	40,00
Chan 5 S.	20,00	35,00	40,00
Nuit N.	25,00	35,00	40,00
Flor Maçã FB	50,00	70,00	70,00
Arabesque FB	60,00	80,00	80,00
Casino FB	60,00	80,00	80,00
Soupplesse FB	50,00	70,00	70,00
Biarritz FB	50,00	70,00	70,00
Monte Carlo FB	50,00	70,00	70,00
Heno del Campo FB	60,00	80,00	80,00
Violette Feuilles FB	85,00	105,00	105,00
La Rose Rougeatre FB	85,00	105,00	105,00
Champagne FB	60,00	80,00	80,00
Despesas de reembôlso	6,00	6,00	6,00

NOTA — Não aceitamos pedidos menores de Cr$ 100,00. Os perfumes marcados com as letras FB são legítimos franceses, em embalagem original.

VENDAS PELO REEMBÔLSO POSTAL PARA TODO O BRASIL

A FEIRA DAS ESSÊNCIAS

Avenida Marechal Floriano, 67 — Sobrado — RIO DE JANEIRO

BANCO DO COMERCIO S. A.

FUNDADO EM 1875
O mais antigo da praça do Rio de Janeiro
Sede:
RUA DO OUVIDOR, 93-95
TEL. 43-8966
Agências no: Distrito Federal, Estado do Rio, Estado de São Paulo, Estado de Minas Gerais
★
Tôdas as operações bancárias, inclusive câmbio

Publicidade para a

Revista da Semana

em São Paulo

Tratar com

JARBAS DE FREITAS GALVÃO

Rua Brigadeiro Tobias, 613
2.° andar — Sala 217



Jerusalém está no meu...

(Cont. da pág. 14)

"SOU COMO SOU"

Jerusalém está na ordem do dia na Assembléia das Nações Unidas e aproveitamos a oportunidade para ouvir a sua abalizada opinião sôbre o assunto.

— "Muitos povos têm perdido partes dos seus territórios e poucos são os que as recuperaram. A Alsácia-Lorena é um exemplo disso. Israel é outro. Ninguém jamais ouviu falar na reconstrução de um estado depois de lhe tirarem a capital, Israel sem Jerusalém é o mesmo que o Brasil sem o Rio, a França sem Paris ou a Itália sem Roma. Não haverá paz no Oriente Médio, se Jerusalém fôr separada de Israel. Aliás, o destino de cidades internacionalizadas é provocar guerras e dissenções, como Dantzig e Fiume. Israel precisa de Jerusalém, e assegura a Paz em Jerusalém, dando as mais solenes garantias em relação ao livre acesso aos Lugares Santos. Temos uma compreensão por demais profunda do que a religião significa para o povo e isso constitui uma segurança de que saberemos conservar os monumentos sagrados da Cidade Santa e a mais ampla liberdade de crença aos fiéis de tôdas as religiões que ali têm o seu culto.

Voltamos a insistir com o libertador de Israel para que permitisse o trabalho da reportagem fotográfica, ao que finalmente acedeu, depois de muita relutância, exclamando: "Não gosto de poses, prefiro os gestos naturais porque sou como sou e não como me querem fazer".

A TRANSJORDÂNIA E' UM PAÍS INVENTADO

Conforme o seu discurso, o "Irgun", agora politicamente "Heruth", é contrário à partilha da Palestina, e Menachem Beguin assim nos respondeu sôbre o ponto de vista do seu partido, a respeito das fronteiras de Israel:

Consideramos como base geográfica do Estado Judeu tôda a Palestina, nos seus limites bíblicos, dos dois lados do Rio Jordão, a Cisjordânia, que é a atual Palestina e a Transjordânia, constituída em 1922 por desmembramento. Corra os olhos pela história e verificará que nunca existiu um país chamado Transjordânia, inventado pela Inglaterra, com a ajuda da Liga das Nações, que a criou tirando uma parte da Palestina, fazendo dela um reino e dando-a de presente a um príncipe da Arábia Saudita. Êste príncipe quer tornar-se agora o rei da Grande Síria, pela união Síria , Iraque, Líbano à Transjordânia. O assassinato do general Zaim, ditador da Síria, é um dos frutos dessa política. Zaim foi morto porque se opunha aos planos de Abdulah.

NUM LIVRO A HISTÓRIA DO IRGUN

Só com grande dificuldade o repórter conseguia arrancar algumas palavras do líder do movimento subterrâneo na Palestina e uma reportagem quanto mais difícil, mais interessante.

Entramos no capítulo do passado, a história do Irgun Zvai Leumi, e procuramos indagar da soma em dinheiro que as autoridades britânicas tinham oferecido pela sua captura:

— "Os inglêses puseram a prêmio minha cabeça por dez mil libras" — e acrescentou com humor: — "Mas não desvalorizadas!"

Quando nos preparávamos para conhecer outros dados sôbre as façanhas do exército clandestino por êle comandado, foi logo dizendo:

— "Leia o resto no livro que vou publicar brevemente!"

A curiosidade entrou em cena — indagamos o título, a resposta foi esta:

— "O senhor já viu dar-se nome a uma criança antes dela nascer?"

OBEDIÊNCIA

(Cont. da pág. 24)

sua mãe. Era incrível que tivesse vindo de tão longe, enfrentando o suplício de uma caminhada esfalfante, tivesse esperdiçado as suas fôrças na esperança única de comer e agora, uma breve ordem, numa ironia atroz "já comi obrigado". Era demais. Queria comer, comer muito, devorar tôdas as iguarias, saciar sua fome de oito dias. Sentiu pontadas nas costas, náuseas, as pernas bambeavam e escureceu-lhe momentâneamente a vista. Reagiu. Equilibrou-se. Não era possível, pensava, ela vai revogar a ordem. Sua mãezinha era austera e o educara numa férrea disciplina, mas nunca fôra cruel até êste ponto. Levara-o hoje faminto, esfarrapado, sujinho, com os pés dilacerados até aquêle palacete, depois de uma longa abstinência e agora, sem razão, inexplicàvelmente ordenara-lhe que não comesse... Todo o seu organismo era uma reação violenta da fome, tôdas as moléculas do seu frágil corpinho gritavam-lhe: Comida! Comida! Seu pequenino cérebro não tinha mais contrôle, já não raciocinava. Uma aflição, uma agonia lhe invadia o peito. Quis falar, argumentar, não pôde. Não tinha mais voz. Esforçou-se para ao menos chorar, lenitivo supremo dos desgraçados, mas também os seus olhos, única beleza física que possuia, estavam enxutos, terrivelmente secos, fixados obstinadamente, com alucinação, na comida, nos pratos ambicionados... Olhou-os bem. Piscou os olhinhos aparvalhados, e. curioso, as travessas agora haviam criado asas e voavam... voavam em seu redor e depois subiam para o céu vertiginosamente... Sim. Agora via bem. Correu à porta da cozinha, por onde saíram êles e quedou-se a olhá-los dolorosamente em sua ascensão incrível. Tapou os olhos para não ver. Reabriu-os, suas mãozinhas estavam geladas de emoção. Compreendeu tudo. Era uma partida cruel que os anjinhos lhe haviam pregado. Lá estavam êles comendo os seus manjares, rindo-se alegremente e ainda jogavam-lhe, lá de cima, os ossinhos limpos, completamente limpos...

— Julinho, como vai você, meu filho?

— Acordou da apatia em que ficara. Abriu os olhos. Era tia Chiquinha. Deixou-se abraçar sem nada dizer. Ainda estava estonteado. Não vivia. Só os seus ouvidos captavam tudo. Ouviu sua mãe rejeitar o jantar, alegando que já haviam comido, rejeitou ainda "um youco de doce" porque ia retirar-se, viera apenas para cumprimentá-la. Ouviu sua tia insistir: — "E o menino, já comeu?". Acordou. Olhou para ela. Seu coração teve um bater mais forte. Era sua cartada decisiva. "Sua mãe respondera que "o menino já comeu, obrigada". Como podia ela dizer semelhante monstruosidade, quando o seu organismo todo gritava fome, fome, estou com fome. Quero comer!? — Deu-se, então, o prodígio. Sua esperança última não falhara. Sua avó, fazia-lhe um sinal. Tia Chiquinha ajoelhou-se perto dele e abraçando-o perguntou, olhando-o bem nos olhos: — Julinho, meu filho, você já comeu? — Pausa. Silêncio. Angústia. Luta. Cáos. Ouvia a orquestra tocando uma valsa lenta, triste, muito triste. O cheiro da comida chegava-lhe às narinas, supliciando-o atrozmente, dilacerando-lhe a disciplina. Ia desmascarar sua mãe. Confessaria que não tinha comido há oito dias e tinha certeza, sua avòzinha estaria do seu lado. Ela de longe fazia-lhe sinais tão esperançosos... Ouvia risos de crianças felizes e bem nutridas. A velha criada que lhe ofertara uma empada chegou-se ao grupo, falando: — Êste menino parece que tem fome, D. Chiquinha. Sua mãe não tá falando a verdade... — sentiu uma alegria tomar-lhe a alminha. Possuía um advogado para a sua fome. Sentiu-se elevado do solo. Tia Chiquinha levantara-o nos braços perguntando com meiguice: — Fale, meu filho, você já comeu hoje? Lembre-se que um homem não mente!

Julinho olhou de novo para sua avòzinha, que o encorajava sorrindo, olhou depois para sua mãe que o fitava séria, muito séria e compreendeu que a revogação da ordem tão ansiosamente esperada não viera, compreendeu que mais uma vez tinha que obedecer como sempre, sem raciocinar, sem revolta, passivamente... Sentiu que ia morrer. Olhou em volta as prateleiras, os pratos tentadores como quem diz um último adeus a uma coisa que nunca mais verá e, finalmente, sentindo as pérolas puras do seu pranto chegarem acompanhadas de soluços terríveis que procurou dominar, com os olhos muito abertos, de onde corriam dois fios silenciosos mas incontidos, heróico, sublime, valente e, sobretudo, obediente à ordem materna, respondeu baixinho, a chorar e a rir: — Já comi, sim senhora, muito obrigado...

VIVER COM AMOR

(Cont. da pág. 54)

vários dias ela procurou, persistentemente, recusar pensar nele. Com certeza Scott alimentava esperanças a seu respeito, tanto assim, que, ao saber que ela vinha a Nova York, lhe dissera ficar em Clinton à sua espera. Carol sabia, que, em face da velha amizade que sempre existira entre ela e êle, devia haver algum perigo. Perigo para ambos. E como seria fácil realizar êsse casamento!

Scott tinha uma natureza sensível e era muito diferente psicològicamente em relação a Bill, pessoa a quem não viria a unir-se mais, evidentemente. Quanto a Scott, possuia êle uma qualidade que não podia ser fàcilmente desprezada, esquecida. Podia fascinar e, ao mesmo tempo, aborrecer. Pensava Carol que, se por acaso, viesse ela a unir-se a Scott, cometendo um grande êrro em sua vida, estaria ela confortada pela lealdade de Scott. Logo que regressasse ao seu apartamento, ali encontraria Scott. Ao contrário de Cornelius, que sempre procurou gastar bastante; ao contrário de Clive, que sempre se colocou numa espécie de penumbra, escondendo o seu espírito, Scott estaria ali constantemente, em pessoa. Mas, seria êle uma pessoa já suficientemente conhecida e na qual pudesse confiar de olhos fechados?

Pensando nessas coisas Carol esteve desperta longo tempo antes de pegar no sono.

No dia seguinte, à hora aprazada, Cornelius telefonou-lhe com aquela voz alegre e cheia de felicidade, repetindo o convite. Carol não se sentiu com bastante coragem para recusar. E prometeu encontrar-se com êle para o almôço.

Freda estava contente com essa amizade e, gracejando, disse à amiga:

— Isto me dá motivos para regressar à nossa casa, querida. Deixo-a aqui em pleno romance com o seu belo amigo e levá-la a passeios e jantares. Tenho que voltar para casa. Ian precisa de mim. Gosto de saber que sou indispensável. Ainda ontem à noite, numa de nossas conversas pelo fone êle me comunicou em tom de queixa que a empregada lhe estava dando apenas duas espécies de vegetais, quando eu sempre lhe arranjo três. — e riu jovialmente. — Muita gente da própria família de Ian não pode compreender como pude eu torná-lo um homem feliz. Acham até graça nesse milagre. Mas isso é muito simples. Sempre procurei fazer as coisas como êle gosta, e isso me torna também feliz. Conservo a engrenagem doméstica muito bem lubrificada. Nenhuma peça se enferruja. Tudo vai bem. O que faz que muitas mulheres falhem como espôsa é a suposição de que a simples rotina satisfaz o marido. Não; êles precisam sempre de algo mais do que o vulgar, do que o comumente confortável.

— Freda, — disse Carol decidida — não há nada que me faça permanecer aqui se você volta. Eu irei com você.

— Mas há muita coisa que pede sua permanência aqui, querida. Mas adivinho o que se passa em seu coraçãozinho. Você está temendo que o velhote esteja alimentando esperanças a seu respeito e você não queira molestá-lo com alguma negativa... Mas você pode ir proporcionando-lhe momentos de prazer, gastando os cobres dele, dentro da maior gentileza e finura, da maior linha de conduta, acompanhando-o a todos êsses passeios, jantares e danças, concorrendo para um pouco de alegria naquele coração isolado, sem que sobrevenha qualquer compromisso final.

Freda fêz um gesto com a cabeça e tornou com voz baixa, expressão cheia de ternura:

— Mas, eu sei Carol, que você prefere, ou melhor, preferiria comer um ca-

A BELEZA DOS SEIOS **BÉL - HORMON**

Quando o busto for insuficiente ou sem firmeza, use BÉL-HORMON nº 1, e quando for ao contrário, demasiadamente volumoso, use BÉL-HORMON nº 2. BÉL-HORMON, à base de hormônios, é um preparado modernissimo eficiente, de aplicação local e resultados imediatos. Adquira-o nas farmácias e drogarias ou pelo Correio

BÉL-HORMON



Distribuidores para todo o Brasil: Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. Rua da Carioca, 22 — Rio de Janeiro

Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Queiram enviar-me pelo Reembôlso Postal um vidro de "BÉL-HORMON" nº ....

NOME ....
RUA .... **Nº** .....
CIDADE .... **ESTADO**..........

Preço para todo o Brasil Cr$ 35,00

chorro quente com uma xicarazinha de café com Bill não é mesmo? Todo o dinheiro que Cornelius gastar com você, nada significa, não é mesmo?

— Mas — disse Carol a olhar fixamente através da janela — Mas... quando eu regressar a Clinton não vou mais permanecer como se fôsse casada com Bill e êle estivesse ausente, em alguma viagem. Quero tornar-me digna de mim mesma e trabalhar. Vou procurar um trabalho, seja qual for. Trabalharei por qualquer salário. Mas irei fazer alguma coisa. Desejo sentir-me útil. Empregar-me-ei nem que seja em subscritar envelopes à máquina oito horas por dia. Quero tornar-me uma mulher que perdeu o marido, mas também que vai provar que o divórcio não a inutilizou. Perdi meu espôso, que era meu desejo de viver. Agora vou arranjar outro meio de vida, um emprêgo.

— Sim — disse Freda — muito bem! Mas eu desejo que você permaneça em Nova York por mais alguns dias e se divirta muito. Você sabe, querida. Muito lamentaria eu se você causasse tamanho desprazer ao coração daquele amigo com um milhão de dólares! Não deve voltar já para Clinton. Corresponda ao pobre Cornelius Weger, que tanto precisa de um coração amigo...

Continua

ESMOLAS

(Cont. da pág. 58)

— Meu caro... hum... pois é... são coisas que o senhor compreende perfeitamente, não está ao meu alcance realizá-las... Não sou também — sorri lisonjeado — tão importante que possa arrumar e desarrumar coisas dessa alçada. Hum... o senhor compreende... Há certas dificuldades...

A essas horas o homem do pedido também terá levantado da cadeira, e estará ao lado, de chapéu na mão, muito solícito, sorridente:

— O senhor pode sim, doutor! Nós votaremos no senhor porque é um homem que pode tudo!

O sorriso do proprietário dos tapetes e do porteiro irá se alargando, mudará de côr e se transformará num abraço camarada de correligionário.

— Pois é, meu caro! Vamos ver se poderemos dar um jeitinho nisso. Segunda-feira mande o rapaz. Veremos o que se pode fazer.

— Muito obrigado, doutor! Vou dizer aos meus amigos que poderão dar seus votos com confiança. Sempre estou dizendo. Honesto, só mesmo o doutor! Até segunda, doutor! Passe bem, doutor!

★

Na rua os esmoleiros continuam de mão estendida e passando fome. Mas, segunda-feira, uma vaga estará preenchida por um rapaz muito eficiente.

N. B. — Mas para pedidos de esmolas é preciso que o sobretudo não esteja muito surrado e que se tenha qualquer influência, nem que seja só no bairro.

TORMENTA

(Cont. do número anterior)

De feições transtornadas pelo ódio e pela humilhação, com todo o seu ser vibrando de indignação, Marciana punha à prova tôda a sua presença de espírito e advertia os companheiros, já contaminados pela mesma revolta. O coronel! O Jerônimo! Misericórdia!... Não, gente Não! Deixassem-no ir! A custo os dois negros libertaram o engenheiro que, mudo, desarmado, imbecilizado e sangrando nos cantos da bôca, subiu correndo o morro e desapareceu. Marciana rompeu num pranto convulso. Maneco abraçou-a e quis consolá-la, mas Jovino sentenciou:

— Deixa ela chorar, é bom p'ra desabafar.

Tinha chegado a tempo. De volta do terreiro ouviram o primeiro grito da cabocla e correram para acudi-la. Viramna ainda se debatendo contra o seu agressor e assistiram ao seu último esfôrço para libertar-se dele. Começaram a subir o morro.

— A água, gente! — lembrou Marciana.

Riram do esquecimento e Jovino voltou correndo para ir buscar o balde. Quando penetraram no quarto de tia Rita pareciam ter esquecido o incidente.

Quem não vivesse nos arredores da casa da fazenda acreditaria mesmo que aquela animação de reforma não passava de fogo de palha. Ao fim de uma semana ainda não se falava em vatejar mato. O doutor Silva, porém, tinha adoecido — informaram as empregadas da casa; já no dia seguinte ao da festa êle amanheceu de corpo moído, com dor de garganta e com o rosto inchado de nevralgia. Uma gripe brava — concluíram. Como não queria médico, ia-se tratando com os recursos caseiros, aspirinas, gargarejos, bochechos, e muito repouso. Era a tal coisa — comentavam; o homem não tinha costume dessas pagodeiras de roça, afrouxou. Dançar e pular no sereno à beira de fogo não era p'ra qualquer um; não estando acostumado, pronto, arriava. Com relutância, Amâncio foi visitá-lo. Com relutância, porque sabia do incidente da bica. Marciana contou-lho. Amâncio precisava saber. Era o camarada mais respeitado da fazenda — o elemento de maior confiança do coronel. O que êle dizia à negrada, fazia-se. Por isso gostou de que Marciana lhe revelasse o segrêdo, como aprovou sem restrições a atitude que ela adotou. Ninguém mais precisaria saber do acontecido até ver-se onde a coisa iria dar.

— Eu falo com o Maneco e o Jovino — disse êle.

Marciana repetiu-lhe que já havia recomendado segrêdo aos dois crioulos.

— Bom, mas eu vou falar de novo. Se bem que aquêle desaforado merecia uma lição.

Defrontou-o agora como se nada soubesse.

— Pensando bem, seu Amâncio — disse o engenheiro — acho que o senhor podia levar o pessoal desde já. Eu não sei se ficarei bom ainda esta semana, e nós vamos precisar da madeira sêca muito breve.

— E' o que eu estou pensando.

— Não acha bom subir logo?

— Perfeitamente, doutor. Deixe isso comigo.

— Então está combinado. Tenho fé que antes de vocês acabarem eu darei um pulo até lá em cima.

Queria ver que o homem pretendia ficar depois de tudo que aconteceu!

— Com o Maneco e o Jovino de ôlho nele, é ter muita coragem! — acrescentou Marciana ao ouvir aquilo.

Para ela o cinismo do engenheiro significava que as suas apreensões ainda perduravam. Vivia naqueles dias como que flutuando — dizia — pisando em ovos, sob o temor constante de que o marido ouvisse alguma coisa. Que êle ao menos não lhe perguntasse nada, nem ao menos tocasse no nome do doutor. Jerônimo, porém, era o mesmo homem. Só uma vez comentou com ela e Amâncio a demora em atacar o serviço seguinte do plano do engenheiro, mas a conversa mudou de rumo. Finalmente o chamaram e lá se foi êle com outros morro acima.

Contra a vontade dos camaradas, as mulheres combinaram levar-lhes o almoço e para isso reuniam-se tôdas no terreiro da fazenda, de onde partiam juntas para o local de trabalho dos seus homens. Esta circunstância permitiu a Marciana verificar que o caso da bica não havia transpirado, mas, por outro lado, deu ensêjo ser vista de longe pelo engenheiro, ainda enfurnado em casa. Dali êle seguia com a vista o magote de mulheres rumo ao morro grande que se descortinava sob basta vegetação, e horas depois as via de volta. Marciana nem ao menos olhava para o lado da casa. Tão calma estava a situação que a mente do rapaz povoou-se de interrogações. Seria possível mesmo que a cabocla tivesse impôsto silêncio aos dois crioulos? Sabia do que representava o prêto Amâncio na fazenda, e êle falara-lhe com absoluta naturalidade. O coronel visitou-o uma vez, três dias depois da festa, e era um completo inocente de tudo. Ninguém da casa traía o menor sinal de conhecimento do caso. Espantoso! Então era aquilo que se dizia ser vingança de caboclo? Ou lhe estariam preparando alguma cilada? Não parecia viável, pois jamais imaginaria que Jerônimo, que já simpatizava com êle, esperasse tanto por uma tal desforra, nem que fizesse véspera para isso. Não, o mais certo era que o incidente continuava ignorado. Mas por que êsse segrêdo? Começou a roê-lo a traiçoeira curiosidade de saber do que se passava atrás de tudo aquilo. Entretanto, por onde começar? Marciana pareceu-lhe ainda a fonte propícia para a sondagem. Mais de uma vez a reviu em pensamento e nela persistia sempre algo a atraí-lo, além da sua provocante beleza. A dificuldade da conquista espicaçava-o. Feriu-lhe a vaidade o fracasso da sua tática inicial. A segunda prova custou-lhe quase uma tragédia. Que lhe reservaria a terceira tentativa? Aquêle véu de mistério que o protegia da fúria do marido ultrajado, intrigava-lhe a imaginação. Não seria um sinal encorajador?

Assim divagando chegou ao dia em que resolveu voltar à atividade. E o seu primeiro passo foi visitar a turma em serviço na mata. Mandou selar o cavalo e partiu depois do almôço. Na subida do morro pôde admirar a extensão do trabalho já executado; o gado pastava livremente e aqui e ali amontoavam-se ramagens ressequidas que outrora lhe vedava opulentas áreas de capim. Um trilho sinuoso indicava o rumo tomado pelos homens e o cavaleiro seguiu-o, ansioso por alcançar a orla da mata que avistava. Mesmo aí eram visíveis os sinais da passagem dos camaradas: caminhos devastados, cipoais podados, clareiras limpas, e ouviam-se dali os sons de vozes e o eco dos choques do aço contra a vegetação. Estava perto, portanto, do pessoal. O engenheiro desmontou, prendeu a rédea num tronco, e continuou a caminhada a pé. Não tardou a encontrar os primeiros homens que o cumprimentaram alegremente. O resto estava em cima, que subisse. Deu com algumas mulheres que desciam de volta à casa. Saudou-as, sorriu-lhes, e foi andando. Então elas já voltavam, e vinham por ali! Retardou os passos e inspecionou com o olhar o local. Os rumores do trabalho vinham de muito perto, mas não se via ninguém. O trilho descia contornando uma pequena elevação do terreno e beirando uma longa touceira de arbustos. O moço parou e disfarçou-se com o admirar o pitoresco daquele trajeto da mata. E não teve que esperar muito, porque soaram passos e logo surgiu na pequena curva o vulto de Marciana. Ao vê-lo a cabocla estacou. Quis voltar, mas deteve-se. Seu aspecto era de completa perturbação. Ergueu, porém, o busto e avançou. O engenheiro esperou-a e interceptou-lhe os passos.

— Sai da frente, moço! — exclamou ela. — Não começa outra vez não!

— Mas você me julgou mal...

— Arreda, moço, eu já disse!

O engenheiro insistiu

— Deixe-me falar com você...

— Não tem nada que falar coisa nenhuma!

— Ora, deixe-se disso...

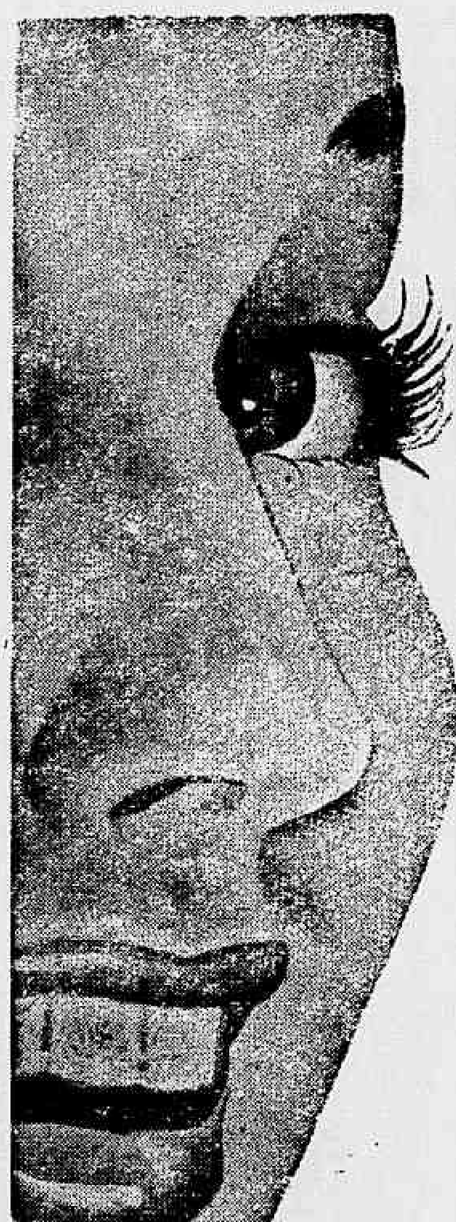
Marciana recuou um passo, fitou-o severamente e advertiu-o:

— Olhe, doutor: da primeira vez eu evitei, mas dessa vez não vou poder. Não engraça não!

O moço esboçou um sorriso de sarcasmo mas não se arredou do lugar. A cabocla juntou os objetos que trazia e avançou disposta a abrir caminho.

(Conclui no próximo número)







com uma simples e agradável aplicação de Cilion, duas vezes por dia. Cilion dá nova beleza às palpebras, escurece, alonga e recurva os cílios, dá brilho às sobrancelhas, impedindo ao mesmo tempo a formação de caspas e terçóis.

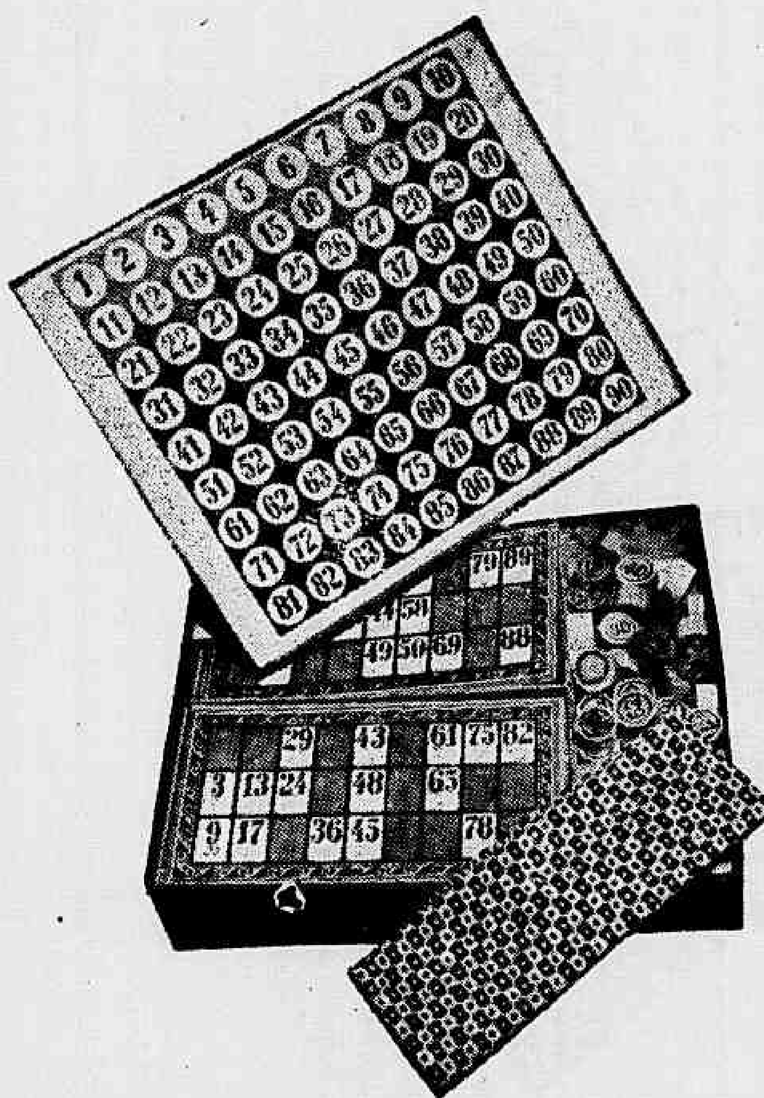
Prefira o TUBO GRANDE rende mais e custa relativamente, muito menos



embeleza e protege os olhos



OPORTUNIDADE RARA!
UMA CAIXA COMPLETA
CR$ 50,00, APENAS!...



VISPO-BINGO!...

VALE MUITO MAIS

O novo divertimento popular, para casas de famílias, clubes, etc. Grande sucesso em tôda parte!

A caixa contém:
60 cartões
1 quadro de marcação
90 pedras gravadas a fogo nos dois lados
1 sacola de tecido forte.

PREÇO DA CAIXA ÇOMPLETA CR$ 50,00



PAGAMENTO POR CHEQUE, VALE OU REEMBÔLSO



MANDE SUAS ENCOMENDAS POR CARTA AÉREA OU TELEGRAMA À

P. S. GUIMARÃES

AV. RIO BRANCO, 277
SALA 1205 ★ RIO DE JANEIRO
ENVIAMOS O **VISPO-BINGO**
IMEDIATAMENTE

HISTÓRIA DE UMA LUVA BRANCA

(Cont. da pág. 36)

do meu próprio ser. Depois, tirou da bolsa uma luva branca — a mesma que nos aproximara — e disse:

— Leve-a!

Quando me afastei, sentia algo estranho no coração. Parte do meu ser parecia ter-se desprendido.

Voltava ao Hotel, ainda com a pequenina luva branca entre as mãos, e uma súbita interrogação despertou-me: o nome dela? A embriaguez do sonho até isso ocultura...



Ferreira foi o primeiro a dar-me a dolorosa notícia:

— Pois é, Mineirinho; parece mentira, mas a verdade é que temos mesmo de regressar. A ordem chegou ainda há pouco. Nossa Unidade vai mudar de frente, atendendo aos imperativos da "Ofensiva da Primavera". Até o Tenente ficou furioso, pois êle já estava em franca progressão...

Por um instante custou-me acreditar que as nossas férias iriam durar apenas um dia. Desatinado, fui ao Tenente, tentando explicar-lhe a minha situação. Queria sòmente algumas horas do dia seguinte, para saldar "um compromisso"...

Meu superior olhou-me complacente. Apontando para o objeto que eu nervosamente sustinha na mão, falou:

— Olhe, Sargento: também eu tinha um "compromisso"...

Nada mais objetei, quando êle me mostrou uma delicada lembrança de mulher.

A "Ofensiva da Primavera" foi uma epopéia para a F.E.B. A cada avanço correspondia a tomada de mais uma cidade. Nesta nova fase de operações a minha vida intensificou-se. A pequenina luva branca tornou-se minha mascote, acompanhando-me em tôdas as incursões ao campo do inimigo. Ferreira fazia "blague" comigo, dizendo que na primeira missão perigosa de que fôsse incumbido, haveria também de levá-la, a fim de provar-lhe a resistência contra as balas inimigas. Nunca levei isto a sério, mas no dia em que meu amigo chegou ferido depois de tomar parte numa Patrulha noturna, minha admiração não foi maior do que o meu pezar. Suas últimas palavras penetraram fundo em meu coração. Tirando do bolso a minha mascote, tinta de sangue, êle falou:

— Nunca dei sorte com italiana... Tome, tirei-a quando você dormia.

Meus olhos ficaram úmidos. Tinha a impressão de que pela primeira vez via morrer um bom amigo.



Quando o navio deixou o Pôrto de Nápoles, rumo ao Brasil, meu pensamento voltou-se para aquela casa de campo, nos subúrbios de Roma. Lá eu devia ter voltado, mas o destino achara melhor eu esquecer tudo, colocando à minha frente uma série de obstáculos intransponíveis. Esquecer! Como? Recordações como aquelas não se podem olvidar. E o suceder dos dias mais aumentava a minha melancolia. Numa tarde, debruçado sôbre a amurada do convés, meu olhar concentrou-se sôbre a mancha de sangue ainda existente na pequenina luva branca.

Aquela mancha pouco a pouco pareceu-me crescer, tomar forma, até dar-me a ilusão de ter diante dos meus olhos o meu amigo Ferreira. O vento trazia-me aos ouvidos as suas palavras: "Nunca dei sorte com italianas..." Pela primeira vez senti um ódio tremendo daquele pequenino objeto branco. Ergui-o num gesto brusco, deixando-o cair em seguida. O vento soprava fortemente, inflando de ar a pequenina luva, que assim tomou a forma de quando vestia a mão que um dia eu tive entre as minhas. Relutando em imergir nas ondas, parecia dar-me o último adeus, até que o vento cessou. Lentamente ela foi caindo, caindo e mergulhou nas águas frias do Mediterrâneo.

F I M.

O GALÃ QUE SE DESILUDIU

(Cont. da pág. 27)

a maioria de emissora cariocas. A atuação dêsse artista nos dramas seriados, data do lançamento de "Em busca da felicidade", quando foi chamado a fazer o "dr. Alexandre", devido a carência de elementos masculinos. Dêsde, então, não mais interrompeu seu trabalho nêsse gênero. Brilhou em "Renúncia". Arrancou lágrimas em "Maldição". Empolgou no "Diário de Janine". Satisfez em "Ternura". Porém, no seu entender, sua grande criação foi em "Fatalidade", novela em que viveu o "dr. Jerome", aquêle médico francês que a imaginação de Oduvaldo Viana criou. Celso apaixonou-se pelo tipo, aprendendo a imitar o sotaque francês para melhor interpretação do personagem.

CINEMA SÓ PARA ATRAPALHAR

O filho do ferroviário Carlos Hummel Guimarães vivia felicíssimo no rádio, não fôsse aquela pontinha feita no filme "Fazendo Fita". Era diretor-artístico da PRE-8, ganhava bons cobres, mas a miragem do cinema nacional começou a inquietá-lo. Não resistiu à tentação. Por isso, resolveu deixar o importante cargo da Nacional para empregar-se a fundo na setima arte. Foi quando Raul Roulien, iniciou a filmagem de "Azas do Brasil", que um incêndio veio a destruir mais tarde. Celso, escolhido para galã, sofreu bastante com o acontecido. Mas uma nova película estava para ser rodada. Êle, refeito do que acontecera a "Asas do Brasil", participou de "Aves sem ninho", tendo como "partenaires", Rosina Pagã e Déa Selva. Mais tarde, voltou em "Argila", produção que a crítica não recebeu muito bem. A seguir, tivemo-lo em "Caminho do céu" e "Segrêdo das asas", êste um documentário do cinema educativo. Depois, junto com Cacilda Becker e Grande Othelo, filmou "Luz dos meus olhos". A convite de Moacir Fenelon, refêz "Asas do Brasil", aparecendo ao lado de Paulo Pôrto, Lourdinha Bitencourt, Oscarito e Saint-Clair Lopes. Recentemente, trabalhou em "Terra Violenta", uma produção que reuniu Maria Dela Costa, Saddí Cabral, Heloisa Helena e outros cartazes.

Mas, tôda essa atividade cinematográfica do criador do "Teatro em casa", não lhe trouxe os resultados financeiros que era de esperar. Êle recebeu por êsse trabalho exaustivo, que compreende a feitura de oito películas, a importância de quarenta e quatro mil e quinhentos cruzeiros, ou seja cinco mil e quinhentos e sessenta e dois cruzeiros e cinquenta centavos por filme. Daí, o indagar com certo amargor: — "Vale a pena ser artista de cinema no Brasil?"

Isso não quer dizer que Celso esteja desanimado. Com dois filhos para criar — Vera e Celso — êle projeta um programa de rádio ligado a empreendimentos extra-rdio de larga repercurssão. Também espera escrever uma peça de teatro, sôbre o drama da sêca no Ceará. Além disso, última os capítulos de um livro sôbre o rádio por dentro. A par de todos êsses projetos, há o desejo de aumentar sua coleção de pratos brazonados, em que figuram peças de extraordinário valôr estimativo, os quais irão ornar a casa que o conhecido artista vem de adquirir em Copacabana, uma vez que o prédio onde reside, dentro em breve, cederá lugar a um arranha-céu.

Elas brincavam de patinar no gêlo

(Cont. da pág. 25)

quimicos, independe de qualquer temperatura. Se não podemos assistir a um "show" ao natural, de "skies" deslisando pelas nossas montanhas, em mercê do nosso clima — valha-nos a esperança dos "sucedâneos" obtidos por êsse processo...

A proposito, damos, nestas páginas, alguns flagrantes do "show" no gêlo que o Rio está assistindo. Nêle se destacam Genevieve Norris e Dorothy Day, duas excepcionais figuras dessa modalidade desportiva, tipos de real belêza, de plastica irrepreensivel e de excepcionais dótes coreográficos realçados pelo primôr de sua execução em patins prateados.

Para a saúde e a beleza dos seus cabelos!



LOÇÃO TÔNICA MAC BIR

Um produto cientificamente preparado

A LOÇÃO TÔNICA MAC BIR é o mais poderoso revitalizador capilar. Medicinal à base de vegetais, seu uso constante é uma **garantia de saúde** para o couro cabeludo, eliminando a caspa e a seborréia, evitando e detendo o **embranquecimento** e a queda dos cabelos!

A venda nas boas farmácias, drogarias e perfumarias — Preço Cr$ 35,00

Atendemos também pelo Reembôlso Postal
1 VIDRO Cr$ 40,00 - 3 VIDROS Cr$ 100,00
6 VIDROS Cr$ 192,00 - LIVRE DE PORTE
Pedidos à
Caixa Postal 4.272 - RIO - D. F.



TRANSPIROL

Publicidade para a

REVISTA DA SEMANA

em São Paulo
Tratar com
JARBAS DE FREITAS GALVÃO
Rua Brigadeiro Tobias, 613, 2.° andar
– Sala 217 – Fone: 6-6718

Nº 25

A MULHER SCARLET INVISIVEL

POR RUSSELL STAMM

MALIGNANT NÃO PERDEU TEMPO. AÍ SE APROXIMA UM DE SEUS MANDATÁRIOS

CARNICEIRO, UM DOS MELHORES ASSASSINOS DE MALIGNANT, LOGO DESCOBRIU QUE SANDY ERA PARCEIRO DE MISS O'NEIL

APOSTO QUE É ELA...

TEMOS CERTEZA QUE PODEREMOS ENCONTRAR O LOCAL...

CHEGA, SCARLET. ALGUEM SE APROXIMA...

E ENQUANTO MALIGNANT ESTÁ PREPARANDO OS PLANOS PARA O SEU ÚLTIMO ASSALTO, CARNICEIRO ESTÁ TENTANDO ABRIR A PORTA DE SCARLET.

PARA QUE NÃO HAJA FALHAS, FAREI UM ESQUEMA. O BANCO DA RUA BODEN ESTÁ LOCALIZADO A UM QUARTEIRÃO DAQUI...

PRESTEM ATENÇÃO... ÀS 7.15 INICIAREMOS UM INCENDIO AQUI. DEPOIS NA CONFUSÃO, ASSALTAREMOS O BANCO.

ÓTIMO!

GF CAR HERE

ALLEY

BANK

BODEN ST.

OFFICE

SET FIRE HERE

SUBWAY

PRECISA DE MIM, SR. MALIGNANT?

ENTRE, HUNKY. VOCÊ ESTÁ ALINHADO. TENHO UM SERVIÇO PARA VOCÊ. PAGO 500 DOLARES.

APOSTO QUE VOCÊ NÃO SABIA QUE TINHA ESCADAS AQUI!

DESÇA COMIGO ATÉ O DEPOSITO.

PUXA! OS ARMARIOS ESTÃO SUBINDO

TENHO UMA FORTUNA DE MATERIAL ROUBADO AQUI. PENA QUE TENHA DE QUEIMÁ-LO

QUEIMAR?

É. ÀS 7.15 VOCÊ ESPALHARÁ GASOLINA POR CIMA DE TUDO E ACENDERÁ UM FOSFORO. SAIA PELA PORTA DOS FUNDOS E COMPREENDE? POR QUE NÃO DESCANÇA UM POUCO ANTES DA HORA?

ESTÁ BEM. QUEIMAREMOS TUDO...

É PENA QUE EU NÃO POSSA APROVEITAR MAIS O GAROTO. MAS NÃO POSSO ARRISCAR-ME. A PORTA DOS FUNDOS ESTARÁ ABERTA, MAS NÃO AS GRADES DE FERRO...

ENQUANTO ISSO, NO APARTAMENTO DE SCARLET

ESTÁ ALGUEM TENTANDO ABRIR A PORTA. PREPARE-SE...

CLICK
CLICK

6-22-47

Viver com AMOR

ROMANCE DE MARGARET G. NICHOLS

Conclusão do capítulo XIV

DEPOIS daquela vexatória cena entre Carol e a ciumenta espôsa de Johnny, Carol só foi encontrar tranquilidade em Nova York, em companhia de sua amiga Freda. Palestravam as duas sôbre a natureza humana. Na opinião de Freda a natureza humana só mudava quando ainda se é moço.

— Quando não se está com todo o desenvolvimento físico e espiritual terminado, podemos mudar, mas, em caso contrário, não. Um momem ou uma mulher que chega aos trinta anos, não muda mais. Uma mulher pode mudar a côr de seus cabelos, perder algumas libras de pêso, porém, seu caráter, sua personalidade e desejos ficarão os mesmos. Penso que a melhor maneira de fazer um homem feliz é não procurar alterar-lhe o caráter.

Freda sorriu, prosseguindo na sua esplanação filosófica:

— Vou confessar-lhe uma coisa que jamais disse a outra qualquer pessoa. Logo que me casei com Ian, êle saiu para dar, sózinho, um passeio num sábado à noite. Nunca soube para onde foi nem o que foi fazer. Jamais lhe perguntei. E fiz muito bem. Era um hábito dele, contra o qual não fiz nenhuma objeção ou perguntas de suspeitas inúteis.

Quando as duas terminaram a refeição, Carol pôde, enfim, ver quem era o cavalheiro que estava insistentemente a olhá-la pelas costas, conforme lhe advertira Freda, desde que ambas se sentaram para a refeição

Tratava-se do velhote gordo e sempre de bom humor, Cornelius Weger, um dos companheiros de Carol naquele cruzeiro turístico.

Cornelius mostrou-se contentíssimo quando Carol o fitou e se deu a conhecer. Estava êle muito bem penteado e elegantemente vestido com um terno cinzento.

— Ora muito bem! — exclamou êle. — Que surprêsa esta! Como é delicioso ter oportunidade de vê-la novamente! — e sorriu jovialmente.

Antes de ser Freda apresentada a êle, foi o gorducho Weger, de Detroit, dizendo logo à amiga de Carol:

— Não precisa retirar-se. Espero que vão ter tempo de conversarmos um pouco.

—Muito obrigada, mas receio que não vamos poder atendê-lo. Temos agora mesmo um compromisso já marcado — disse Carol com amabilidade.

— Onde está residindo? — e para Freda, antes de Carol responder: — Agora não vou consentir que ela me escape...

— Eu o ajudarei a êsse respeito — respondeu Freda. — Ela está, por enquanto, aqui mesmo neste hotel.

Cornelius hesitou um instante. Em seguida perguntou a Carol:

— Quer ir esta noite ao teatro comigo? Presumo que você ainda não viu todos os "shows" da cidade. Vamos a um onde haja espetáculo e jantar. E o convite é extensivo a Mrs Kelly!

— Muito lhe agradeço — disse Freda. — Mas não posso aceitar pelo motivo de estar justamente esperando meu espôso esta noite para irmos ao teatro.

Carol pensou consigo mesma: — "Êle deverá ficar muito satisfeito se eu aceitar o convite. Será que êle não conhece nenhuma outra mulher em Nova York para fazer tal convite?"

Com êsse rápido raciocínio, sorriu e lhe disse:

— Então... até às sete da noite.

Já no taxi com Carol, Freda estava ra diante e muito bem impressionada com Mr. Weger. Não podendo esconder nada de sua amiga, ela foi logo exteriorizando:

— Sabe, Carol, êle é bem interessante. Parece-me um tanto aluado, patético, mas de ótima aparência e muito saudável. Aí está mais uma das vantagens de ser-se homem: é a de que, com sessenta anos, mais ou menos, poder convidar para passeios a uma jovem mulher de vinte e seis... Qual seria a mulher de sessenta anos que teria a coragem de convidar um jovem grã-fino para fazer o mesmo? Nenhuma, naturalmente.

— Eu não sabia que Ian estivesse para chegar esta noite.

— E não está mesmo, querida. E' que eu não tive outra evasiva naquele momento, para livrar-me da insistência de Mr. Weger. Mas, de qualquer forma não poderia ir. Tenho que tratar de outras coisas e telefonar a Ian. Além do mais, não me ficaria bem. Cornelius prefere as louras, e espero que você saiba corresponder às suas gentilezas, de verdadeiro "gentleman". Vamos tratar de nossa maquillagem. Você precisa apresentar-se sempre deslumbrante. Uma das vantagens de se ser mulher casada é a de que não se precisa mudar de idéias. E uma das desvantagens de ser divorciada é a de que se continua a sentir falta de casamento.

Quando ambas regressaram ao hotel naquela noite, encontraram flores destinadas a cada uma. Mas, para Carol, eram orquídeas. As sete em ponto, Carol desceu ao hall para encontrar-se com Cornelius Weger. Ia muito linda, com um vestido de côr verde, próprio para jantar.

Foram tomar uns coquetéis e então Cornelius aproveitou o ensêjo para explicar os motivos que o forçaram a vir a Nova York. Negócios. Mas não tirava os olhos da jovem divorciada, admirando-a vagarosamente. Carol parecia meio encabulada. Era desconcertante. O local dos "drinks" era excelente e romântico. Um salão com paredes de espêlhos e macias e confortáveis poltronas. Depois seguiram para um dos mais famosos restaurantes espanhóis da cidade para jantar e dançar.

Para um homem naquela idade, dançava muito bem. À hora do café, Carol indagou pela filha dele. — Oh! Ela está muito bem. Termina agora o seu curso no inverno. E' uma bela moça. Somos verdadeiros apaixonados um pelo outro.

RESUMO DA PARTE JÁ PUBLICADA

Carol Sturtevant, jovem divorciada, empreende uma viagem de turismo para esquecer o passado. Faz a bordo várias amizades e, já de volta, no pôrto de Havana, entra no círculo de suas relações o engenheiro Clive Holdridge, que a convida para jantar, dançar, irem juntos ao cinema. Ela, porém, aceita apenas o jantar e os aperitivos no bar. Depois de ter chegado a Nova York é convidada por Clive para jantar em sua companhia e se declara apaixonado por ela. Depois de sua excursão, volta Carol à cidadezinha de Clinton, sendo recebida entre abraços por sua amiga Freda, que lhe arranja apartamento. Carol deseja muito conhecer Evelyn, a nova espôsa de seu ex-marido, Bill, e sabe que ela está hospedada com êle no Hotel Beaumont. Em Clinton, Carol é cercada de tôdas as considerações por parte de sua amiga Freda, espôsa de Ian Kelly. Tendo sido convidada para jantar numa roda de amigos no clube, Carol tinha apenas receio de que Bill e Evelyn tivessem naquela noite o mesmo pensamento e os três se fôssem encontrar naquele meio social. Tendo comparecido em companhia de seus amigos à reunião do Clube, Carol se sentiu profundamente perturbada com a presença ali de Bill e da espôsa dêste, Evelyn. Procurando resumir sua visita àquele meio, pediu para retirar-se, sendo acompanhada até ao seu apartamento por Scott, de quem se despediu à porta, pedindo-lhe desculpas por lhe não ser conveniente convidá-lo para subir. Já não bastando a Carol os cortejos de Scott, um dia chega à estação ferroviária da cidade o impertinente Clive, que lhe telefona pedindo um encontro na própria estação. Carol comparece e fica surpreendida quando o ex-companheiro de turismo lhe propõe uma união extra-legal. As confidências que Carol fazia junto à sua amiga Freda cada vez mais provavam que esta parecia pender para os lados de Clive, procurando influenciar no espírito de Carol um esquecimento a respeito das pretensões de Scott.

— Sua ehpôsa morreu há muito tempo, Cornelius?

Mr. Weger deixou de parecer aquêle homem idoso que estava a perseguir uma jovem mulher e respondeu com sobriedade:

— Dez anos. Justamente no ano em que eu lhe dava tudo o que podia, enchendo-a de confôrto. Acabava de dar-lhe uma casa que mandei construir e que era o seu sonho. Tôda mobilada a gôsto e a capricho, como sempre desejou. Compramos tudo o que ela julgava indispensável em nossa moradia. — sorriu ainda meio saudoso e disse: — Os jornais e as revistas se ocuparam de mim. Os rapazes da imprensa sempre se deram bem comigo e são gente boa, você sabe. E eu sou um emigrante que também sabe ser compreendido e generoso para com os outros. Quando cheguei a êste país também trabalhei árduamente. Vendi jornais antes de conseguir firmar-me na vida. Primeiramente montei uma pequena loja de latoeiro. Consertava tudo. Gostava do trabalho. Pouco depois eu vendia uma invenção minha. E' certo que não possuía eu muita educação; mas, através da vida, ia adquirindo conhecimentos. Betty me foi sempre uma amiga e uma auxiliar. Eu preciso dela. Oh! Desculpe... Você não pode ter nenhum interêsse em nada disso!

— Mas... estou, sim — respondeu Carol sinceramente.

Era verdade que, ao invés de estar ela diante daquele homem um tanto maluco, em procura de uma jovem, passava Mr. Weger a ser um homem normal e respeitável, digno de admiração.

Carol começava a gostar dêle, de ouvir suas lutas pela vida. Tudo o que fêz ou fazia depois da morte da espôsa e que, por ventura estivesse errado, seria justificável pela perda da mulher a que tanto amava e de quem recebia os conselhos e a orientação. Reconheceu Carol que havia muita coisa de comum entre ela e Cornelius.

— Eu gosto de trabalhar — continuou êle já certo da simpatia da jovem. — Mas, pode crer, não posso lutar assim sòzinho, estando minha Betty no colégio. Não me julgo um homem velho. Acha a senhora que um homem com sessenta anos este'a velho?

Carol fêz um gesto com a cabeça, concordando com êle. Mas, intimamente, ela se sentia envergonhada com essa atitude, pois seu próprio pai estava ainda na casa dos cinquenta e ela o achava já velho.

Cornelius prosseguiu: — Sinto-me só — pelo modo por que se expressava, com certeza desejava o velhote conquistar a simpatia de Carol. Reparando que estava dizendo alguma tolice, procurou emendar: — Oh! perdão... Estou sendo estúpido. Você é ainda muito jovem... e...

— Admira-se de que esteja também só? E' muito simples. E' a antiga fórmula de Hollywood, Cornelius. O eterno tema: a outra mulher...

— Continua sòzinha?

— Para êle, sim.

— Sinto muito, sinto muito. — balançou a cabeça como quem lamenta a situação de um amigo e, estendendo as mãos através da mesa, segurou afetuosamente as mãos de Carol, murmurando: — Agradáveis momentos passei em sua companhia, querida.

Capítulo XV

Depois do jantar foram a um teatro e Cornelius divertiu muito com a comédia que levavam. Êle tinha o irritante hábito de ficar olhando para ela, sempre que uma piada lá do palco provocava risos na jovem. Saindo do teatro, êle a convidou para uma ida a Greenwich Village, onde tornaram a dançar. Carol estava muito satisfeita com o passeio e não desejou tornar a ouví-lo acêrca de coisas do passado de Weger, estragando a alegria em que êle estava.

Já era muito tarde quando ela chegou ao hotel.

— Posso ter a esperança de vê-la mais vêzes? — perguntou-lhe Cornelius ansioso. E sem esperar que ela respondesse, foi logo acrescentando: — Que tal um almôço, amanhã? Você, Mrs. Kelly e o espôso?

— Queira ter a bondade de telefonar-me, amanhã, por volta das onze horas. Não sei se Freda tem outro programa.

— As onze? Ótimo! E espero que não tenha falado muito de mim mesmo esta noite. Se a aborreci, queira perdoar-me. Quando insisti para levá-la a divertir um pouco não tive a intenção de incomodá-la com as histórias de meu passado.

— Não se preocupe. Diverti muito e gostei de cada minuto dêsse nosso passeio.

E isso não era mentira. Carol dizia a verdade. Ao subir no elevador para seus aposentos, ia a jovem divorciada completamente mudada em relação àquele homem do qual havia tido uma impressão muito diferente quando o conheceu a primeira vez a bordo. Já não o olhava mais com o mesmo sentimento de piedade e condescendência de ordem social. Sentia-se ela bastante feliz por ter proporcionado a Mr. Weger aquêles momentos de prazer. Carol reconhecia que o velhote se sentia orgulhoso quando lhe sugeria certas marcas de vinho e escolhia pratos para ela. O mesmo quando dançava. Era o homem mais feliz dêste mundo. Não teria nenhuma mulher dançado com êle desde aquela viagem turística?

Quando Carol chegou aos seus aposentos encontrou Freda dormindo. Vestida como estava, mais parecia uma jovem escolar do que a senhora Kelly, mãe de vários garotos. Os cabelos soltos lhe caíam pelas faces.

Carol procurou mudar de roupa e deitar-se sem fazer o menor ruído para não despertá-la. Estirou-se na cama e ficou a pensar, os braços cruzados sob a cabeça. Freda ressonava profundamente, fazendo-a lembrar-se de Bill. Êle também dormia assim. Bill! No baralhar de pensamentos, ela também se lembrou de Scott... Durante

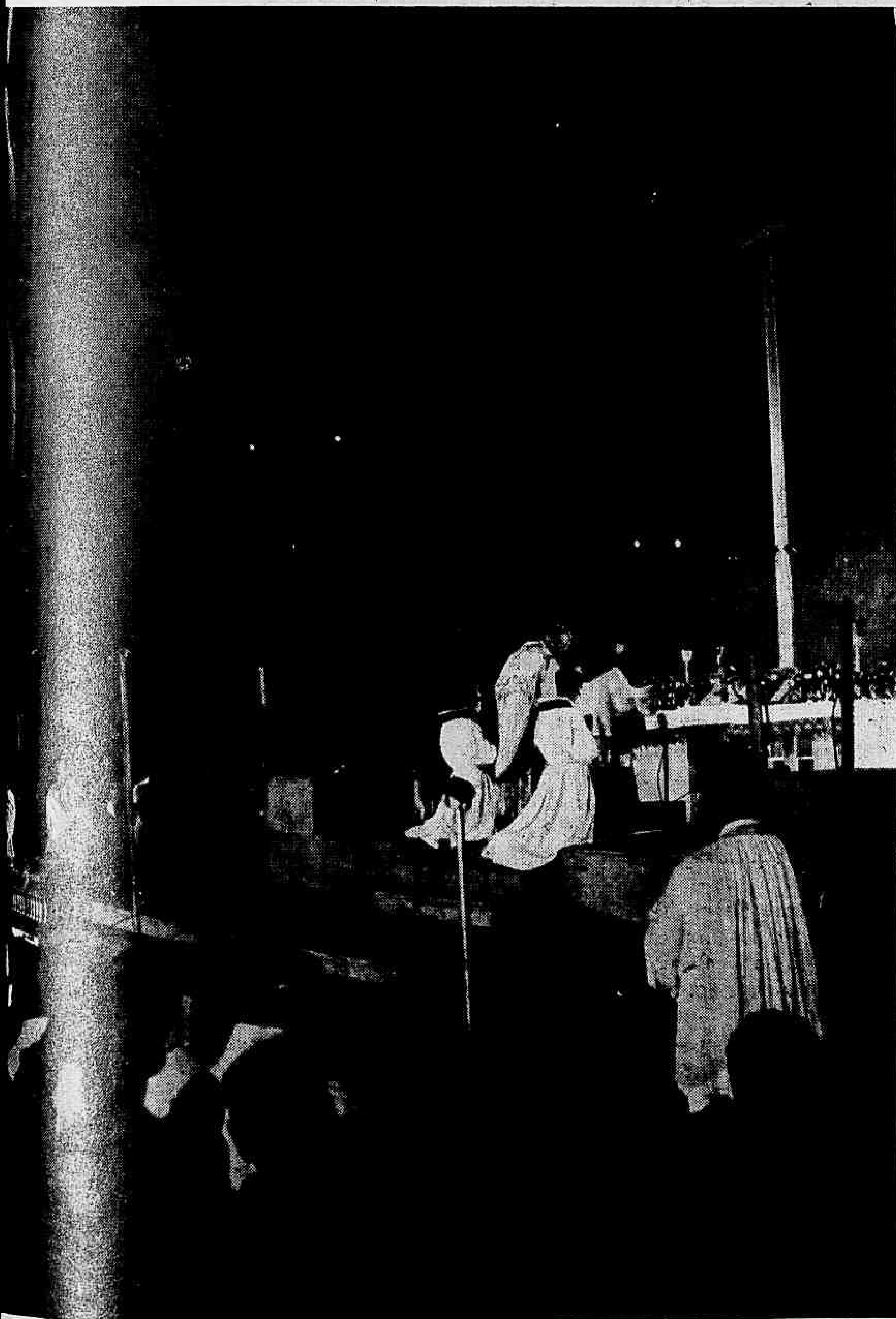
(Cont. na pág. 50)

SANTA TERESINHA EM PARIS

ANUALMENTE são realizadas em Paris, no Parc des Princes, grandes cerimônias em honra de Santa Teresa de Lisieux. Para ali afluem muitos milhares de piedosos devotos, ávidos de acompanhar as imponentes solenidades então repetidas, enquanto no meio do gramado faz-se construir enorme estrado com a cruz ao centro e rodeado de tribunas. Nesse suntuoso cenário tem lugar a representação do "Grand Jeu des vertus de la petite Sainte Thérèse", peça de Henri Brochet, eminente mestre do teatro católico francês. Trata-se de uma das mais ricas tradições teatrais da Idade Média, carinhosamente mantida. Naquele tablado, milhares de congressistas assistem a êsse precioso "Jeu". Ao lado das tribunas de honra, é também erguido um altar para a celebração da missa campal, rito só iniciado depois da chegada do cortêjo religioso acompanhando a urna que contém as relíquias de Santa Teresinha, falecida há cinquenta anos. Particularidade interessante: essa urna foi oferecida pelos fiéis do Brasil, podendo observar-se com nitidez na gravura inferior, à direita. Em todos os cantos do território francês e mesmo no estrangeiro essas comemorações são acompanhadas através do rádio.



E' tradicional, por ocasião das cerimônias a Santa Teresinha, a confissão dos "penitentes" aos monges de Lisieux, como se pode ver na gravura superior. Em baixo, à esquerda, aspecto da missa campal, assistida pelos fiéis da milagrosa padroeira, e, à direita, a chegada da urna contendos as relíquias de Santa Teresinha, levada aos ombros dos religiosos, à luz dos archotes. Refletores dispostos em pontos estratégicos, reforçam e emprestam ao grande desfile, uma imponência maior.





TUDO ISTO ACONTECEU

CÓCEGAS DE AMOR

ESTA notícia também nos chega de Los Angeles, que, por estar vizinha a Hollywood, sofre de acontecimentos cinematográficos.

A senhora Hoyce Holdridge casara-se com o sr. Noland Holdridge, há dois anos. Casamento imposto pelo mais justo e delicioso amor, base fundamental de tôda felicidade doméstica.

Mas, com surprêsa para Mrs. Holdridge, tôda vez que ela se aproximava do espôso tinha que ir para um hospital atacada de urticária.

Nas primeiras manifestações, não ligou uma coisa à outra, isto é, que a moléstia fôsse provocada pela aproximação do espôso. E voltava ao lar com um sorriso nos lábios desejosa de abraçar o marido.

Imediatamente a erupção a afligia novamente, e ela era forçada a voltar ao nosocômio. Que seria?

Foi a médicos especializados e êstes lhe disseram que sua urticária era consequência de alergia. O único meio de anular a doença seria separar-se do espôso. Mrs. Holdridge ficou triste, pensativa. Mas... que fazer? Não se divorciou. Foi mais radical: pediu e obteve anulação do casamento, pois, para maior segurança, podia ser que a moléstia surgisse alergicamente contra o divórcio.

Ao que parece, leitor, é êste o primeiro caso na espécie. Um casamento ser anulado justamente porque um homem ama a espôsa ardentemente e lhe transmite comichões de amor!

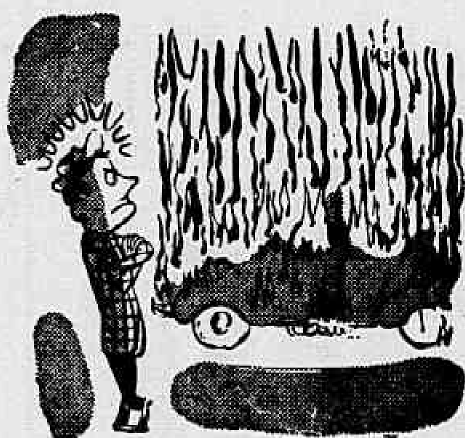
No entanto, aqui no Rio, ouvido a respeito, um médico ilustre confessou serem muito comuns casos idênticos de alergia, entre nós.

Os senhores sabiam?

Mas ainda bem que divórcio não há.



ANTIGAMENTE ERA ESTUPIDEZ



NARRAM telegramas de Los Angeles, divulgados em nossa imprensa, que um jovem de vinte e um anos, chamado Tom Freeman, vinha dirigindo seu automóvel modêlo 1946, quando teve que parar em face do fechamento do trânsito na direção em que ia.

Naquele cruzamento de ruas da cidade o movimento é sempre muito intenso. Logo que o sinal tornou a abrir-se para Freeman, êle meteu o pé no acelerador, mas o automóvel empacou. Freeman tentou, repetiu as manobras e nada de o automóvel andar.

Como era natural, ouviram-se buzinas dos outros que vinham à retaguarda, e o inspetor do trânsito procurou ajudar o dono do auto enguiçado. Depois de esgotados os recursos, Tom Freeman resolveu castigar exemplarmente o seu modêlo 1946. Mas, como? Espalhando gasolina dentro do carro e tocando fogo!

Prêso, foi levado à presença do sr. Juiz Municipal, Walter C. Allen, que lhe reprovou a atitude e o multou em cinquenta dólares.

Tom Freeman perdeu o seu auto e ainda pagou pelo procedimento atentatório aos bons costumes de uma cidade civilizada.

O telegrama não adianta mais nada. Apenas diz que o mocinho confessara ter perdido a parciência, como justificativa do seu gesto violento. Acharam que êle é um tipo "temperamental". Antigamente, dava-se a isso outro nome: estupidez.

Enfim... se o carro era dele, se mora êle numa terra democrática e tem o jovem Tom, o sobrenome de "Freeman", claro que está "livre o homem" para outras manifestações de temperamento, contanto que não queime os carros alheios...

PROCURANDO UM FANTASMA



NÃO há povo mais crédulo em matéria de almas do outro mundo e abusões de tôda espécie do que o inglês.

Sua literatura encerra grande percentagem de obras cuja base é a crença no Além e nos fantasmas.

Pelo filme inglês nós vemos o quanto isso é verdade. Para mostrar ao leitor mais uma prova que pode ser somada a tantas outras, aqui vai um anúncio publicado no famoso e sisudo "Times" de Londres:

"Pede-se a quem quer que tenha visto um fantasma em 1949, o favor de comunicar os detalhes a Denis Bardens Care, da Telasco Limited. Queen Street, 20, Londres, W-1, ou então telefonar para Mayfair, 5401."

Reproduzindo literalmente o anúncio dêsse angustiado inglês, esperamos que alguém no Brasil possa ajudar Mr. Care, vendo espontaneamente êsse querido fantasma ou promovendo sua visita a êste país muito precisado de certas personagens do astral...

Ninguém viu um fantasma por aí? Bem entendido, aquêle procurado por Mr. Care, pois fantasmas e assombrações é o que não falta, diariamente, à nossa frente.

E cada um...

"NÃO PROCUREIS SABER DOS MORTOS"



HÁ uma passagem do Deuteronômio, um dos livros do Pentateuco de Moisés, que diz isso ao homem. Mas, infelizmente, desde que o mundo é mundo e nele vivemos e morremos, jamais se deixou de mexer com os mortos.

Uma das maneiras científicas de incomodar os que se foram é a de analisar-se um dêsses corpos secos que andam por êsse mundo, fazendo parte da arqueologia dos vários países civilizados.

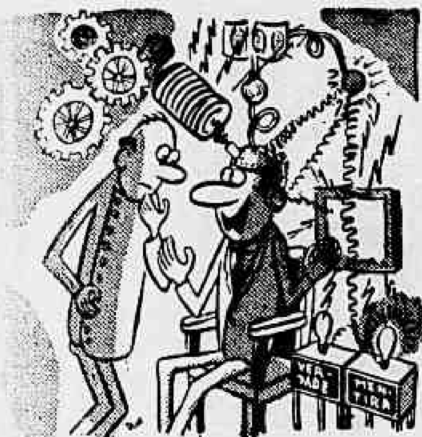
No Brasil tivemos o dr. Lund, descobridor do homem da Lagoa Santa, raça pre-Cabralina; no Ceará, o sábio Pompeu Sobrinho nos mostrou um tipo nordestino, descoberto lá pela Ibiapaba, em grutas misteriosas, como espécimem de milhares de anos antes de nossa era.

Agora se descobre no Peru uma múmia que, segundo os especializados em esqueletos, conta **apenas** 4.500 anos de enterrada. Essa descoberta se deve à doutora Rebecca Carrion, diretora do Museu Nacional de Antropologia e Arqueologia daquele país andino. Peritos passaram 34 dias estudando a origem e a idade daquela ossada e chegaram à conclusão de que a tal múmia, um sacerdote peruano, tinha 45 séculos!

Mas, francamente, não seria mais útil ao povo que procurássemos descobrir carne para comer do que ossadas de índios em igaçabas? Que diferença faz que a múmia de d. Rebecca tenha 45 séculos ou 45 milhões?

Queremos é carne! Especialmente de **peru!**

ALEGRIA DOS MENTIROSOS



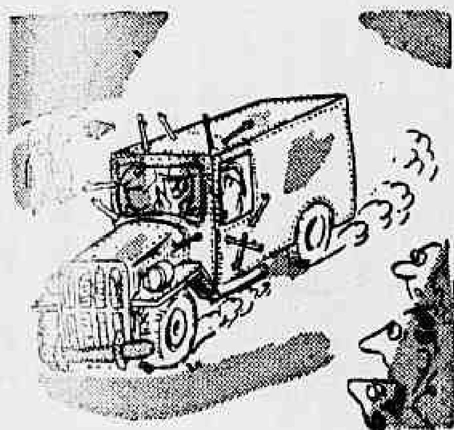
MUITA gente que dispõe de vagares, procura descobrir certas coisas neste mundo com o intuito de corrigir os defeitos morais da pobre humanidade.

Dentre tais indivíduos estava o sr. Leonard Keller, de Wisconsin, Estados Unidos, que, depois de vários anos de árduo labor, chegou a construir um aparêlho sensacional a que deu o nome de "Detector de Mentiras". E' claro que todos aquêles que apreciam o esporte das "pêtas" se manifestavam irritados com a invenção de Keller, achando muitos que o seu aparêlho invadia uma das mais justas províncias do saber humano. Se tal aparêlho existisse desde o começo da humanidade, Max Nordau não teria escrito aquela belíssima obra que se chama "As Mentiras Convencionais de Nossa Civilização", e o mundo não conheceria o seu dia máximo: 1º de abril...

Agora, com 46 anos, morre o inventor do "Detector de Mentiras", mas deixa aperfeiçoado o seu invento que, sem a presença de seu criador, poderá sentir as consequências que sofrem os órfãos desprestigiados...

Ou será que a notícia também não passa de outra mentira?

VERDADEIRA BARBADA



AS corridas de cavalos proporcionam emoções de tôda espécie. Entretanto, coube ao sr. W. D. Wedman o record em tais emoções. Êsse homem foi ao hipódromo de Melbourne e apostou duas libras em cinco cavalos com os quais ninguém fazia fé.

Depois da corrida, aquelas duas libras estavam convertidas em vinte mil e duzentas! Para receber a bolada o sr. Wedman requisitou um auto blindado da fôrça pública e, garantido por dois guarda-costas, foi à sede do Jóquei receber aquela fortuna.

Não resta a menor dúvida que se trata de um homem precavido, sensato e de muita sorte. Pediu tais garantias à polícia para aquelas vinte mil e tantas libras australianas, já depois da desvalorização, e se satisfez com um carro blindado e dois guardas; se fôsse antes da desvalorização, com certeza o sr. Wedman requereria uma companhia de tanques do exército!

O BINGO

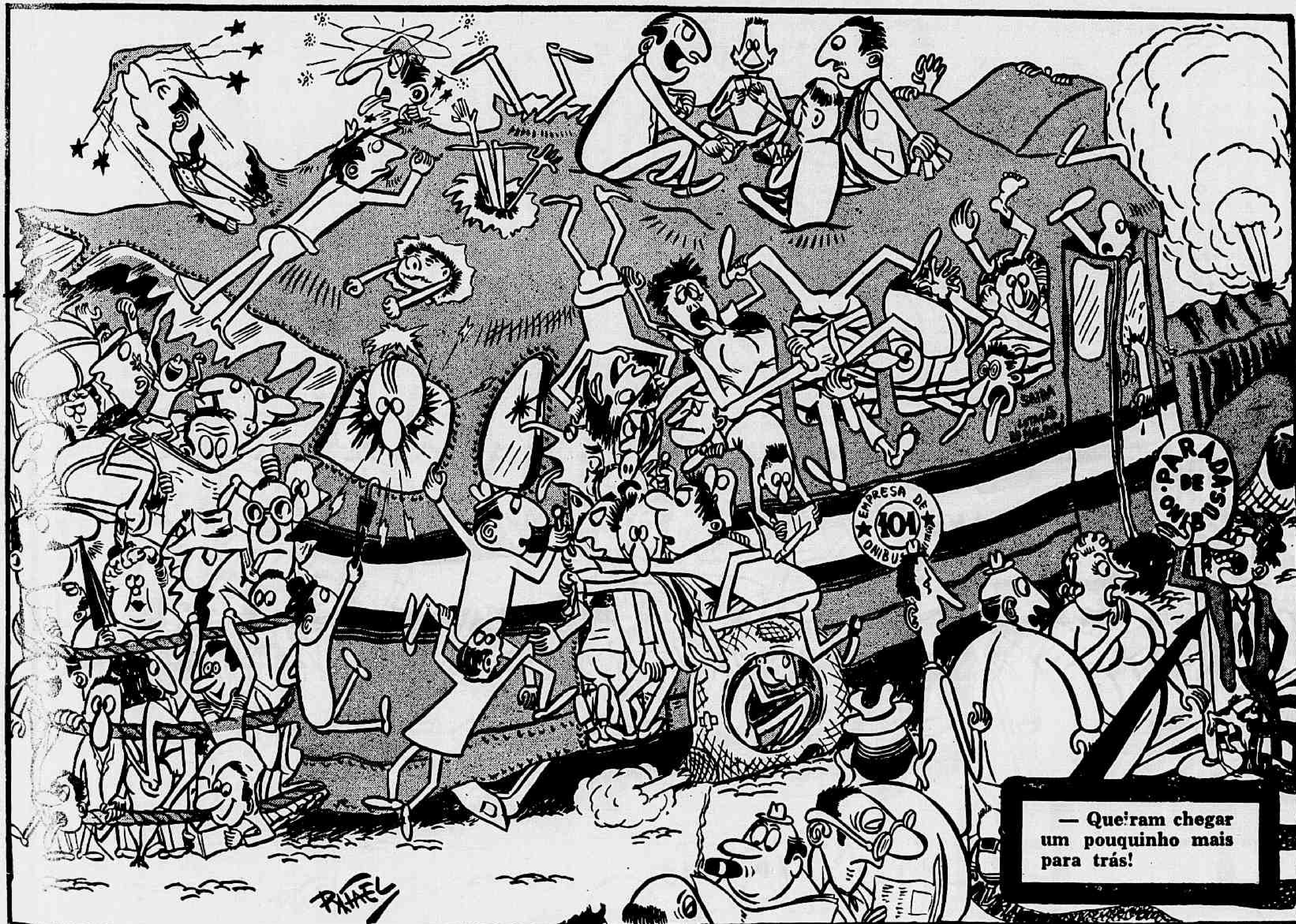
SUPERANDO o "Pif-Paf" em popularidade e sensacionalismo, está o Brasil invadido, de norte a sul, por uma nova espécie de jôgo de azar, o Bingo. Dizem que procede dos Estados Unidos. Não sabemos. Modalidade do víspora, porém, com certas características próprias, êsse tal de Bingo domina clubes sociais, centros de diversões, associações desportivas, numa investida que não encontra similar em nossa história de jogatinas.

E' interessante dizer que as autoridades ainda não tomaram providências para deter e acabar com êle em virtude de não estar classificado entre os jogos proibidos, de acoôrdo com o decreto que extinguiu os jogos de azar em todo o território nacional; entretanto, já houve um Estado que deu o alarma e proibiu o Bingo com tôda a fôrça de sua penetração.

Êsse Estado foi o Rio Grande do Norte.

O grito de guerra ao Bingo irrompeu dos senhores legisladores da Assembléia de Natal, em forma de apêlo, o que foi muito bem recebido pelo executivo, que fêz publicar no jornal oficial "A República", uma nota que termina assim:

"O pronunciamento dos senhores encontrou eco, como era de se esperar, no maior responsável pelos assuntos que dizem com o equilíbrio social e com os costumes, determinando o chefe do Executivo que providências especiais sejam adotadas para a proibição efetiva e imediata do Bingo e dos jogos em que predomina o fator "sorte". Não se poderá dizer, êste ano, a um jogador de Bingo: "Feliz Natal..."



— Queiram chegar um pouquinho mais para trás!



ESMOLAS

QUANTA gente há, que pede esmolas? Não falo nesses que sentam na sargeta e estendem a mão, muitas vêzes suja e aleijada, mas dos outros, bem vestidos, bem apresentados, que andam pedindo, não com estas frases corriqueiras que sobem das sargetas aos ouvidos de quem passa:

— Uma esmolinha pelo amor de Deus!

— Tenha pena dum cego!

— Há trs dias que não como!

— Meu senhor, um troquinho.

— Um tostão, moça!

Não dos que pedem assim! Falo é dêsses que entram nas casas, tão paramentados, que os donos nem sequer sonham que por trás do sorriso flamante, polido, se esconde (bem escondido, à espera da hora propícia...) um pedido de esmola.

E' dêsses!

As pessoas mais acostumadas, com mais traquêjo, mais experiência da vida, conhecem de longe êsse tipo de esmoleiro. Vêm pisando de leve para não estragar o tapete; não tiram o sobretudo meio surrado para não dar trabalho ao porteiro e mesmo para que êle não veja o triste estado do fôrro e sentam na pontinha da cadeira estofada para saltar, logo que apareça no umbral da porta a figura venerável (e até certo ponto assustadora) do dono da casa e dos favores.

Sorriem. Quem vê êsse sorriso pode jurar que não há criatura mais feliz no mundo. Até o homem do poder é enganado pela onda de bom humor. Pensa que... Sabe lá o que êle pensa! Mas se não tem alguma experiência pensará tudo, menos em pedidos.

Há uma troca de amabilidades. O dia está maravilhoso! A saúde do senhor é de ferro! Ninguém ocupou êste cargo com tanta maestria. E assim vai durante quase meia hora. O homem do cargo importante nem sequer imagina que está sendo observado em suas menores reações, nem nota que o visitante o examina como o gato o buraquinho da parede por onde o rato costuma aparecer. Olha. Observa. E' que êle não quer perder o momento que mais lhe fôr propício. Depois, quando crê que é hora, atira-se num salto audacioso, mas assim mesmo ainda com um sorriso e com a diplomacia de antes:

— Doutor... — invariàvelmente o dono da casa, do cargo e dos favores, é doutor, seja do que seja. — Consta que há uma vaga na repartição. E como o senhor sabe — talvez não saiba... — tenho um rapaz que, não é por ser meu sobrinho, creio ser suficiente. Êle tomaria conta do serviço com tôda eficiência possível. E com honestidade e critério. Penso que se... — a pausa é sempre necessária. Durante êsse pequeno intervalo estuda as mínimas reações do importante. Se o doutor tem bigode, por certo, irá torcê-lo. Se fuma, terá seu pigarrinho. E se não, levantará da cadeira, nervoso, hesitante e passeará pela sala.

(Cont. na pág. 51)

POR **THEREZA DE ALMEIDA** ★ ESPECIAL PARA A **REVISTA DA SEMANA**

NESTE NÚMERO

ATUALIDADES

Ouro Prêto não precisa de esmolas 3/
Como é triste fazer graça! 8/
Já se pode ir ao céu sem morrer 21/
Elas brincam de patinar no gêlo 34/
Santa Teresinha em Paris ....

REPORTAGENS

"Jerusalém está no meu coração!" (Levy Kleiman) 11/
Nudismo? Não! — Miséria (Vinicius Lima) .. 16/
Rio — uma cidade entupida (João Alvarenga) 28/

LITERATURA

Obediência (Tancredo Fayão Pinheiro) 24/
História de uma luva branca (Nísio da Silva Pinto) ....
Viver com amor (Margaret G. Nichols) ....
Esmola (Teresa de Almeida) ....

SEÇÕES PERMANENTES

A semana em revista — A personagem da semana ....
Púxe pelo cérebro ....
Música (Roberto Lyra Filho) 47
Vida literária (E. Catete Reis) ....
Tudo isto aconteceu 56/

TEATRO

Tem a palavra Silveira Sampaio 37/

RÁDIO

O galã que se desiludiu do cinema (A. Migueis) 26/27

HUMORISMO

O nome do pagão (Theo) ....
Bom humor ....
"Charge" de Rafael ....

PARA A MULHER

Nos bastidores femininos (O.B.) ....
Problemas da mulher (M. Mercedes Santos)
Chapéus de palha ....
Silhuetas juvenis ....
A saúde do bebê (Dr. Sabóia Ribeiro) ....
Blusas brancas ....
Mães e filhos (Anamaria Célia) ....
"Week-end" na cozinha ....

FOLHETIM

Scarlet ....

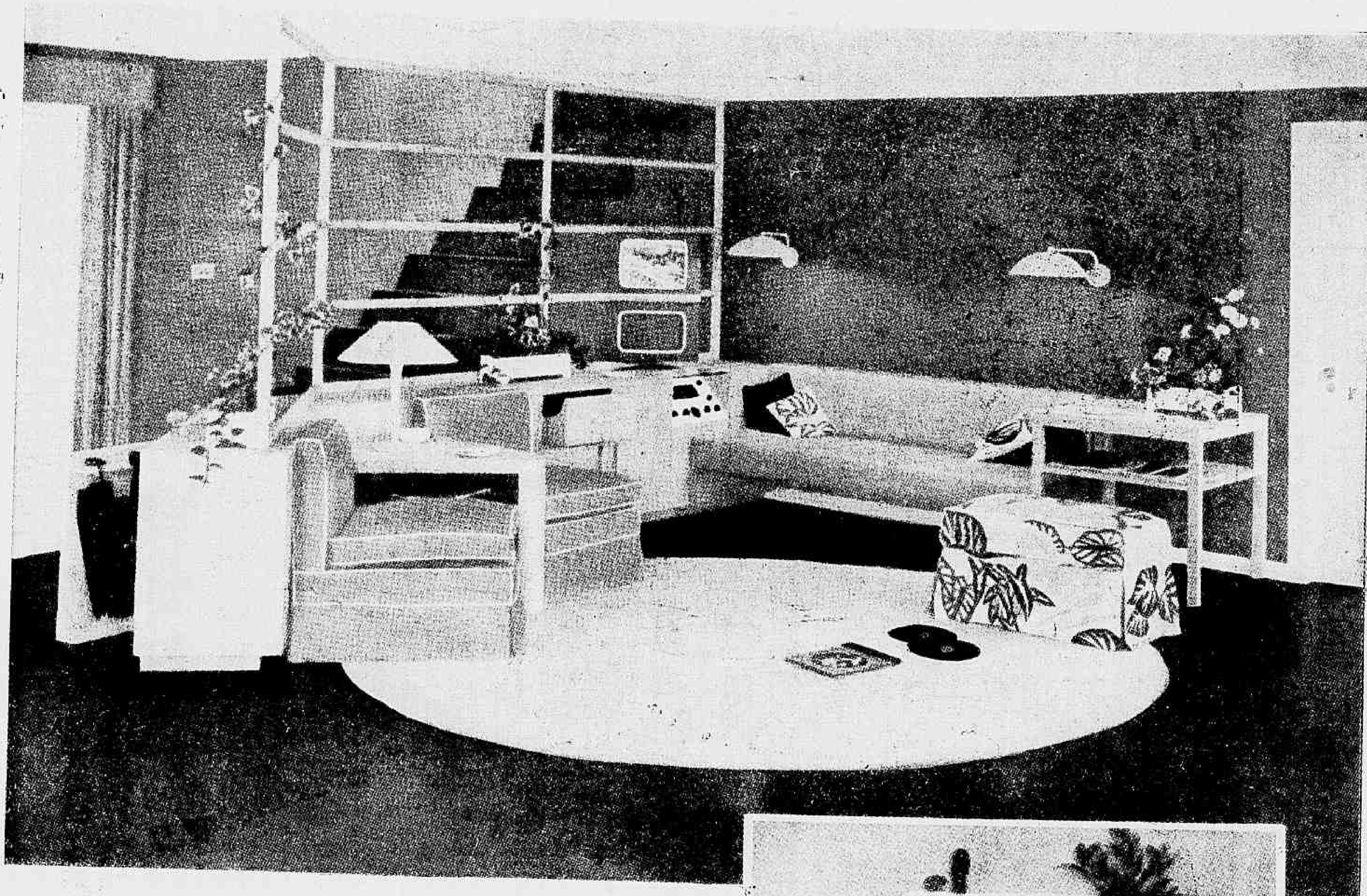
NA CAPA

Rosalind Russell (Foto RKO-Radio)

PUXE PELO CÉREBRO

Respostas às perguntas da página 7

1 — Uma semana.
2 — Vicente Pinzon.
3 — "Diário de Pernambuco".
4 — Cinco.
5 — Código Comercial.
6 — Diogo Álvarez.
7 — Fluminense.
8 — Uma praça.
9 — 1709.
10 — Rua do Passeio n.º 70.
11 — Freud.
12 — Treze.
13 — Inglêsa.
14 — A Candelária.
15 — Teixeira de Freitas.
16 — 140.
17 — S. José del Rey, hoje Tiradentes.
18 — Praça Tiradentes.
19 — 1755.
20 — 13 de Maio.





Mobiliários e Decorações

que se impõem pela beleza, originalidade e preços

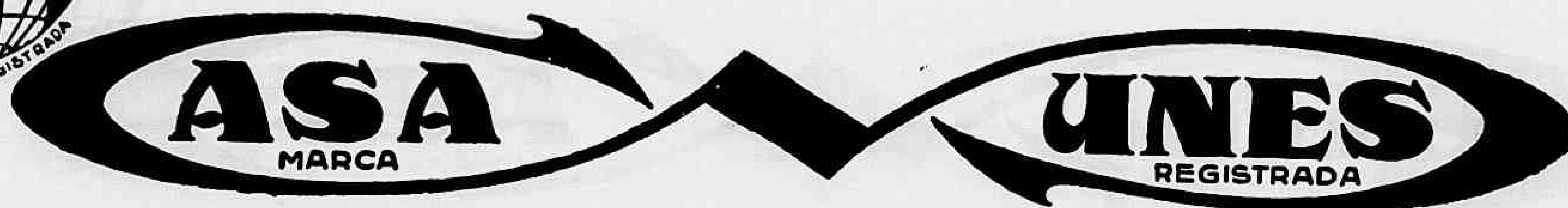
Orçamentos e sugestões executados por técnicos-decoradores



Acabamos de receber da Inglaterra novos tipos de **TAPETES** de pelúcia e **TAPATES** e **PASSADEIRAS** com flores

Grande sortimento de **TAPETES** e **PASSADEIRAS** franceses, tchecos, persas (legítimos), portuguêses e nacionais — diretamente das fábricas





65 — RUA DA CARIOCA — 67 — RIO



O elegantíssimo Golden Room do Copacabana Palace, com suas magníficas orquestras e shows internacionais é o ponto de reunião preferido pela alta sociedade carioca.

Onde se divertem pessoas de bom gosto...

aí se encontram os cigarros Hollywood

O convívio *dela*... o ambiente agradável de uma *boite* elegante... e um cigarro Hollywood, são prazeres que se completam. Fumar um Hollywood é algo de repousante — um complemento perfeito das horas de lazer ou de trabalho. Hollywood é uma tradição da sociedade brasileira, por sua suavidade toda especial... e seus fumos escolhidos. Por isso V. simplesmente não pode dispensar Hollywood...



cigarros

Hollywood

uma tradição de bom gosto

Companhia de Cigarros **SOUZA CRUZ**